



Sérgio Vieira Lopes

OS REFUGIADOS NO CONTEXTO EUROPEU: Proposta de aplicação didática

Relatório de Mestrado em Ensino de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário orientado pela Professora Doutora Fátima Velez de Castro e pela Professora Doutora Adélia Nobre Nunes, apresentado ao Departamento de Geografia e Turismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Outubro, 2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

Os refugiados no contexto europeu: Proposta de aplicação didática

Tipo de trabalho	Relatório de estágio
Título	OS REFUGIADOS NO CONTEXTO EUROPEU: PROPOSTA DE APLICAÇÃO DIDÁTICA
Autor/a	Sérgio Manuel Vieira da Silva de Figueiredo Lopes
Orientador/a	Professora Doutora Maria de Fátima Grilo Velez de Castro
Coorientador/a	Professora Doutora Adélia de Jesus Nobre Nunes
Júri	Presidente: Professora Doutora Ana Isabel Sacramento Ribeiro
	Vogais:
	1. Professor Doutor João Luís Jesus Fernandes
	2. Professora Doutora Maria de Fátima Grilo Velez de Castro
Identificação do Curso	2ºCiclo em Ensino de Geografia no 3ºciclo de Ensino Básico e Ensino Secundário
Área científica	Geografia
Especialidade/Ramo	Ensino de Geografia
Data da defesa	10-10-2017
Classificação	15 valores





UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

Os refugiados no contexto europeu: Proposta de aplicação didática

Sérgio Manuel Vieira da Silva de Figueiredo Lopes

Relatório de Mestrado em Ensino de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, orientado pela Professora Doutora Fátima Velez de Castro e pela Professora Doutora Adélia Nunes

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Declaração de Autoria

Eu, Sérgio Manuel Vieira da Silva de Figueiredo Lopes, aluno nº 2012131873, declaro que:

- a) Tomei conhecimento do disposto no Regulamento Disciplinar dos Estudantes da Universidade de Coimbra;
- b) Sou o único autor do Relatório intitulado *Os refugiados no contexto europeu: Proposta de aplicação didáctica*, apresentado para obtenção do grau de Mestre em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, pela Universidade de Coimbra.

Declaro ainda que identifiquei de forma clara e citei corretamente trabalhos de outros autores que tenham sido utilizados neste trabalho; no caso de ter utilizado frases retiradas de trabalhos de outros autores, referenciei-as devidamente ou, se as redigi com palavras diferentes, indiquei o original de onde foram adaptadas.

Assim, declaro que não há qualquer plágio (apropriação indevida da obra intelectual de outra pessoa) no documento entregue e que reconheço que tal prática poderia resultar em sanções disciplinares e legais.

Data 11/09/2017

Assinatura

Sérgio Vieira Lopes

Quando os ricos fazem a guerra, são sempre os pobres que morrem.

Jean-Paul Sartre

Liberdade de migrar, sim, mas não de fazer migrar.

Giovani Scalabrini

A guerra é um massacre entre pessoas que não se conhecem para proveito de pessoas que se conhecem mas não se massacram.

Paul A. Valéry

Resumo

A Geografia, dada a sua transversalidade, não pode ignorar a atual crise dos refugiados, que não se limita a cidades destruídas, mas também a milhões de indivíduos deslocados. O acolhimento e a recolocação dos refugiados terão múltiplos impactos. Os geógrafos, através dos estudos e previsões que vêm fazendo, têm um papel preponderante, na resolução de algumas das dificuldades que cada vez são mais notórias, nomeadamente a nível demográfico. Também o professor de geografia tem o privilégio de contactar com os jovens estudantes e, dado o currículo de alguns anos letivos pode abordar, discutir, e sensibilizar os alunos para esta situação.

Durante o ano de estágio, para a abordagem ao tema dos refugiados foram utilizadas estratégias de modo a que o aluno tivesse um contato mais próximo desta situação.

Quando se procurou conhecer o que os alunos sabem e pensam acerca dos refugiados foi redigida e dada a preencher na sala de aula uma “sondagem-inquérito”¹ que, após ter sido avaliada e analisados os seus resultados pelo estagiário, foi discutida com toda a turma.

O relatório é o reflexo de um ano letivo em que, pela primeira vez, pomos o nosso conhecimento em prática, sendo também um desafio a que nos propusemos: saber ensinar e ensinar a aprender.

Palavras-chave:

Ensino de Geografia; Migrantes; Migrações forçadas; Refugiados; ACNUR.

¹ O inquérito foi referido como “sondagem-inquérito” com o objetivo de ultrapassar dificuldades burocráticas.

Abstract

Geography, given its cross-cutting nature, cannot ignore the current refugee crisis, which is not limited to destroyed cities but also millions of displaced individuals. The reception and relocation of refugees will have multiple impacts. Geographers, through the studies and forecasts they have been doing, have a preponderant role solving some of the most striking difficulties, especially at the demographic level. Also the geography teacher has the privilege to contact with the young students and, given the curriculum of some school years can approach, discuss, and sensitize the students to this situation.

During the internship year, to address the issue of refugees strategies were used so that the student had a closer contact with this situation.

In order to get to know what the students know and think about the refugees, it was written and given to fill in the classroom a "inquiry-poll"² which, after having been evaluated and analysed by the trainee, was discussed with the whole class.

The report is the reflection of a school year in which, for the first time, we put our knowledge into practice, and it is also a challenge that we have set ourselves: to teach and teach to learn.

Key words:

Geography Teaching; Migrants; Forced migrations; Refugees; UNHCR.

² The inquiry was referred to as "inquiry-poll" in order to overcome bureaucratic difficulties.

Résumé

La Géographie, compte tenu de son caractère transversal, ne peut pas ignorer la crise actuelle des réfugiés, qui ne se limite pas aux villes détruites, mais concerne aussi des millions de personnes déplacées. Le déplacement et le logement des réfugiés auront des impacts multiples. Les géographes, par des études et des prévisions qui font depuis longtemps, ont un rôle de premier plan dans la résolution de certaines difficultés de plus en plus visibles, surtout de nature démographique. De plus, le professeur de Géographie a le privilège du contact avec les jeunes étudiants compte tenu du programme de quelques années scolaires, peut aborder, discuter et sensibiliser les élèves à la situation.

Au cours de l'année de stage, pour aborder la question des réfugiés, on a utilisé des stratégies pour que l'élève ait un contact plus proche avec cette situation.

Lorsque nous avons essayé d'apprendre ce que les élèves savent et pensent sur les réfugiés, nous leur avons demandé de remplir un "sondage-enquête"³ dont les résultats ont été discutés avec toute la classe, après avoir été évalué et analysé par le stagiaire.

Le rapport est le reflet du travail de toute une année scolaire pendant laquelle, pour la première fois, nous mettons en pratique nos connaissances et est aussi un défi que nous nous sommes fixé: savoir enseigner et enseigner à apprendre.

Mots-clés:

Enseignement de la Géographie; Migrants; Migrations forcées; Réfugiés; HCR.

³ L'enquête a été appelée «sondage-enquête» dans le but de surmonter des difficultés bureaucratiques.

Agradecimentos

Este estudo é o culminar de um percurso académico tardio, mas gratificante. Com alguns percalços durante este trajeto, com maior ou menor dificuldade, consegui que as adversidades fossem ultrapassadas. No entanto, seria injusto não repartir o êxito alcançado com quem sempre esteve a meu lado, dando-me o apoio e o incentivo que me permitiram alcançar este objetivo.

À Professora Doutora Fátima Velez de Castro, orientadora deste relatório, pelo seu empenho, dedicação, disponibilidade e paciência demonstrados ao longo da sua realização. Um agradecimento especial pela confiança em mim depositada e pelo incentivo dado, não só nesta “etapa final”, como durante a licenciatura. Não posso deixar de referir a sua vertente humana e a sensação que transmitiu, que em si podia ver não só a docente, como também, e atrevo-me a dizer, a amiga.

À Professora Doutora Adélia Nobre Nunes, coordenadora do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário e coorientadora deste relatório, pela disponibilidade que sempre demonstrou nesta fase tão importante desta meta académica, pelo seu empenho e dedicação, pela relação de proximidade para com os alunos, o que tanto contribuiu para o nosso sucesso. A ela deixo o meu sincero agradecimento.

À professora Maria José Reis pela passagem dos saberes que a prática de docente lhe conferiu.

Aos professores do Departamento de Geografia e de História pelo conhecimento que durante a licenciatura passaram aos seus alunos, nos quais me incluo.

À Ana Maria Cortez, pela ajuda prestada e disponibilidade demonstrada.

Aos colegas e amigos com quem mais de perto privei e aos bons momentos proporcionados.

Aos docentes da Escola Básica 2º e 3º Ciclos Inês de Castro e aos seus auxiliares de educação.

Aos “meus” alunos do 8º ano, que ficarão na minha memória como, “os meus primeiros meninos”. Da irreverência de alguns, aos gestos simpáticos de outros e também às palavras carinhosas que felizmente pude ouvir. Também eles fizeram parte deste projeto.

Um agradecimento também aos docentes da Escola Secundária D. Duarte, aos seus auxiliares de educação e aos alunos do 10º ano que me proporcionaram o contato com o ensino secundário.

Aos colegas de estágio, Patrícia e Rafael, pelo apoio e espírito de entreajuda demonstrados.

Aos familiares que desde início acreditaram em mim, me incentivaram e se mantiveram sempre a meu lado.

Por fim, e seria injusto não realçar o enorme incentivo vindo da minha mulher, a Anabela, a grande responsável por todo o meu trajeto e sucesso universitário. Nas horas mais difíceis, em que sempre estive a meu lado e me ajudou, tal como nos melhores momentos, em que fez questão de também demonstrar a sua satisfação pelos êxitos que alcancei. Aos meus filhos, Catarina e Diogo que, de modos diferentes, me deram também um valioso contributo.

A todos vós, o meu Muito Obrigado.

Índice

Resumo.....	V
Agradecimentos	viii
Introdução.....	1
Metodologia.....	6
Primeira fase – avaliação prognóstica	9
Segunda fase – “Sondagem-Inquérito”	9
Terceira fase – Os resultados e o debate.....	9
Quarta fase – A realização de um trabalho prático sobre os refugiados.....	9
1ª PARTE – Caraterização do Estágio Pedagógico.....	11
1. Dinâmicas do Estágio	11
1.1 Núcleo de estágio.....	11
2. Caraterização do Agrupamento Escolar.....	13
3. Enquadramento geográfico da escola.....	15
4. Caraterização das turmas.....	17
5. Caracterização do agregado familiar.....	20
6. Condições e hábitos de estudo	21
7. Atividades no âmbito do estágio (letivas).....	22
7.1 Preparação das aulas	22
7.2 Métodos de lecionação dos conteúdos programáticos.....	23
7º Ano	23
8º Ano	27
8.Outras atividades no âmbito do estágio (extraletivas).....	33
Leiria – “Mais de 100” – 8º ano	33
Interdisciplinaridade	34
2ª PARTE - Enquadramento Teórico.....	37
1. Discussão de conceitos e tipologias migratórias.....	37
Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados.....	37
Protocolo de 1967.....	39
Deslocado.....	40
Asilado.....	41
Refugiado	43
Asilo vs. Refúgio	45
2. Escolas e teorias das migrações	53

3. Os Refugiados e os organismos relacionados	56
4. Reflexão sobre a figura do “Refugiado” na atualidade: contributo para a “desmitificação”	61
5. Os antecedentes da atual crise dos Refugiados.....	63
6. A crise dos Refugiados na Europa	65
7. A Frontex	68
3ª PARTE – Aplicação Didática	70
CAPÍTULO 1 – Enquadramento do tema nas metas e conteúdos programáticos da disciplina de Geografia	70
Conclusão	89
Bibliografia	93
Outras fontes.....	95
Índice de Figuras	100
Anexos	102
Anexo – 1 PIF	102
Anexo 2 – “Sondagem/Inquérito”	110
Anexo 3 – Planificações.....	113
Planificação a Longo Prazo	113
Planificação a Médio Prazo	115
1º Período	115
2º Período	119
3º Período	123
1ª aula Assistida – 17/02/2017	126
2ª aula assistida – 19/05/2017.....	131
Anexo 4 – Fichas para preencher durante a aula.....	139
1ª aula assistida – 17/02/2017.....	139
2ª aula assistida – 19/05/2017.....	146
Anexo 5 – Grelha de avaliação dos Trabalhos Práticos para a exposição.....	148
Anexo 6 – <i>PowerPoint</i> a partir do seria promovido o debate sobre os refugiados	149
Anexo 7 – Abordagem do tema das migrações no 8º ano.....	153
Anexo 8 – Abordagem do tema das migrações no 10º ano.....	156
Anexo 9 – Programa da visita de estudo a Leiria	159
Anexo 10 – Descrição da visita de estudo a Leiria	161
Anexo 11 - Descrição da visita de estudo a Santarém	164

Santarém – 11º ano	164
Anexo 12 – Medidas a tomar para a solicitação de Asilo (SEF).....	166
Anexo 13 – Prospeto da Rede CLAIM.....	171
Anexo 14 – Tutorial da construção de um gráfico termopluviométrico	172
Anexo 15 – Conteúdos programáticos lecionados (7º ano).....	180
Anexo 16 – Conteúdos programáticos lecionados (8º ano).....	185

Introdução

Ao ingressar na licenciatura de Geografia, fi-lo com a consciência de que o percurso que tinha à minha frente não se iria limitar ao estudo da Terra e/ou à sua descrição, que é o que o nome Geografia deixa implícito. Com efeito, a palavra deriva do grego “Geo = Terra + Grafia = Descrição”. Na verdade, a sua transversalidade confere-lhe uma responsabilidade que tem um alcance muito superior ao que geralmente lhe atribuem.

Esta limitação é perfeitamente compreensível. Na década de 60 e anteriores do século XX, os principais temas debatidos no ensino de geografia eram as serras, os rios, os oceanos os países e capitais. Desde muito cedo a área de influência desta disciplina era demasiado restrita, imagem que, para muita gente, ainda perdura.

Contrariando a ideia de limitar a Geografia ao estudo da Terra, está o facto de muitos geógrafos terem dedicado grande parte do seu estudo à “geografia humana” tendo alguns feito e publicado estudos que os imortalizaram no mundo da geografia.

Os geógrafos franceses La Blache, Jean Brunhes e Albert Demangeon ou os portugueses Orlando Ribeiro, a sua esposa Suzanne Daveau e Amorim Girão, são alguns dos nomes que se destacaram no estudo da geografia humana e em certos casos, da sua relação com a geografia física, assim como no ensino.

Ao contrário de muitos colegas e professores, não posso afirmar que a docência foi um sonho que alimentei desde jovem. Esta decisão, de abraçar a carreira da docência é recente, no entanto, depois de tomada, reconheço que foi a melhor escolha de entre as diversas variantes que a licenciatura de Geografia proporciona.

Nesse sentido, e depois de realizar o primeiro ano do Mestrado em Ensino da Geografia (2º e 3º Ciclo e Ensino Secundário), na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde me foi transmitida a teoria de como lecionar apercebi-me que tinha tomado a decisão certa. No segundo ano, que correspondeu ao estágio pedagógico curricular, pus em prática a teoria aprendida e apreendida no ano anterior, tentando aperfeiçoá-la durante o decorrer do ano letivo, o que, não só na minha opinião, e restante núcleo, foi conseguido. As aulas que me

foram atribuídas não foram lecionadas apenas pela obrigatoriedade de perfazer o número mínimo obrigatório que se impõe. O prazer de transmitir conhecimento a estes jovens, contribuiu para atenuar as dificuldades que eventualmente possam ter surgido.

Tendo em conta os conteúdos programáticos de Geografia, a sua transversalidade, o estudo de fenómenos naturais e antrópicos, que permitem várias observações, entre elas as de índole social, optou-se por fazer um estudo sobre a questão dos refugiados na Europa. A escolha deste tema e a sua concretização, terá para mim um duplo significado.

Em primeiro lugar, concretizar este percurso, será o “concluir e o ultrapassar” uma meta à qual me tinha proposto, apenas a licenciatura. Trata-se de um estudo que versa sobre um tema tão presente e, por que não dizê-lo, chocante, não apenas pelas notícias com que diariamente somos confrontados, pelas imagens constantemente divulgadas ou mesmo pelos comentários que se leem nas redes sociais mas, principalmente por sabermos que esta tragédia podia nunca ter atingido semelhantes proporções se, da parte dos responsáveis houvesse uma componente humana que lhes permitisse olhar em redor e não terem apenas uma visão toldada pela sede do poder, da vingança e de outros interesses que em nada beneficiaram as populações das áreas em conflito. Pelo contrário, estamos perante uma tragédia que vitima diariamente pessoas que, na sua maioria, em nada estão interessadas nesta situação de terror. É em milhões que se contabilizam as vítimas até agora afetadas pelas disputas, na sua maioria, políticas, ideológicas e xenófobas.

Num artigo publicado na página oficial do ACNUR⁴ a 20 de setembro de 2016⁵, Willian Spindler, porta-voz do ACNUR, já avisava que a travessia do Mediterrâneo em 2016 seria mais letal do que os registos efetuados em anos anteriores, o que se veio a confirmar.

Em fevereiro de 2014, a UNICEF⁶ e o ACNUR, juntamente com outros parceiros internacionais da ONU⁷ – Mercy Corps, Save the Children e World Vision – lançaram uma petição⁸ para

⁴ Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

⁵ Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/mais-de-300-mil-refugiados-e-migrantes-cruzaram-o-mediterraneo-em-2016/> (acedido em 19/03/2017)

⁶ Fundo das Nações Unidas para a Infância

⁷ Organização das Nações Unidas

⁸ Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/agencias-da-onu-pedem-1-milhao-de-assinaturas-para-salvar-5-milhoes-de-criancas-sirias/> (acedido em 16/03/2017)

pressionarem os líderes, o que, segundo as referidas instituições, poderia salvar cerca de 5 milhões de crianças vítimas da guerra. Têm sido muitas as tragédias ocorridas, muitos também têm sido os esforços no sentido de por termo a este tipo situações, no entanto o entendimento entre as partes em conflito continua num horizonte ainda muito longínquo.

Em segundo lugar, a concretização deste relatório é uma realização pessoal que, apesar de pouco ou nada ajudar grupos tão fragilizados, me deixa, interiormente, com a sensação que fiz algo em prol “destas gentes”. No entanto, se este relatório não vai poder servir como um alerta, estou certo que, como docente de Geografia, tendo em conta a sua transversalidade, serão muitas as ocasiões em que temas de índole social, êxodos e os diversos tipos de migrações serão abordados, pondo, desse modo, a Geografia ao serviço da comunidade, como já vem sendo habitual. Não podemos ignorar a componente social que pode e deve ser abordada por nós, futuros professores de geografia, sensibilizando os alunos para a “preservação e sustentabilidade”.

Por norma, quando referimos a preservação e sustentabilidade, associamo-las a um discurso sobre os recursos naturais, a preservação e o equilíbrio da ecologia. Sendo que o prefixo “eco” deriva do grego “oikos” que significa “casa” ou “família”, podemos inferir que a ecologia pode não se aplicar apenas aos ecossistemas mas também, à preservação da família, do lar e do Homem (Haubrich *et. al.* 2007, p. 2)⁹. Assim, pode-se fazer o apelo ao “Desenvolvimento Sustentável da Sociedade”, ou seja, igualdade de oportunidades de vida para todos.

Ainda sobre o papel desta ciência na/para a sociedade, Godinho¹⁰ (2015, p. 34) cita Esteves (2006) onde a importância da Geografia, em contexto escolar, pode contribuir para a afirmação do aluno perante a sociedade apresentando estudos nas suas áreas de residência.

No estudo da demografia a nível mundial, um dos temas é o estado de evolução e os contrastes entre PD¹¹ e PED¹². Mais uma vez, é ao professor de geografia que cabe a responsabilidade de sensibilizar os alunos, não só em relação aos PED, como em relação a toda a população que, por motivos diversos, esteja privada das condições mínimas e aceitáveis

⁹ In: Declaração de Lucerne sobre a *Educação Geográfica para o Desenvolvimento Sustentável*

¹⁰ Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário

¹¹ Países Desenvolvidos

¹² Países Em Desenvolvimento

de vida, as quais muitas vezes derivam de situações de mobilidade associadas às migrações forçadas.

É por todos estes motivos que o tema, “*Os refugiados no contexto europeu: Proposta de aplicação didática*” foi escolhido com a consciência de que ainda há muitos cidadãos com necessidade de serem esclarecidos e sensibilizados acerca da presença dos refugiados na Europa e, conseqüentemente, em Portugal. No entanto, é a falta de informação, ou a informação “distorcida” que, muitas vezes induz em erro. Apesar disso, nem sempre é esse o motivo que está associado à resistência que certas pessoas têm relativamente ao acolhimento que se possa dar, ou não, aos refugiados. O receio de novas culturas, ideais políticos, religiosos e motivos económicos são algumas das razões que, em certos casos têm criado um sentimento de “resistência à entrada” em certas pessoas relativamente ao acolhimento de refugiados. A dúvida da existência de terroristas entre os migrantes, tem sido, por vezes, o motivo de aceitação difícil ou mesmo de repulsa à população migrante. Também a desconfiança relativamente à ideia de que o dinheiro público é “gasto”, por via da Segurança Social nestes migrantes, assim como o receio referente à concorrência no mercado de trabalho.

Por isso se justifica a necessidade de aprofundar a questão dos refugiados na Europa contemporânea, sendo a escola em geral e a disciplina de Geografia em particular, uma via privilegiada para esclarecer a comunidade académica sobre a temática.

Refira-se ainda que o relatório está dividido em três partes. Na primeira pretendeu-se fazer uma reflexão acerca do conhecimento que se tem sobre o tema a desenvolver e delinear estratégias para passar da teoria para a prática.

Na segunda parte a aplicação didática do tema do relatório em contexto de sala de aula. O debate com os alunos acerca da crise dos refugiados com base nos resultados da “sondagem-inquérito” que tinha sido feita e as orientações dadas aos alunos para que, com a matéria assimilada, conseguissem transpô-la numa exposição, de modo a dar a conhecer à restante comunidade escolar alguns saberes acerca dos movimentos dos refugiados no Mundo, na Europa e em Portugal.

Deste modo, achou-se que seria pertinente delinear um plano que permitisse passar alguns dos saberes adquiridos para um contexto prático, de preferência num modelo em que os principais atores fossem os alunos do 8º X. Foi a partir deste desejo, dar aos alunos o “papel principal”, num relatório em que o tema fulcral são os refugiados, que surgiu a ideia de, através da “sondagem/inquérito” e de um trabalho prático para a realização de uma exposição sobre os refugiados, lidar com eles de uma forma mais aproximada, fomentando a sua curiosidade pelo tema em questão.

Metodologia

A realização deste relatório teve o seu início numa leitura aprofundada de vários autores, acerca do estado da arte do tema a desenvolver. Recorde-se que a aplicação didática foi referente ao tema das migrações, mais especificamente sobre a crise dos refugiados na Europa.

A pesquisa bibliográfica foi efetuada com base na consulta de obras não só na BGUC,¹³ como noutras bibliotecas da Faculdade de Letras.

Algumas das obras consultadas foram encontradas com a ajuda da pesquisa através da utilização de palavras-chave, como por exemplo, migrante, refugiado, crise humanitária, risco social, deslocado, entre outras.

Também a pesquisa *online*, nomeadamente em motores de busca académicos (Researchgate, Base de Dados da UC, B-On, Scielo, RCAAP¹⁴...) foram essenciais para a realização deste relatório.

Vários foram os autores consultados, como Castro (2016), Claudino (2014), Godinho, (2015), Moreira (2006), Joffé (2011) entre outros, a realizar trabalhos no âmbito das migrações, assim como da educação geográfica, com interesse para este relatório.

Também em páginas de organizações que lidam diretamente com a realidade destes movimentos migratórios (ONU, ACNUR, UNICEF...).

A recolha de informação também resultou de apontamentos pessoais de algumas cadeiras da licenciatura foi, em certos casos, de vital importância. Da cadeira “Origens do Homem e das Sociedades”, lecionada pelo Professor Doutor Domingos Cruz, retirou-se alguma informação relativa às primeiras deslocações do Homem. Da cadeira “Geografia do Lazer” lecionada pela Professora Doutora Claudete Moreira, foi retirada alguma informação acerca das definições de certos movimentos que o ser humano faz e que por vezes se possam confundir com movimentos migratórios. Referindo ainda o recurso a apontamentos da licenciatura, foram

¹³ Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

¹⁴ Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal

utilizados apontamentos de mais três cadeiras: “Geografia das Migrações”, “Geografia Social” e “Políticas Públicas e Sistemas Migratórios”, todas elas lecionadas pela Professora Doutora Fátima Velez de Castro. O facto de este relatório versar sobre os movimentos migratórios dos refugiados e a adaptação dos mesmos a novas culturas, fez com que os apontamentos das três últimas cadeiras citadas tivessem sido de vital importância para a realização do relatório. Os tutorias de TIC¹⁵, cadeira lecionada pelo Professor Doutor Albano Figueiredo, foram também consultados para extrair dados e recolher informação acerca da construção dos gráficos termopluiométricos.

Também durante o 1º ano de Mestrado, houve uma cadeira pertencente ao Mestrado em Geografia Humana Planeamento e Territórios Saudáveis, que, sendo opcional para os alunos de Mestrado em Ensino de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário foi, por mim escolhida. Dado o seu conteúdo, fez com que a pesquisa então feita e a bibliografia que foi reunida, tivesse sido muito útil durante para a realização do relatório, refiro-me concretamente à cadeira “População, Migrações e Desenvolvimento”, lecionada pelo Professor Doutor Paulo Nossa e pela Professora Doutora Fátima Velez de Castro e ainda a cadeira “Didáctica da Geografia”, na qual foram discutidos os métodos ideais de ensinar e saber ensinar, que se vieram a tornar muito úteis para o estágio, também da responsabilidade da Professora Doutora Fátima Velez de Castro. Na cadeira “Práticas de Investigação no Ensino da Geografia”, lecionada pela Professora Doutora Adélia Nobre Nunes tomámos os primeiros contatos com rotinas que, tanto no estágio como futuramente como docentes, nos serão exigidas.

Já no decorrer do ano de estágio, no âmbito da supracitada cadeira “População, Migrações e Desenvolvimento”, lecionada pelo Professor Doutor Paulo Nossa e pela Professora Doutora Fátima Velez de Castro, tive oportunidade de participar numa viagem de estudo a Lisboa de modo a que fosse proporcionado um contacto com outras culturas e etnias, nomeadamente pela visita ao Bairro da Cova da Moura, à Avenida Almirante dos Reis e aos Centros Comerciais do Largo do Martim Moniz.

Também foi visitado o Alto Comissariado para as Migrações com sede em Lisboa.

¹⁵ Tecnologias de Informação e Comunicação

A Rede CLAIM,¹⁶ instituição criada em 2003, funciona como espaço de acolhimento, informação e apoio, que visa ajudar a responder às necessidades dos migrantes. Entre vários tipos de ajuda prestada é facultado apoio às dificuldades de indivíduos que entram num país desconhecido, o que os deixa numa situação de fragilidade (anexo 12).

Na visita guiada que nos foi proporcionada ao Centro, houve oportunidade de ver a organização que este possui. Dividido em vários gabinetes para o apoio em diferentes áreas, muitas delas poderão ser úteis aos refugiados que tenham o nosso país como ponto de destino e pretendam ficar. De entre os vários gabinetes a que tivemos acesso não posso deixar de referir alguns, como por exemplo, o da Regularização da situação migratória; Nacionalidade; Reagrupamento familiar; Habitação; Trabalho, ou mesmo o do Retorno voluntário.

O contato *in loco* com estas pessoas, e principalmente com as variadíssimas dificuldades que não imaginamos que possam surgir aos migrantes, tornou-se profícuo, dando-me oportunidade de “sentir” as muitas dificuldades com que os migrantes se possam deparar.

A pesquisa esteve sempre presente durante este ano letivo; não só para a realização deste relatório como também para os seminários e para a preparação das aulas. Pode-se assim dizer que foi um ano de uma consulta bibliográfica constante. De realçar que, apesar de ter havido muita pesquisa, esta não foi demais. O processo de aprendizagem é uma constante que nos acompanhará sempre, mas, no presente caso, foi um processo de aprendizagem intensivo que, apesar de ter sido em grande quantidade, ainda está longe de “dos saberes” que seriam desejáveis.

No que concerne à aplicação didática, optou-se por abordar e aprofundar o conteúdo “Migrações”, mais concretamente o tema da crise dos refugiados na Europa. Assim sendo, o estudo feito e descrito neste relatório teve como base a observação sistemática de uma turma do 8º ano (22 alunos), observação essa que passou por quatro fases distintas:

1ª fase) Avaliação prognóstica;

2ª fase) Aplicação da “sondagem-inquérito”;

¹⁶ Centros Locais de Apoio à Integração de Migrantes

3ª fase) Apresentação dos resultados e debate;

4ª fase) Trabalho prático para uma exposição sobre o tema “Refugiados”.

Primeira fase – avaliação prognóstica – Nesta fase, através de uma troca de ideias sobre os refugiados, ficou-se com uma noção do conhecimento que os alunos possuem acerca das implicações que a chegada dos refugiados têm, e do que pensam em relação ao facto de se lhes dar ajuda.

Segunda fase – “Sondagem-Inquérito” – Após ter ouvido os alunos e as suas opiniões, foi interessante poder recolhê-las e, a partir delas, fazer uma avaliação da turma, como um todo. Para tal fez-se uma recolha de opinião elaborando a já referida “sondagem-inquérito” composta por 14 perguntas. As duas primeiras foram elaboradas de modo a testar os conhecimentos que eles tinham acerca do tema (Os Refugiados), sendo as 12 seguintes questões de opinião, tendo a “sondagem-inquérito” sido preenchida no início da aula.

O seu preenchimento foi feito no início da aula, tendo sido pedido aos alunos que fossem rápidos no preenchimento da “sondagem/inquérito”. Este pedido não foi feito apenas por uma questão de gestão de tempo, a intenção era que as respostas fossem o mais genuínas possíveis. Os alunos mostraram-se colaborantes, tanto no preenchimento, como na brevidade solicitada.

Terceira fase – Os resultados e o debate – Foram apresentados os resultados, em forma gráfica, sendo que os alunos foram motivados a comentar e a debater pontos de vista sobre a informação disponível.

Quarta fase – A realização de um trabalho prático sobre os refugiados – Esta fase foi composta por pesquisas feitas pelos alunos acerca do drama dos refugiados. Foi também um dos métodos utilizados para que, com maior pormenor, os entusiasmasse a inteirarem-se da tragédia que recaiu sobre os refugiados. Para a sua realização distribuíram-se os alunos por seis grupos, tendo cada grupo que descrever um dos seis temas pedidos. Quatro dos seis grupos, foram compostos por três elementos e os restantes dois por quatro elementos. Os temas abordados foram os seguintes:

1. **A saída do refugiado do seu lar:** A este grupo foi sugerido que ilustrassem o seu tema com imagens de uma cidade devastada pela guerra. A sua localização no país e a localização do país no Mundo.
2. **A saída e chegada por terra:** ao segundo grupo foi atribuída a descrição de um trajeto feito por refugiados, acompanhada de alguns pormenores, como por exemplo, distância percorrida, dificuldades a transpor (físicas e humanas, devidamente ilustradas num mapa).
3. **A fuga por mar:** O terceiro grupo foi orientado para a elaboração de um trabalho idêntico ao do que foi sugerido ao segundo, no entanto, neste caso, o trajeto tinha que obrigatoriamente, incluir percurso marítimo.
4. **Campos de refugiados:** Este grupo ficou responsável pela pesquisa de alguns campos de refugiados e das condições que esses campos oferecem e respetiva localização.
5. **Recolocação:** A este grupo foi sugerida uma pesquisa relativa à recolocação dos refugiados na Europa.
6. **Recolocação:** A orientação para a realização deste tema, apesar de idêntica à do grupo anterior cingia a sua pesquisa em território português.

Para a realização deste trabalho foi sugerido aos alunos que o fizessem em folha de cartolina, tendo sido aconselhada uma apresentação com muitas ilustrações de modo a facilitar a sua compreensão com um breve olhar. Em relação aos mapas houve o cuidado de se alertar para a sua identificação, (título, orientação, legenda, escala e fonte), pois não só é uma “obrigatoriedade”, como facilita a interpretação de quem os vê (nomeadamente em relação às distâncias percorridas).

1ª PARTE – Caracterização do Estágio Pedagógico

1. Dinâmicas do Estágio

Este estágio pedagógico teve início durante o mês de setembro de 2016, na Escola Básica de 2º e 3º Ciclos Inês de Castro, tendo terminado em junho de 2017.

Através dele foi-nos proporcionado o primeiro contato com os desafios a que nos propusemos: Passar para o contexto prático os saberes que adquirimos ao longo do percurso académico; Saber contornar as dificuldades com que, eventualmente, nos possamos deparar. Adaptarmos os nossos métodos de ensino em função dos alunos e das turmas... entre muitas outras situações que só a prática nos dá a conhecer, para as quais o conhecimento científico não nos preparou.

1.1 Núcleo de estágio

O núcleo de estágio foi constituído por três estagiários, Patrícia Soares, Rafael Gomes e Sérgio Lopes. Os três elementos mantiveram uma boa relação entre si, demonstrada logo de início, com a atribuição das turmas que foram distribuídas pelos elementos do núcleo sem se olhar a preferências, mas sim à conjugação de horários de cada um.

A troca de ideias, as críticas e os conselhos que partilhámos foram uma mais-valia para o desempenho de cada um, não esquecendo as orientações que a Dr.ª Maria José Reis, docente de Geografia na escola EB 2,3 Inês de Castro e na Escola Secundária Duarte, nos foi dando durante o ano letivo.

Tive como principal objetivo provar, não só a mim, mas a todo o Núcleo de Estágio, que estou apto para passar o conhecimento científico obtido ao longo de todo o percurso académico para os alunos, tendo para o efeito, sido supervisionado pela orientadora de escola onde foi efetuado o estágio, Dr.ª Maria José Reis, e pela Professora Doutora Adélia Nobre Nunes, como coordenadora do Mestrado em Ensino de Geografia, no 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário.

O contato proporcionado pelo estágio pedagógico com os alunos, transmitiu um conhecimento que os saberes teóricos não poderão transmitir. A interação com os alunos, o adaptar o diálogo e postura de aluno para aluno, entre outras condicionantes, são intransmissíveis que apenas a prática nos “ensina” a encarar.

No decorrer deste ano letivo os estagiários reuniam semanalmente para que, juntamente com a sua orientadora de relatório, fossem delineadas estratégias para a sua elaboração.

2. Caracterização do Agrupamento Escolar

O Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste foi criado em junho de 2012 por agregação dos Agrupamentos de Escolas de Inês de Castro e Escolas de Taveiro e da Escola Secundária D. Duarte (figura 1).

Jardins de Infância e Escolas	EPE	1.º CEB	2.º CEB	3.º CEB	ES
Escola Secundária D. Duarte, Coimbra				•	•
Jardim de Infância de Ameal, Coimbra	•				
Jardim de Infância de São Bento, Coimbra	•				
Jardim de Infância de Vila Pouca do Campo, Coimbra	•				
Escola Básica de Arzila, Coimbra	•	•			
Escola Básica de Ribeira de Frades, Coimbra	•	•			
Escola Básica de Almas de Freire, Coimbra	•	•			
Escola Básica de Póvoa, Coimbra	•	•			
Escola Básica n.º 1 de Taveiro, Coimbra	•	•			
Escola Básica de Ameal, Coimbra		•			
Escola Básica de Cruz de Morouços, Coimbra		•			
Escola Básica de Fala, Coimbra		•			
Escola Básica de Casais, Casais do Campo, Coimbra		•			
Escola Básica de Espírito Santo das Touregas, Coimbra		•			
Escola Básica de São Martinho do Bispo, Coimbra		•			
Escola Básica Inês de Castro, São Martinho do Bispo, Coimbra			•	•	
Escola Básica n.º 2 de Taveiro, Coimbra			•	•	

Figura 1 Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste

Fonte: Inspeção-Geral da Educação e Ciência

O Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste é composto pelas Escola Secundária D. Duarte; Escola Básica 2/3 Inês de Castro; EB 2,3 de Taveiro; JI/EB1 de Taveiro; JI/ EB1 da Póvoa, JI/EB1 de Almas de Freire, EB1 de Ribeira de Frades; JI de S. Bento; EB 1 de Cruz de Morouços; EB1 de Espírito Santo das Touregas; EB1 de Fala; EB1 de S. Martinho do Bispo; EB1 de Casais; JI de Vila Pouca do Campo; EB1 do Ameal e EB1 de Arzila.

No Projeto Educativo do Agrupamento¹⁷ elaborado por este Agrupamento é feita uma análise SWOT¹⁸ de onde se retiraram os pontos mais relevantes:

¹⁷ Projeto Educativo | 2013-2016 Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste

Pontos fortes

- ✓ Oferta educativa diversificada, nomeadamente a via profissionalizante;
- ✓ Trabalho abrangente e dinâmico dos SPO¹⁹, no apoio e encaminhamento de alunos;
- ✓ Resultados dos alunos nas provas de avaliação externa – superiores à média nacional às disciplinas de Português, Matemática no 3º ciclo do ensino básico e Português no secundário;
- ✓ Ação articulada na disponibilização de apoios diferenciados para os alunos NEE²⁰.

Pontos fracos

- ✓ Insatisfatória fidelização dos alunos ao Agrupamento na transição entre ciclos de ensino;
- ✓ Resultados dos exames nacionais, em algumas disciplinas, abaixo da média nacional;
- ✓ Participação dos pais e encarregados de educação na vida da escola ainda insuficiente, particularmente a partir do 2º CEB;

Constrangimentos

- ✓ Estrato económico e sociocultural baixo de mais de um quarto dos agregados familiares;
- ✓ Dispersão geográfica das diversas unidades orgânicas e consequentes dificuldades no que respeita à circulação da informação e a uma dinâmica de funcionamento global mais adequada e eficaz;
- ✓ Falta de autonomia a nível de transportes;
- ✓ A rede de transportes públicos não serve adequadamente as necessidades do Agrupamento;
- ✓ Contexto social marcado pela crise e pelo envelhecimento da população, que se traduzem na diminuição do número de alunos;
- ✓ Aumento do número de alunos por turma.

¹⁸ *Strengths, Weaknesses, Opportunities e Threats* (Pontos fortes, Pontos fracos, Oportunidades e Ameaças)

¹⁹ Serviço de Psicologia e Orientação

²⁰ Necessidades Educativas Especiais

Oportunidades

- ✓ Melhoria das práticas de trabalho colaborativo;
- ✓ Aumento da escolaridade obrigatória para 12 anos;
- ✓ Reforço de parcerias e protocolos.

3. Enquadramento geográfico da escola

A prática pedagógica supervisionada decorreu na Escola Básica de 2º e 3º Ciclos Inês de Castro, pertencente ao Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste situado na margem esquerda do rio Mondego abrangendo três uniões de freguesias (Taveiro, Ameal e Arzila; Ribeira de Frades e S. Martinho do Bispo e Santa Clara e Castelo Viegas) (Figura 2).

A Escola Básica de 2º e 3º Ciclos Inês de Castro situa-se na União de freguesias São Martinho do Bispo e Ribeira de Frades, na cidade de Coimbra.

De salientar que a União de Freguesias mencionada já apresenta características marcadamente rurais e se encontra distante do centro urbano da cidade de Coimbra, como podemos confirmar pela imagem de satélite da figura 2.

Segundo o seu Projeto Educativo, o Liceu Nacional D. Duarte foi pioneiro em ser constituído como primeiro liceu misto, frequentado nos vários anos e turmas por rapazes e raparigas e pela integração de alunos invisuais nas turmas, a partir da década de 70.

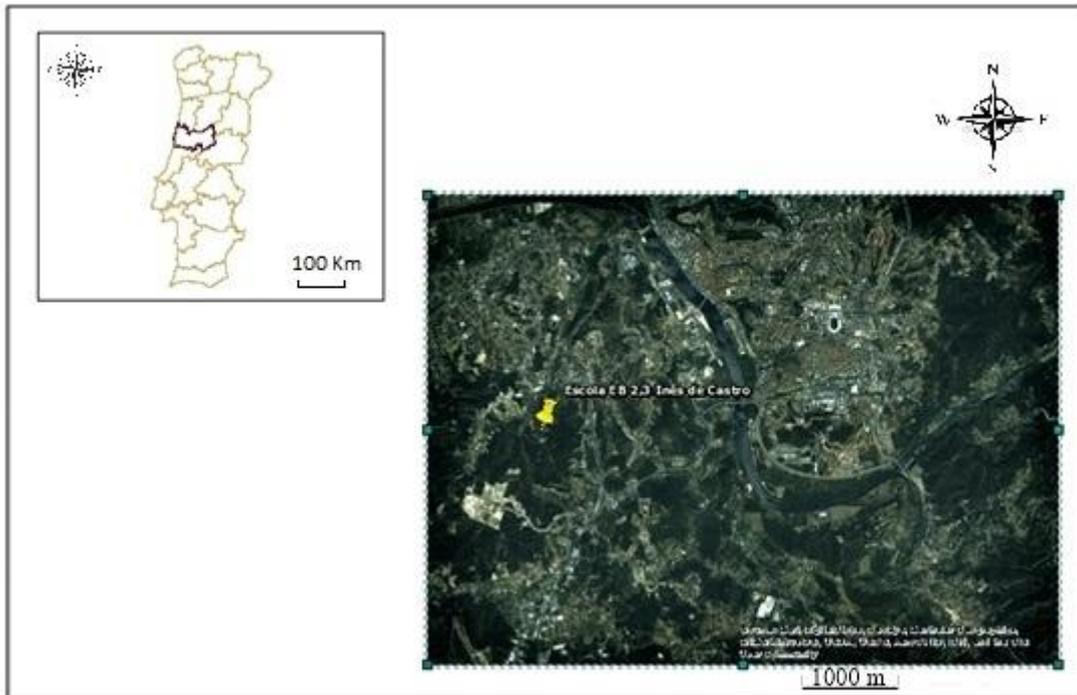


Figura 2. Distrito de Coimbra. Escola Inês de Castro situada na margem esquerda do rio Mondego

Fonte: *Googleearth* (2017)

Quer a Escola Básica 2/3 Inês de Castro, quer a sede de agrupamento, estão dotadas de espaços de apoio aos alunos. Além das Bibliotecas Escolares e dos Laboratórios e Espaços oficiais, existem também docentes especializados para prestar o devido auxílio a alunos com Necessidades Educativas Especiais. É relevante enfatizar ainda os SPO e o GAAF²¹, bem como os diversos clubes existentes para preencher os tempos livres entre os quais, o Clube Europeu, o Clube Escola Solidária, o Clube Música e o Desporto Escolar.

²¹ Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família



Figura 3 Escola Básica 2º e 3º Ciclos Inês de Castro

Fonte: Googleearth (2017)

Como se pode ver pela figura 3, a Escola Básica 2,3 Inês de Castro fica fora do perímetro de qualquer centro urbano.

4. Caracterização das turmas

Como já foi mencionado, o estágio decorreu na Escola Básica 2,3 Inês de Castro pertencente ao Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste. No entanto também foram lecionadas e assistidas algumas aulas do 10º Y, (anexo 9) na Escola Secundária D. Duarte, pertencente ao mesmo grupo de escolas, sendo a professora desta turma a Dr.ª Maria José Reis, tendo-nos proporcionado o contato com o ensino secundário.

Na Escola Básica 2,3 Inês de Castro, foi-me atribuída a turma X do 8º ano composta por 22 alunos ao início do ano letivo. No seu decorrer, dois alunos deixaram de frequentar as aulas: um pelo facto de já ter atingido a idade de escolaridade obrigatória, 18 anos, outro por ter atingido o número limite de faltas injustificadas.

A turma, apesar de não estar referenciada pelo seu comportamento desadequando, já no início do ano letivo era apontada como uma turma indisciplinada. Como já foi referido, tratou-se de um grupo muito heterogéneo, tendo no seu seio alunos atentos e disciplinados, alunos irrequietos mas respeitadores, alunos totalmente desinteressados, alunos muito estudiosos, alunos que estudavam pouco e até os que pura e simplesmente não estudavam.

Dos vinte alunos que frequentaram todo o ano letivo, tive um com NEE²² de carácter prolongado, que por esse motivo usufruiu de APP²³, AC²⁴, APA²⁵ e SPO. Demonstrou ainda grandes dificuldades na leitura e na compreensão da linguagem escrita. Também a escrever demonstrou grandes dificuldades pois fazia-o sem qualquer tipo de orientação. A compreensão de mensagens faladas complexas tornava-se para ele bastante complicada. Na fala e no cálculo demonstrou alguma dificuldade. Este aluno teve ainda apoio às disciplinas de Português, Inglês e Matemática. Foi um aluno que sempre se demonstrou muito afável, interessado e com bom comportamento no decorrer da aula, embora com algumas interrupções desajustadas devido ao seu défice cognitivo.

Houve ainda mais dois alunos com necessidade de apoio: um a Matemática e outro a Português e Matemática. O aluno que deixou de frequentar a escola devido ao facto de ter atingido a maioridade, frequentou com assiduidade o Clube Europeu, no qual teve um desenvolvimento de nível Bom. Houve ainda um outro aluno que necessitou de SPO.

²² Necessidades Educativas Especiais

²³ Apoio Pedagógico Personalizado

²⁴ Adequações Curriculares

²⁵ Adequações no Processo de Avaliação

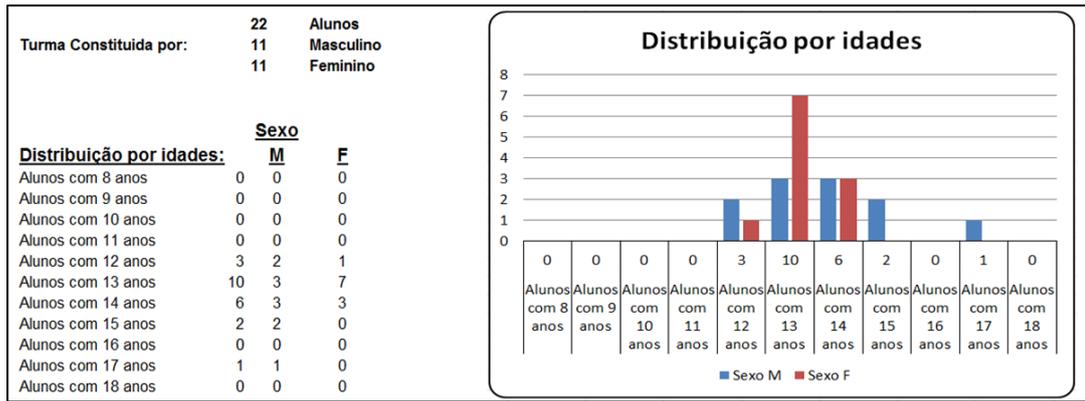


Figura 4. Níveis etários do 8º X

Fonte: Base de dados do Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste

Na turma havia quatro alunos retidos. Um pertencia à turma X, dois pertenciam à turma Y e um veio de outro estabelecimento de ensino, sendo este, o aluno que deixou de frequentar as aulas devido ao excesso de faltas injustificadas²⁶. Dos vinte e dois alunos da turma, havia um estrangeiro que não falava nem percebia português, tal como não tentava comunicar com o docente/estagiário e com a maioria dos colegas, limitando-se apenas a copiar o que era escrito ou projetado no quadro.

Durante o decorrer do ano letivo, de uma forma geral, notou-se alguma melhoria no comportamento dos alunos, assim como no interesse pela matéria lecionada.

Na Escola Secundária D. Duarte foi-nos atribuída a turma do 10º Y, repartida pelos três estagiários. Nesta turma, o número de aulas lecionadas e assistidas foi reduzido, pois não fazia parte da nossa prática pedagógica supervisionada.

Como foi referido, a turma do 8º ano era constituída, no início do ano letivo por vinte e dois alunos, onze do género masculino e onze do género feminino, tendo a maioria treze anos, mais concretamente dez, sendo que desse número, sete são do género feminino e três do género masculino. Os restantes doze alunos repartem-se por três grupos: com doze anos, três alunos, com catorze, seis alunos, com quinze, dois e um com dezassete anos (Figura 4).

²⁶ Informação disponibilizada pelo diretor de turma

5. Caracterização do agregado familiar

A maior parte dos alunos da turma vive com os pais e irmãos, onze casos. Neste grupo há dez em que não há a presença do pai (quatro apenas com a mãe e outros quatro na companhia da mãe e padrasto). Sem a presença de qualquer um dos progenitores há dois casos: um aluno que vive com os avós e outro que não é especificado (Figura 5). De referir que nenhum dos alunos habita apenas com o pai, há a registar um caso de um aluno estar à responsabilidade do pai e da madrasta.

Tal como era de prever o filho único impera na turma, havendo oito alunos nessa situação. Registam-se seis casos em que o aluno tem um irmão, cinco alunos com dois irmãos, dois com três irmãos, e por fim, um com quatro irmãos (Figura 5).



Figura 5. Estrutura do agregado familiar do 8º X

Fonte: Base de dados do Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste

Se estabelecermos um grau de comparação da instrução do pai e da mãe dos alunos, verificamos que, em média, as mães têm habilitações académicas superiores às dos pais. Com o 1º, 2º e 3º ciclos temos dez pais contra cinco mães. Com o ensino secundário há três pais e oito mães, enquanto que, com o ensino superior, há cinco pais e sete mães. Com cursos profissionais estão identificados três pais contra duas mães.

6. Condições e hábitos de estudo

A maioria dos alunos habita perto da escola. Dos vinte e dois que compõem a turma, apenas um vive a uma distância superior a dez quilómetros. Metade da turma, ou seja, onze, têm as suas residências a uma distância inferior a três quilómetros. Entre três e seis quilómetros de distância há seis alunos, havendo quatro a uma distância que se cifra entre os seis e dez quilómetros.

Para se deslocarem para a escola o automóvel é o meio preferencial. Onze dos alunos, é o número que o utilizam. Nove alunos utilizam o autocarro, havendo dois que fazem o percurso que separa a casa da escola, a pé.

Os hábitos relativamente aos horários de deitar e levantar são, na maioria bons. Dezasseis alunos deitam-se antes das vinte e quatro horas e levantam-se depois das sete, havendo seis que se deitam após essa hora e que se levantam antes das sete horas. Relativamente ao tempo dedicado ao estudo, estes alunos, respeitando o tempo que eles indicam, é muito aceitável. Dois alunos responderam que dedicam três a quatro horas de estudo diariamente, havendo treze que estudam entre uma e duas horas, sendo que apenas sete dizem estudar menos do que uma hora²⁷.

A motivação que leva os alunos a frequentar a escola é bastante animadora. Dos alunos que frequentam a escola, apenas quatro o fazem não por que que vejam alguma utilidade na instrução, mas sim para satisfazerem o desejo dos pais. Dos restantes alunos, catorze fazem-no por acharem que há necessidade de obterem alguma graduação académica e três, frequentam a escola pelo gosto do estudo.

Do grupo em causa, seis têm, ou tiveram aulas de apoio, sendo que os dezasseis restantes dispensaram essa ajuda, no entanto só quinze nunca reprovaram, tendo sete já ficado retidos pelo menos um ano.

Dos vinte e dois alunos em causa, treze pretendem terminar o 9º ano e prosseguir os estudos, no entanto, os restantes nove, pensam ir trabalhar após a conclusão do 3º ciclo. Tendo em

²⁷ Dados retirados da tabela da caracterização da turma.

conta que a obrigatoriedade de estudos vai até ao 12º ano ou dezoito anos de idade, dez alunos dizem que não continuarão a estudar após terem atingido essa meta, havendo seis que querem obter a licenciatura, três o mestrado e três o doutoramento.

Na turma havia nove alunos com necessidade de recurso aos SASE.²⁸

7. Atividades no âmbito do estágio (letivas)

7.1 Preparação das aulas

O ano de estágio não se cingiu às aulas lecionadas na Escola Inês de Castro e da Escola Secundária D. Duarte. Durante o ano letivo todos os elementos do núcleo assistiram às aulas dos restantes colegas.

A elaboração da planificação a médio prazo, foi uma das primeiras atividades que o núcleo, juntamente com a orientadora Dr.^a Maria José Reis, realizou.

As aulas eram atempadamente preparadas em casa, assim como os respetivos planos de aula de modo a que pudéssemos discutir com a orientadora a estrutura que tínhamos previsto para a leção da aula. Inicialmente a planificação era uma atividade demorada, obstáculo que gradualmente foi ultrapassado. A realização das planificações a curto prazo implicaram também uma consistente pesquisa bibliográfica.

Semanalmente o núcleo reunia com a finalidade de delinear estratégias e elaborar algumas atividades, como por exemplo, a elaboração e correção de testes de avaliação sumativa.

²⁸ Serviços de Ação Social Escolar

7.2 Métodos de leção dos conteúdos programáticos

7º Ano

As aulas lecionadas tiveram início ainda com os conteúdos curriculares do 7º ano, tendo sido a minha primeira experiência no subdomínio “O Clima e as formações vegetais”.

Para lecionar estes conteúdos, e todos os restantes do 7º ano (anexo 15), houve o recurso a vários tipos de estratégias. A apresentação em *PowerPoint* assim como o preenchimento de fichas durante as aulas foram recursos utilizados em todas as aulas do ano letivo, no entanto, em determinadas alturas, houve diversificação de estratégias, tendo havido também o recurso a pequenos documentários (entre dois e cinco minutos) normalmente a título introdutório, resumo da matéria lecionada ou exemplos práticos de fenómenos que ocorrem no quotidiano.

Quando se abordou o “estado de tempo”, recorreu-se a previsões feitas relativamente ao dia da aula e respetivo fim de semana (a aula era à sexta feira) de modo a despertar a curiosidade dos alunos. A partir destes dados, os alunos fizeram os cálculos da amplitude térmica diária e temperatura média diária, tendo posteriormente, com valores recolhidos no *site* do IPMA²⁹, sido distribuída uma tabela com as temperaturas média do ar de Lisboa (1981-2010) para que os alunos calculassem a amplitude térmica anual e a temperatura média anual desta cidade.

Para cada fator responsável pela variação da temperatura foram utilizados vários diapositivos *PowerPoint* de modo a que os alunos conseguissem ficar com uma noção de como o fator em causa ia influenciar a temperatura. Com base na leitura das imagens era, por vezes, lançado o repto aos alunos de modo a que fossem eles a tentar identificar as razões da variação da temperatura num determinado lugar (Figura 6). O desafio não teve o mesmo resultado em todos os fatores, alguns, através das imagens, são mais evidentes do que outros, no entanto, de um modo geral, foram conseguidas algumas boas ilações por parte dos alunos.

²⁹ Instituto Português do Mar e da Atmosfera

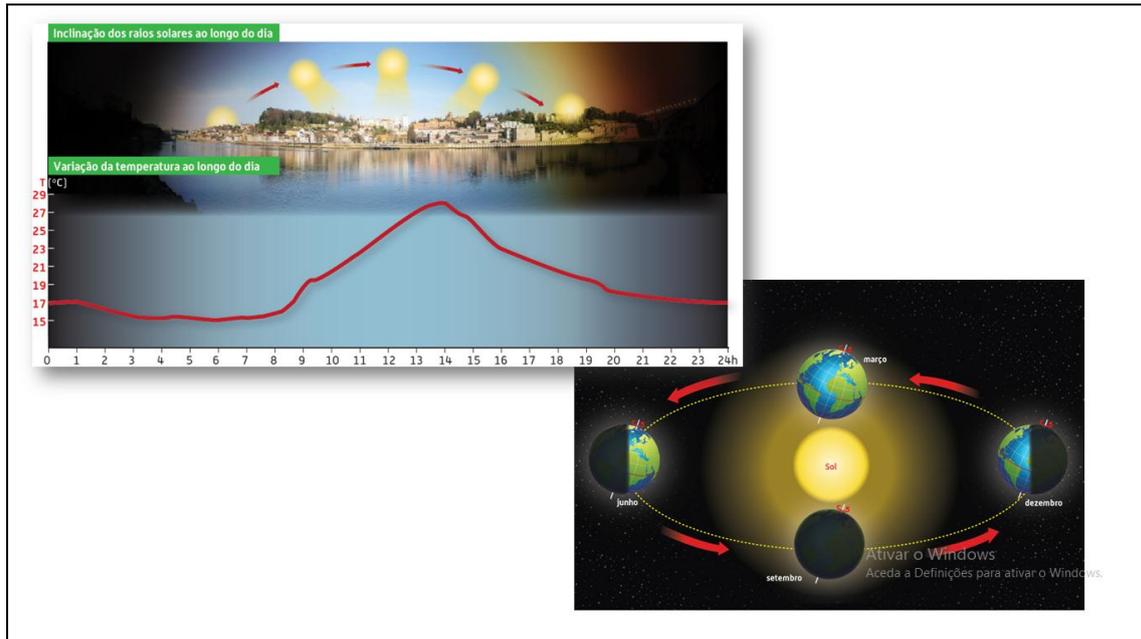


Figura 6 Diapositivos usados para exemplificar os movimentos da Terra como fatores da variação da temperatura

Fonte: Aldeia Global

Elaboração: Própria (2017)

A variação da temperatura em função dos movimentos de rotação e translação da terra teve dois graus de dificuldade distintos. Relativamente ao movimento de rotação, com uma apreciação feita apenas no primeiro diapositivo, os alunos conseguiram tirar algumas conclusões corretas, posteriormente explicadas com maior rigor. Quanto ao movimento de translação, mesmo com a leitura de quatro imagens ilustrativas de todo o movimento anual da Terra, não se conseguiu que fossem os alunos a dar o “primeiro passo” para a explicação da variação dos valores da temperatura em função deste movimento da Terra.

Com a leitura de dois mapas de Portugal, um com as isotérmicas de janeiro e outro com as de julho, alguns alunos conseguiram, com maior ou menor dificuldade, explicar os contrastes de temperatura nas duas estações do ano representadas.

Ao abordar a distribuição da temperatura em Portugal continental, com o conhecimento adquirido nas aulas anteriores, os alunos facilmente perceberam as causas dos contrastes do nosso clima.

Para diferenciar os fenómenos de condensação e de sublimação foram apresentadas imagens, onde os alunos identificaram com alguma facilidade as respetivas ocorrências. Com o recurso ao manual, os alunos descreveram a distribuição da precipitação no planeta Terra. Fizeram a leitura de mapas com isoietas. Os conceitos de humidade absoluta e relativa e de ponto de saturação foram registados no caderno diário.

Quando foram abordados os fatores que influenciam a pressão atmosférica houve alunos que tiveram mais facilidade em perceber a razão por que, tanto a altitude como a temperatura, influenciam os valores da pressão atmosférica. Dos esquemas apresentados, o que exemplificava a altitude foi o de mais fácil interpretação, no entanto a imagem que descodificaram com mais facilidade foi a que representava a alteração de valores da pressão atmosférica em função da temperatura.

A dificuldade maior, relativamente às diferenças dos valores da pressão atmosférica, foi na variação, a nível planetário, dos seus valores em função da latitude.

Através de uma carta sinótica foram identificadas as isolinhas e os respetivos centros de pressão.

Foram apresentadas algumas cartas sem os centros de altas e baixas pressões identificados, tendo sido dada a indicação aos alunos para o fazerem. Foi um exercício que ultrapassaram com facilidade.

No decorrer da aula, foi passado um pequeno documentário sobre a circulação do ar nos centros de altas e baixas pressões, assim como a imagem satélite retirada do site do IPMA onde se via a deslocação dos centros de altas e baixas pressões.

Para facilitar a compreensão entre frentes frias e frentes quentes foi utilizada uma maquete em papelão com a representação dos dois tipos de frentes e respetivos tipos de precipitação.

Também os restantes tipos de chuva foram lecionados recorrendo, sempre que possível, a exemplos concretos.

Após a explicação das leituras que podem ser feitas num gráfico termopluviométrico, foram distribuídas pelos alunos folhas de papel milimétrico para que se elaborasse um outro gráfico a

partir de dados de uma estação meteorológica. Foi explicado o que são meses secos e meses húmidos e as fórmulas de cálculo para os identificar. Houve a intenção de explicar a sua construção em formato digital (folha *Excel*) mas com o reduzido número de horas que a disciplina tem, não foi possível fazê-lo na aula de geografia, no entanto, numa perspetiva interdisciplinar, a sua construção em formato digital foi conseguida, como mais tarde poderemos ver.

A abordagem aos climas e respetiva localização foi feita com o recurso a diapositivos com muitas imagens, sendo o texto reduzido. O primeiro *PowerPoint* para cada tipo de clima era ilustrado com um mapa mundo e as regiões que o clima em causa abrangia (Figura 7). Nesse mesmo clima eram identificados os sub-climas. Posteriormente eram apresentados os sub-climas individualmente num *PowerPoint* com as áreas onde se faz sentir esse clima e respetiva localização através de coordenadas geográficas, uma imagem com o tipo de vegetação da região em estudo, o gráfico termopluviométrico e por fim as características desse clima. Para a caracterização do clima em Portugal foi usada uma apresentação idêntica, adaptada a cada um dos quatro climas em estudo.



Figura 7 Primeiro *PowerPoint* de cada região climática usado nas aulas

Fonte: Areal Editores

Elaboração: Própria (2017)

8º Ano

Para dar início aos conteúdos curriculares do 8º ano achou-se por bem que se deveria fazer uma nota introdutória. A aula teve início com a definição de “demografia” e qual a utilidade do seu estudo. Para a maioria dos alunos nem a palavra nem a sua utilidade eram novidade. Posteriormente fizeram-se algumas perguntas acerca dos recenseamentos: Quem os faz; quando se fazem; o que são... entre outras pequenas curiosidades que posteriormente, demonstraram a sua utilidade para a melhor compreensão dos resultados de alguns estudos. Foram ainda mencionadas as primeiras civilizações onde os censos (ou contagens) ocorreram e qual a sua finalidade, por fim foram abordados as primeiras contagens (numeramentos) feitos em Portugal e a sua evolução até à atualidade.

Após esta nota introdutória, foi colocada uma questão posta pelo estagiário aos alunos: “Quais as variáveis responsáveis pela flutuação do número de indivíduos a nível global?”. Houve vários alunos a querer responder, uns corretamente, ou quase, outros com menor facilidade de expressão.

A exposição dos diferentes ritmos de crescimento a nível espacial e cronológico foi sempre acompanhada da leitura e interpretação de gráficos e mapas.

A maior participação que os alunos demonstraram foi muito evidente. Notou-se uma maior vontade de intervir, normalmente com observações pertinentes. Por norma, sempre que foram mencionados fatores responsáveis pela evolução da população, houve algum ou alguns alunos com vontade de acrescentar algo.

Os métodos de abordagem à matéria a lecionar foram idênticos aos utilizados anteriormente, no entanto houve uma maior aposta no recurso ao documentário pelo facto de nas aulas anteriores ter reparado que os alunos se concentravam muito no seu visionamento.

Durante a exposição das causas e consequências da evolução demográfica, o diálogo horizontal foi por vezes conseguido, nomeadamente quando foram focadas as principais diferenças de crescimento populacional e respetivas causas.

Cada diapositivo passado durante o estudo deste conteúdo foi sempre acompanhado por duas imagens contrastantes do quotidiano (habitação, trabalho, alimentação, entre outras diferenças) entre PD e PED.

Relativamente à construção de uma pirâmide etária, foi explicada e elaborada pelo docente. Posteriormente foram dados os valores de uma população de modo a que se pudesse ficar com os elementos necessários para a construção de outra pirâmide etária. A construção das duas classes mais jovens foram feitas na sala de aula, tendo o resto da pirâmide sido feito em casa. A sua interpretação e explicação da sua importância foi feita com o recurso a uma pirâmide interativa na qual se podiam ver os resultados da mesma em anos diferentes. Para testar a compreensão da pirâmide, foi projetada uma pirâmide de França de 1950 e pediu-se aos alunos que explicassem a razão da classe oca 5 a 9 anos assim como a da classe 30 a 34 anos, o que foi conseguido.

Por fim foram explicados os vários tipos de populações etárias representados em pirâmides diferentes, questionando os alunos que, perante cada pirâmide identificassem as medidas que em cada uma delas deveriam ser tomadas para equilibrar o crescimento da população representada, assim como quais as medidas a tomar para acautelar o futuro de cada país representado nas pirâmides. Este exercício foi realizado com o recurso a um póster, onde os alunos identificaram as políticas demográficas e respetivas medidas a serem implementadas.

Achou-se que seria benéfico para os alunos fazer inicialmente o estudo da população mundial e posteriormente a de Portugal pelo facto de muitos dos fatores responsáveis pelos valores de fecundidade, mortalidade, natalidade, entre outros, já tinham sido referidos em relação a outros países desenvolvidos, o que facilitou a sua aplicação ao estudo da demografia em Portugal.

A introdução ao subdomínio “A distribuição da população mundial” foi feita através da passagem de um pequeno documentário, tendo de seguida, com a ajuda dos alunos e com base num mapa-mundo da distribuição da população mundial, identificado a distribuição espacial da população mundial, assim como os fatores responsáveis pelas assimetrias da sua distribuição (Figura 8). Foram identificados os continentes com maiores densidades populacionais assim como a fórmula de cálculo para se determinarem as diversas densidades.

Foram apresentados os valores da população e da área da China e da Rússia para que os alunos fizessem o cálculo da densidade populacional dos respetivos países.

Foram identificados os dez países mais populosos do mundo e respetiva evolução demográfica através da análise dos valores apresentados em tempo real num “relógio da população” .

Foi explicado o que são os focos populacionais e os vazios humanos tendo-se pedido aos alunos que através da leitura do mapa exposto, identificassem as áreas que representavam os dois tipos de regiões. Foram ainda identificados os fatores naturais e humanos para ambas as situações: focos populacionais e vazios humanos. Para consolidar o estudo que se tinha feito foi passado um documentário sobre a distribuição da população mundial.

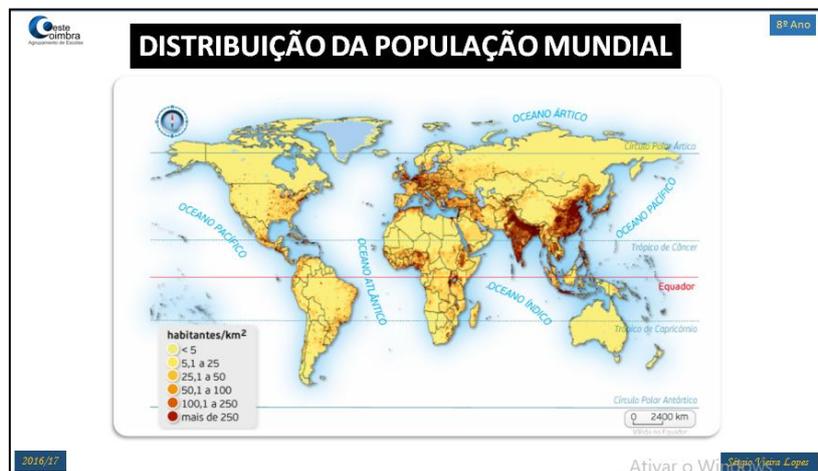


Figura 8 PowerPoint usado para localizar vazios humanos e focos populacionais

Fonte: Areal Editores

Elaboração: Própria (2017)

Do estudo da população mundial passou-se ao estudo da população portuguesa. Para o efeito foi utilizado o “relógio da população”, neste caso relativamente à população portuguesa.

Através da leitura de um mapa foram identificadas as assimetrias regionais assim como explicados os conceitos de “litoralização” e “bipolarização”. Com a projeção de dois mapas da densidade populacional de Portugal, um de 1960 e o outro de 2011, foi pedido aos alunos que estabelecessem um paralelismo entre as duas representações.

Os fatores naturais e humanos que tinham sido identificados a nível mundial, facilitaram a compreensão da distribuição da população em Portugal.

Tal como tinha acontecido com a distribuição da população a nível mundial, também neste caso foi projetado um pequeno documentário com a distribuição da população em Portugal.

A abordagem ao subdomínio “Mobilidade da população” foi feita com a interpretação da letra da música de Manuel Freire, “Ei-los que partem”.

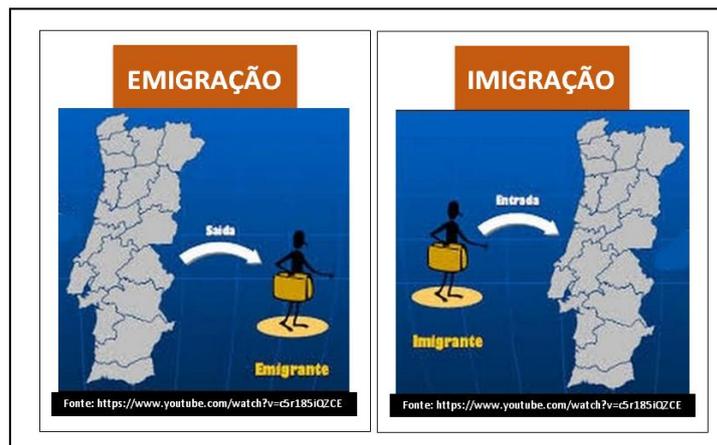


Figura 9 Imagens usadas para ilustrar a diferença entre "emigrante e "imigrante"

Fonte: YouTube

Elaboração: Própria (2017)

Após os alunos terem dado a definição de “Migrações”, “Emigrações” e “Imigrações” foram identificados os principais tipos de migrações e respetivas subdivisões de cada um. Também as causas e consequências foram objeto de estudo. Em simultâneo com a explicação destes descritores foram projetadas imagens que refletiam cada situação referida. O recurso a textos e documentos do manual foi também uma das estratégias utilizadas. Como já foi referido as fichas de trabalho com espaços para aplicação dos conteúdos lecionado foi um método que se manteve. Foram também projetadas imagens sem identificação do tipo de migração representado em que a legenda só aparecia após os alunos terem feito a respetiva identificação (Figura 9). Este desafio teve um resultado positivo pois incentivou os alunos, através da observação, a identificarem o movimento migratório em causa.

Os grandes fluxos migratórios internacionais foram divididos em cinco ciclos:

- ✓ Os primeiros movimentos migratórios do Homem, desde o seu aparecimento, há milhões de anos.
- ✓ A expansão europeia nos séculos XV e XVI.
- ✓ O tráfico de escravos inserido na expansão europeia dos séculos XV e XVI.
- ✓ Expansão Europeia no século XIX e início do século XX.
- ✓ Os movimentos migratórios da atualidade.
- ✓ Os fluxos migratórios dos refugiados.

Para “os fluxos migratórios dos refugiados” estava prevista uma aula onde se iria promover a discussão com base no conhecimento que os alunos já tinham adquirido aquando da pesquisa efetuada para a elaboração do trabalho prático. Este debate, por motivos que não estavam previstos, uma tolerância de ponto e uma greve, não se chegou a efetuar do modo que estava previsto, tendo o seu tempo de duração sido encurtado. Terminou-se esta meta, “Compreender os grandes ciclos migratórios internacionais”, com o visionamento do documentário: “Grandes ciclos migratórios internacionais”.

O último conteúdo abordado, “As migrações em Portugal”, foi efetuado num contexto histórico-geográfico, onde se identificam os portugueses como “emigrantes seculares”, referindo os primeiros movimentos dos descobrimentos como o primeiro ciclo migratório português.

Posteriormente foram abordadas as migrações do século XIX e XX, tendo este último sido dividido em três fases: as migrações até ao início da década de 1930 e a causa que determinou o seu término; as migrações entre os anos 60 e meados da década de 70 do século XX, e por fim a inversão nas tendências dos movimentos migratórios, com início na década de 80, acentuando-se na década de 90 e que se prolongou até ao final do século.

Tal como tinha acontecido na aula em que se abordaram as migrações dos anos 60 do século XX, em que foi visionado um pequeno documentário, também ao terminar esta meta foi visionado outro cujo título era «Os “novos emigrantes” portugueses» (Figura10) a partir do qual se lançou um repto aos alunos de modo a que estes estabelecessem um paralelismo entre os

migrantes identificados em cada um dos documentários (emigrações nos anos 60 e atuais emigrações).



Figura 10 Documentários utilizados para demonstrar as diferenças entre os emigrantes portugueses dos anos 60 do século XX e os atuais emigrantes

Fonte: YouTube

Elaboração: Própria (2017)

Após esta primeira experiência no ensino de geografia, fica-se com a perceção que as horas atribuídas a esta disciplina não são suficientes para que o programa possa ser cumprido de um modo bem consolidado.

No decorrer do ano letivo os alunos foram submetidos a testes de forma a avaliar o conhecimento adquirido. No primeiro e segundo período foram efetuados dois testes em cada um, no entanto, devido à falta de tempo e ao facto de ter sido menor do que os que anteriormente foram mencionados, no terceiro período apenas foi efetuado um teste de avaliação.

8.Outras atividades no âmbito do estágio (extraletivas)

Leiria – “Mais de 100” – 8º ano

Tal como estava previsto, no dia 27 de março de 2017 realizou-se uma visita de estudo a Leiria com as turmas do 8º ano num contexto de interdisciplinaridade com História.

Em Leiria pudemos visitar alguns pontos de interesse como o Museu da imagem em movimento – m|j|mo, o moinho de papel, e o Museu de Leiria (anexo 10).

A visita de estudo a Santarém com o 11º ano da Escola Secundária D. Duarte, na qual participámos, foi uma atividade que já estava prevista, sendo também no âmbito das disciplinas de História e de Geografia (anexo 11).

Interdisciplinaridade

Montalegre	1006 m	Lat. 41º 49' N	
	P(mm)	T (º C)	mês seco/mês húmido
Jan.	133	3,4	Mês húmido
Fev.	94	4	Mês húmido
Mar.	139	6,4	mês húmido
Abr.	83	8,3	mês húmido
Mai.	85	11	mês húmido
Jun.	44	14,8	mês húmido
Jul.	14	17,3	Mês seco
Agos.	17	17,4	Mês seco
Set.	56	14,8	mês húmido
Out.	95	10,3	mês húmido
Nov.	143	6,8	mês húmido
Dez.	137	4,2	mês húmido

Figura 11 Valores termopluiométricos de Montalegre

Fonte: Cadernos de apontamentos de TIC
Elaboração: Própria (2017)

No dia 20 janeiro, inserido no tema, meio natural, conteúdo do clima e subconteúdo gráficos termopluiométricos, foi explicado como se elaboram esses gráficos em folha de papel milimétrico, tendo os alunos elaborado um gráfico referente aos dados recolhidos na estação meteorológica de Montalegre³⁰ (Figura 11).

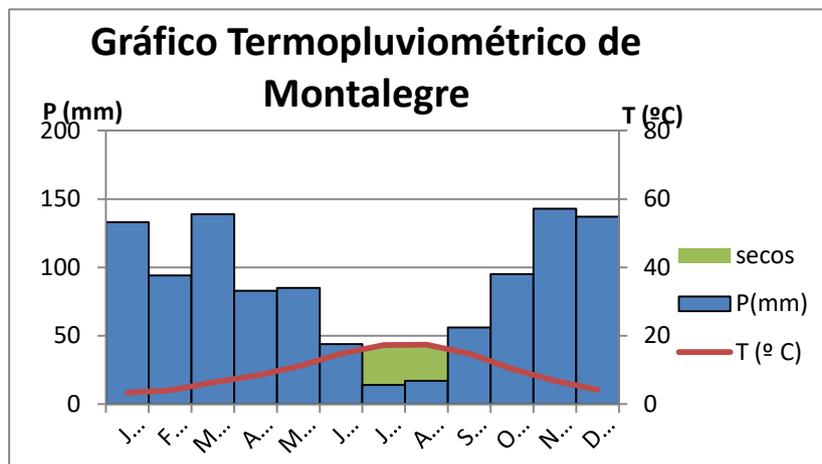


Figura 12. Gráfico termopluiométricos de Montalegre

Fonte: Cadernos de apontamentos de TIC
Elaboração: Própria(2017)

³⁰ Dados da série climática 61-90 para a estação de Montalegre

Achei que seria do interesse dos alunos aprenderem a construir este tipo de gráficos em formato digital – folha *excel* – no entanto, a nossa orientadora, Dr.^a Maria José Reis, alertou-me para a falta de tempo, e para o facto das aulas de TIC já terem terminado para a turma X do 8º ano. Posteriormente, em conversa com o Dr. José Avelino Pereira, diretor de turma e professor de TIC do 8º X, informou-me que ainda faltava dar uma aula. Disponibilizou-me um dos blocos da sua aula, pois se era do interesse dos alunos acrescentarem algo mais ao seu conhecimento de TIC e de Geografia, também esse interesse se lhe aplicava, pois também ele gostaria de aprender a elaborar o referido gráfico. Assim, e num contexto de interdisciplinaridade, no dia de aula de TIC, desloquei-me à escola onde, na referida aula, tive oportunidade de acrescentar algo mais relativo a esta disciplina e, principalmente à disciplina de geografia (Figura 12).

Posteriormente foi enviado para o *E-mail* da turma um tutorial com a descrição dos passos essenciais para a construção do gráfico, devidamente ilustrado de modo a facilitar a compreensão da sua elaboração (anexo 14).

A elaboração de testes, assim como a sua correção, foram também algumas atividades que estiveram presentes no decorrer do estágio, tal como a presença nas reuniões intercalares do 8º e 10º ano.

Depois de ter falado com a diretora da escola, esta, juntamente com outra colega, após a consulta ao calendário disponibilizaram algumas datas em que poderia ser feita uma sessão de esclarecimento sobre a atual situação dos refugiados em contexto europeu que iria decorrer na aula de Formação Cívica, pois por indicação da orientadora Dr.^a Maria José Reis, esta sessão não poderia ser feita na aula de geografia, por escassez de tempo.

Após ter conhecimento das datas foi dirigido um convite à Professora Doutora Fátima Velez de Castro, que gentilmente aceitou fazer a palestra numa das datas que lhe foi indicada e dirigida a alunos de duas turmas do 8º ano, uma das quais o 8º X.

. Dois dias antes da sessão, fui informado pela nossa orientadora de escola que, pelo facto de se aproximar uma época em que os alunos iriam ter vários testes, teria que suspender a atividade prevista.

Como já foi referido, à disciplina de Geografia deveriam ser atribuídas mais horas letivas. A essa conclusão só se pode chegar após o contato com a prática letiva. Algumas atividades previstas e que à partida seriam fáceis de concretizar, por falta de tempo não podem ser efetuadas, no entanto essa realidade não consta no PIF³¹, onde os projetos são mais do que aquele que o tempo disponibilizado nos permite.

Porém esta realidade também pode ter um lado positivo, obrigando-nos a arranjar alternativas de modo a contornar os problemas com que nos vamos deparando durante o decorrer do estágio. É após este ano que podemos confrontar os nossos objetivos pessoais expressos no PIF conseguidos e os não alcançados, relativamente ao ano letivo, no entanto também nos podemos aperceber de algumas evoluções que tenham havido sem que constassem no nosso Plano Individual de Formação.

³¹ Plano Individual de Formação

2ª PARTE - Enquadramento Teórico

1. Discussão de conceitos e tipologias migratórias

As migrações são um dos fenómenos sociais mais importantes da atualidade. O conceito de migração e de migrante são bastante complexos. Segundo a ONU, migrante é:

*...qualquer pessoa que vive temporária ou permanentemente num país onde não nasceu e que adquiriu alguns laços sociais significativos com esse país...*³²

No entanto, para a OIM³³ o migrante é o indivíduo que, *por razões de “conveniência pessoal” e sem a intervenção de fatores externos que o forcem a tal, se desloca da sua área para um outro local. Em consequência, este termo aplica-se, às pessoas e membros da família que se deslocam para outro país ou região a fim de melhorar as suas condições materiais, sociais e possibilidades e as das suas famílias* (Farmhouse, 2009, p. 45). Facilmente se pode concluir que as duas organizações, apesar de terem alguns objetivos comuns, entre os quais a promoção dos direitos do homem, vêm o mesmo fenómeno e os mesmos indivíduos de uma forma diferente.

No que concerne à definição de “Refugiado” ambas as instituições defendem o mesmo conceito, tendo a OIM usado a definição que a ONU redigiu na Convenção relativa ao Estatuto de Refugiado em 1951, acatando também as alterações introduzidas pelo PACR³⁴ em 1967 (Pereira, 2016, p 11).

Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados

No dia 3 de dezembro de 1949 ficou decidido pela Assembleia Geral das Nações Unidas, criar o Alto Comissariado para os Refugiados que viria a ser aprovado pela Assembleia Geral a 14 de dezembro de 1950, tendo iniciado as suas atividades a 1 de janeiro de 1951.

³² Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/informacao-geral/perguntas-e-respostas/> (acedido em 11/01/2017)

³³ Organização Internacional para as Migrações

³⁴ Protocolo Adicional à Convenção sobre Refugiados

Nesta Resolução a Assembleia fez um apelo aos Governos no sentido de cooperarem com o alto Comissariado na concretização das suas funções relativamente aos refugiados. O Alto comissariado é de carácter apolítico sendo a sua abrangência de carácter humanitário e social.

Assim, o ACNUR, atuando sob a autoridade da Assembleia Geral, assumiu a função de dar proteção internacional aos refugiados, sob o auspício das Nações Unidas. É-lhe atribuída a função de resolver, ou tentar resolver, os problemas dos refugiados, dando-lhes apoio para facilitarem o regresso aos seus países, se esse for o desejo do refugiado, ou, caso não seja essa a sua pretensão, ajudá-lo na integração de uma nova comunidade.

Apesar da responsabilidade atribuída ao ACNUR, este não é totalmente autónomo. Sempre que surjam situações dúbias, terá que ser pedido o parecer de um comité consultivo em assuntos de refugiados.

Tendo o ACNUR uma atitude politicamente isenta, os termos da sua redação não foram redigidos de uma forma consensual. A grande discussão teve como uma das dificuldades a decisão da inclusão, ou não, de indivíduos não europeus sob a proteção desta entidade.

Houve países que não assinaram ou ratificaram a Convenção de 1951, no entanto aos seus cidadãos era-lhes concedida proteção por parte do ACNUR, tornando-se, esta, responsável pela proteção e assistência pelo facto de não poderem usufruir dos direitos previstos pela Convenção no Estado Acolhedor.

Apesar de algumas dificuldades, a Convenção de 1951 representou uma grande mudança no direito internacional. A existência de um indivíduo no plano internacional, independentemente de sua cidadania ou nacionalidade passa a ser reconhecida, havendo um compromisso dos países aderentes de não repatriar os refugiados, caso as suas vidas ou liberdades estivessem ameaçadas em virtude de sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certos grupos sociais ou opiniões políticas (princípio de *non-refoulement*).

Protocolo de 1967

Na década de 60 do século XX surgiram novos fluxos de refugiados, nomeadamente da África e da Ásia para a Europa, em certos casos devido aos movimentos de descolonização de países desses continentes. A Convenção de 1951, não previra certas situações, o que limitava o seu raio de abrangência, deixando os “novos refugiados” desprotegidos.

A ONU e o ACNUR tomaram diligências a fim de ser concedida uma maior área de abrangência ao ACNUR de modo a que este pudesse atuar noutros continentes, dando assistência aos fluxos de refugiados que à data eram em grande número.

De modo a dar resposta a esta nova realidade o Protocolo sobre o Estatuto dos Refugiados, cuja finalidade era solucionar as limitações da Convenção de 1951. Deste modo o tempo de receção deixava de ser limitado a área geográfica de intervenção deixava de ter limites e deixava de ser restrita aos Estados signatários da Convenção de 1951 ³⁵.

Pode-se então concluir que a Convenção de 1951 e o Protocolo de 1967 são os meios através dos quais é assegurado que qualquer pessoa, em caso de necessidade, possa exercer o direito de procurar e de gozar de refúgio noutro país.

Assim, ambas as instituições, OIM e ONU, reconhecem um refugiado todo o indivíduo *que se encontre fora do seu país por causa de fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais, e que não possa (ou não queira) voltar para casa.* ³⁶

Refira-se ainda que foi em França que o termo refugiado surgiu pela primeira vez em 1573, associado ao acolhimento que no século XVI foi dado aos Calvinistas, movimento religioso protestante derivado de uma reforma iniciada por João Calvino, um teólogo cristão francês (Pereira, 2016, p. 6).

³⁵ Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000300003 (acedido em 07/06/2017)

³⁶ Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/index.php?id=252> (acedido em 12/06/17)

Deslocado

A noção de deslocado, pressupõe a saída de um lugar, embora não forçosamente do país. Geralmente está ligada a catástrofes naturais, como foi o caso ocorrido em 2010 com o sismo do Haiti. Foram muitos os indivíduos que se deslocaram para países da América Latina, no entanto, houve muitos que se deslocaram no seu país, sem que o tenham abandonado. No ano seguinte, no Japão, após o desastre nuclear muitos milhares japoneses ficaram na situação de deslocados. Neste caso a origem do fluxo de deslocados ficou a dever-se a fatores antrópicos e tecnológicos. Esta definição é corroborada pela OIM, que identifica fatores naturais ou antrópicos os responsáveis pela deslocação dos migrantes. No caso da fuga se der para outros Estados, por perseguições ideológicas, raciais ou outro tipo de discriminação em que o deslocado abandone o seu país por temor da sua integridade física, passa a ter o estatuto de refugiado e ficar ao abrigo das normas que regem o ACNUR³⁷.

Os deslocados internos são pessoas deslocadas dentro de seu país, muitas vezes são confundidas com refugiadas. Mesmo que a sua fuga se tenha dado por razões semelhantes às dos refugiados (conflitos armados, violações de direitos humanos), legalmente os deslocados internos permanecem sob a proteção do seu próprio governo. Como cidadãos, mantêm todos os seus direitos e são protegidos pelo código dos direitos humanos e o direito internacional humanitário sendo que também neste caso o conceito da OIM é coincidente com o dos restantes organismos.

De igual modo o SEF se orienta pelas normas da Convenção de 1951 para identificar um refugiado, acrescentando de um modo bem explícito o que “não são refugiados”.

Acrescenta ainda que o estatuto do refugiado é extensível à respetiva família relativamente ao beneficiários de AR,³⁸ promovendo desse modo, o reagrupamento familiar. Esta adenda foi criada com base na Lei de Entrada, permanência saída e afastamento de estrangeiros, do território português artigo n.º 56.

³⁷ Disponível em: http://www.csem.org.br/pdfs/conceitos_basicos_de_migracao_segundo_a_oim.pdf (acedido em 12/06/2017)

³⁸ Autorização de Residência

O papel do ACNUR, neste caso, pode ser o de dar assistência aos deslocados, no entanto a sua principal responsabilidade consiste na supervisão das necessidades de proteção aos deslocados. Normalmente também tem a seu cargo a coordenação e a gestão dos campos de refugiados.

Asilado

Como vimos anteriormente há, por vezes, tendência em não distinguir determinada terminologia quando nos referimos a movimentos migratórios. A situação de deslocado e exilado também tem gerado alguma confusão.

Etimologicamente a palavra asilo tem origem grega e deriva do termo em latim, “*asylum*”, que significa qualquer local inviolável, de refúgio ou de expressa imunidade (Baldi, 1995, p.223).

A palavra e a concessão de asilo já remonta à antiguidade, nomeadamente, Egito, Roma e Grécia, sendo, inicialmente, concedido a vítimas de perseguição religiosa. Este conceito nem sempre se manteve. Atualmente é um meio de proteção internacional a indivíduos perseguidos.

O exílio, por norma, trata-se de uma fuga ou de uma saída de um país, por decisão do estado, acontece geralmente com indivíduos *persona non grata*. Em Portugal aconteceu no tempo do Estado Novo com cidadãos que reclamavam a democracia e após o 25 de abril com cidadãos que tinham ocupado cargos de chefia nos anteriores governos. O exílio pode dar-se relativamente a grupos ou etnias *personae non gratae*, como foi o caso dos judeus em vários países.

Assim, o Asilo Político é um ato jurídico que tem como função a proteção de cidadãos estrangeiros que sejam alvo de perseguições nos seus países por ideais políticos, convicções religiosas, discriminação racial, xenófoba... A lei Internacional dos Direitos Humanos consagra o direito ao asilo de que todos os cidadãos, em casos de perseguição podem desfrutar no exterior, desde que a sua fuga não seja resultante de crimes comuns.

Segundo a OIM (2006), existem duas situações distintas de asilo: o asilo territorial e o asilo diplomático. O primeiro aplica-se à proteção que um estado garante a um cidadão estrangeiro,

podendo ir contra o exercício de jurisdição no país de origem com sustentação no princípio do *non-refoulement*, ao abrigo dos direitos reconhecidos internacionalmente. No segundo caso, o asilo diplomático, pode ser atribuído fora do país que o concede. Neste caso, o requerente de asilo dirige-se à sede da missão diplomática, ou à residência do chefe dessa missão, podendo ainda ser solicitado em navios ou aviões de combate. No entanto, este não pode ser concedido nos consulados que se encontrem no país de origem do requerente. O asilo concedido em consulados apenas pode ocorrer se o requerente se encontrar fora do seu país e se dirigir à Embaixada Diplomática do país a quem solicitar asilo. O pedido de asilo pode, no entanto, ser indeferido, devendo o requerente abandonar o Estado a quem foi solicitado asilo.

No que concerne ao SEF, a atribuição de asilo é mais complexa, sendo que o seu pedido segue os mesmos parâmetros da OIM e do ACNUR, ou seja, com base na redação na Convenção de 1951.

O processo de atribuição de asilo rege-se pela lei 27/2008 de 30 de junho.³⁹ O requerimento de asilo pode ser feito a maiores de 14 anos. A emissão da Declaração comprovativa do pedido de asilo será emitida apenas três dias após a apresentação do pedido. De entre várias condicionantes impostas ao asilado podem-se destacar as que foram consideradas as mais relevantes.

A Declaração é válida apenas por vinte dias pois é apenas um documento que comprova que o indivíduo formulou um pedido de asilo, não lhe conferindo o acesso ao mercado de trabalho, ou o direito de residência, garantindo no entanto, o acesso ao sistema escolar a menores requerentes ou filhos de requerentes, o acesso ao SNS⁴⁰ e o apoio jurídico prestado pelo CPR.⁴¹ Contudo, há exceções, sendo a concessão de residência uma delas onde, por razões humanitárias, poderá ser concedido aos requerentes que se sintam impossibilitados de regressar ao seu país.

³⁹ Disponível em:

http://www.sef.pt/PORTAL/v10/PT/asp/legislacao/legislacao_detalhe.aspx?id_linha=4219#cap1
(acedido em 12/06/2017)

⁴⁰ Serviço Nacional de Saúde

⁴¹ Conselho Português para os Refugiados

Se o pedido for considerado admissível é emitida uma autorização de residência provisória com a duração de dois meses, podendo ser renovável de trinta em trinta dias até uma decisão final. O asilado a quem for emitida esta autorização provisória ficam com o direito a trabalhar, frequentar cursos de formação profissional, estudar ou requerer o cartão de contribuinte.

No que concerne aos direitos e deveres o requerente deve colaborar com as autoridades sempre que tal lhe seja solicitado. Relativamente aos direitos, são vários os que lhe são atribuídos: direito a intérprete (sempre que necessário), direito a beneficiar do apoio judiciário ou, em casos de carência económica e social, direito a beneficiar de apoio social para alimentação e alojamento.

De entre os requerentes há casos excecionais para os quais a legislação é mais flexível: mulheres sós ou com filhos menores, mulheres grávidas, homens inválidos ou doentes, menores e idosos (anexo 11).

Refugiado

O Refúgio, tem um percurso idêntico ao do asilo, dar abrigo ou proteção a pessoas vítimas de perseguições, mas atualmente o seu significado não é forçosamente o mesmo.

Segundo a Convenção de 1951 um refugiado é alguém que cuja integridade física está em risco por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país.

O correto conceito de refugiado reveste-se de uma enorme importância sob três pontos vitais:

- I. As definições constantes na Convenção de 1951 e no Protocolo de 1967 são fundamentais para definir os deveres contratuais ou convencionais dos Estados-membro das referidas organizações. Assim, todo o indivíduo que preencha os requisitos neles previstas ganha o direito ao seu abrigo.
- II. A Convenção de 1951 delega no ACNUR a responsabilidade de garantir a aplicação dos seus dispositivos e, relativamente aos migrantes que satisfaçam os requisitos, promover-lhes a segurança e proteção ao abrigo dos acordos internacionais.

- III. A sua identificação inequívoca ganha maior relevância pelo facto de ter sido adotada por muitas legislações nacionais, conferindo uma maior importância à caracterização do refugiado e à sua distinção do exilado (Casella, 2001. pp. 17-26. *in* Fernandes, 2012. p. 61).

Asilo vs. Refúgio

Apesar de tanto o asilo como o refúgio serem instituições de cariz humanitário, e ambas de proteção de indivíduos, existem pontos em que as diferenças são notórias (Figura 13).

Diferenças entre “Asilo” e “Refúgio”	
ASILO	REFÚGIO
1. Instituiu-se na Antiguidade clássica. A sua abrangência podia ser a nível regional ou entre os Estados (Egito, Roma, Grécia).	1. Instituto com abrangência mundial com início na primeira metade do século XX. Durante a década de 60 deste século passou também a ser tema de tratados regionais.
2. Pode ser concedido no país do solicitante.	2. Visa indivíduos que se encontrem fora do seu país de origem.
3. É concedido apenas por razões políticas.	3. São cinco as principais causas fundamentais: Políticas; Religiosas; Raciais; Étnicas e Nacionalidade.
4. Não está sujeito a organismos internacionais. A sua concessão é o exercício de um direito soberano de um Estado.	4. Concessão de proteção exercida sobre indivíduos, sem caráter político.
5. Não há previsão ou cessação do seu término. Não existem obrigações internacionais nem políticas de integração para o país de acolhimento.	5. Há uma previsão para o seu término. O país acolhedor tem obrigações internacionais e também de políticas de integração local para com os refugiados.
6. O país de acolhimento não disponibiliza qualquer tipo de programa de apoio ao exilado. Não estão previstos, por parte das convenções relacionadas com o asilo, organismos encarregados de supervisionar o asilado.	6. Para o refugiado estão previstos programas de apoio e assistência, normalmente orientados pelo ACNUR.
7. Apesar de haver um estatuto prévio legal, a definição pode suscitar dúvidas.	7. Desde a pela Convenção de Genebra de 1951, que existem estatutos bem definidos e atualizados em função de novas situações que possam surgir.
8. O asilo tem como finalidade prestar proteção a indivíduos vítimas de perseguição efetiva e atual (Caracas, 1954).	8. Para a concessão de refúgio não há necessariamente de se verificar uma perseguição efetiva e atual. O “fundado temor de perseguição” é, por si só, uma condição necessária para a concessão de refúgio.
9. Para a concessão de asilo, as causas são muito limitadas.	9. Para a concessão de refúgio, são muitas as causas que possam identificar um indivíduo como refugiado.
10. Para a concessão de asilo não existem cláusulas de exclusão, mesmo que o requerente tenha perpetrado ações que vão contra os princípios das Nações Unidas.	10. Qualquer tipo de ação que vá contra os princípios das Nações Unidas praticada um indivíduo é considerada como cláusula de exclusão à concessão de refúgio.

Figura 13 Diferenças entre asilo e refúgio

Elaboração: Própria (2017), com base em Chaves (2008)⁴²

⁴² Chaves, L.M.N., (2008). *A questão dos refugiados nas relações internacionais - o caso colombiano*. Dissertação de Mestrado em Direito pp. 13-23

Como se pôde constatar pela tabela, são vários os pontos em que as divergências são notórias, no entanto, também há algumas e importantes ações comuns a ambas as instituições (Figura 14).

Semelhanças entre “Asilo” e “Refúgio”
1. Tanto o asilo como o refúgio estão diretamente relacionados com a proteção a indivíduos sujeitos a perseguições.
2. Ambos os institutos têm como fundamentos a solidariedade e cooperação.
3. Tanto o asilo como o refúgio se norteiam no respeito pelos direitos humanos, razão pela qual podem ser entendidos como integrados no Direito Internacional dos Direitos Humanos.
4. Em qualquer um dos casos não há a obrigatoriedade em conceder asilo ou refúgio aos solicitantes. Asilo e refúgio não são um direito dos requerentes, são sim, um direito dos estados.
5. A possibilidade de extradição está excluída em qualquer um dos casos.
6. Nem asilo nem refúgio estão sujeitos à reciprocidade. A proteção cedida aos requerentes não tem relação com as suas nacionalidades.

Figura 14 Semelhanças entre asilo e refúgio

Elaboração: Própria (2017), com base em Chaves (2008)⁴³

Também em relação ao migrante ilegal e migrante clandestino há ainda algumas confusões, principalmente porque, numa primeira análise, parece tratar-se da mesma situação.

Um migrante clandestino é sempre um migrante ilegal, no entanto um migrante ilegal pode não ser clandestino. Um migrante clandestino é o indivíduo que entra ou sai de um país sem conhecimento das autoridades; muitas vezes acontece, com esse tipo de migrantes, não se fazerem acompanhar dos documentos de identificação – indocumentados – nestes casos, mesmo sendo identificados pelas respetivas autoridades, não podem ser repatriados.

Um migrante documentado, mas que passa à condição de ilegal, é o indivíduo que tem o visto de entrada ou saída legal, mas que permanece no país para onde se deslocou mesmo após ter expirado o prazo de permanência. Contrariamente ao que acontece com o migrante indocumentado, nestes casos as autoridades têm conhecimento da sua entrada ou saída do país.

⁴³ Chaves, L.M.N., (2008). *A questão dos refugiados nas relações internacionais - o caso colombiano*. Dissertação de Mestrado em Direito pp. 13-23

No que concerne à tipologia de migrações podemos-las dividir em quatro grandes grupos: Espaço, Tomada de decisão, Legalidade e Duração. Cada um destes tipos de migrações pode ser dividido em subgrupos e estes ainda em grupos mais restritos.

Relativamente ao fator Espaço podem dividir-se em migrações internas, se o movimento se der dentro do país ou migrações externas se for para o estrangeiro (Figura 15).

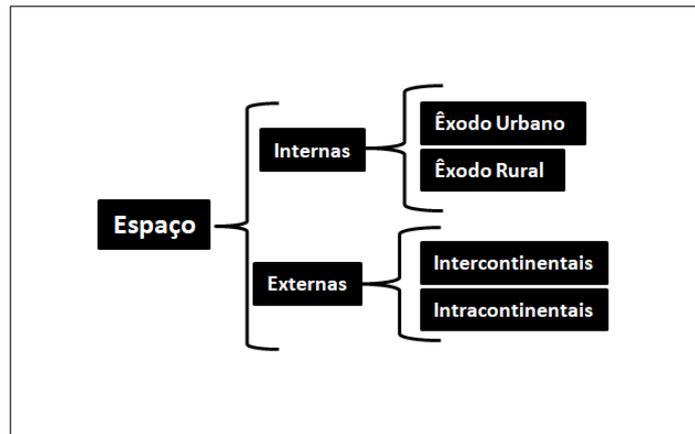


Figura 15 Migrações quanto ao espaço

Fonte: Própria (2017)

No primeiro caso, Migrações Internas, podem dividir-se em Êxodo Rural se o movimento for de meios rurais para meios urbanos, Êxodo Urbano se o movimento se faz dos meios urbanos para os rurais.

O êxodo rural continua a ser uma constante, não só em Portugal, como na maioria dos restantes países. A China é um caso paradigmático deste fenómeno, tendo-se registado, nas últimas três décadas, um fluxo de cerca de 200.000.000 de indivíduos que deixaram as áreas rurais tendo como destino os centros urbanos⁴⁴.

O êxodo urbano, apesar de não ser tão notório como o rural, também tem registado uma evolução crescente, no entanto, como é um movimento que não vai descaracterizar áreas (como acontece com o êxodo rural) não é tão perceptível como o anterior.

⁴⁴ Disponível em:
http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/11/121029_china_milagre_sombrio_ac
(acedido em 10/07/2017)

As Migrações Externas podem dividir-se em Migrações Intercontinentais, se o migrante for para outro continente, Migrações Intracontinentais, se o movimento se der dentro do mesmo continente.

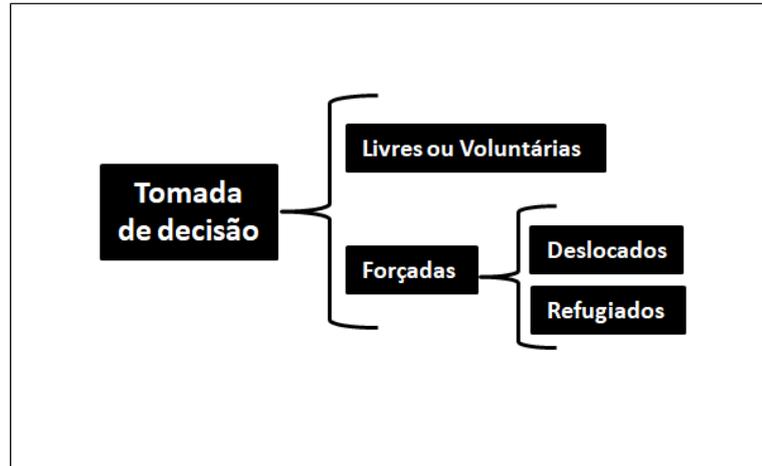


Figura 16 Migrações em função da motivação

Fonte: Própria (2017)

No que concerne à decisão de migrar (fatores atrativos e/ou repulsivos), podem dividir-se em Livres ou Voluntárias e Forçadas (Figura 16). No primeiro caso, são feitas por iniciativa do migrante, em que este é impelido por diversas razões, como teremos ocasião de ver com maior pormenor quando debatermos as Escolas e Teorias das migrações.

Em relação às Migrações Forçadas podem dividir-se em dois grupos: Deslocados e Refugiados. Por vezes gera-se alguma confusão com estes dois tipos de migrações, no entanto, como já tivemos ocasião de discutir, as diferenças alteram o panorama judicial do migrante no país de acolhimento.

No caso das migrações quanto à Legalidade, como o próprio nome indica, referem-se às condições legais em que o migrante entra ou sai do país (Figura 17). Legais ou Documentadas, quando o indivíduo possui a documentação necessária para entrar e ficar no país, ou dele sair. O Estado tem conhecimento dessas entradas e saídas.

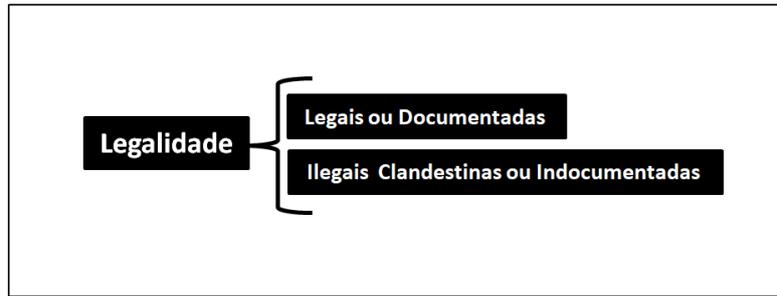


Figura 17 Migrações quanto à legalidade

Fonte: Própria (2017)

Ilegais, Clandestinas ou Indocumentadas, nos casos em que o migrante não reúne as condições necessárias de identificação e/ou autorização para poder sair ou entrar e ficar no país de acolhimento. Nestes casos o Estado não tem conhecimento das entradas e saídas que os migrantes fazem.

Pode dar-se o caso de um migrante Legal ou Documentado passar a migrante ilegal. Estas situações ocorrem com alguma frequência quando o limite de tempo de permanência é ultrapassado e o migrante continua no país.

Como anteriormente foi referido, também o período de tempo em que o migrante se vai manter fora do seu local de origem vai dar origem a mais do que um tipo de migrações (Figura 18):

Definitivas ou Permanentes; Temporárias, Sazonais e Movimentos Pendulares.

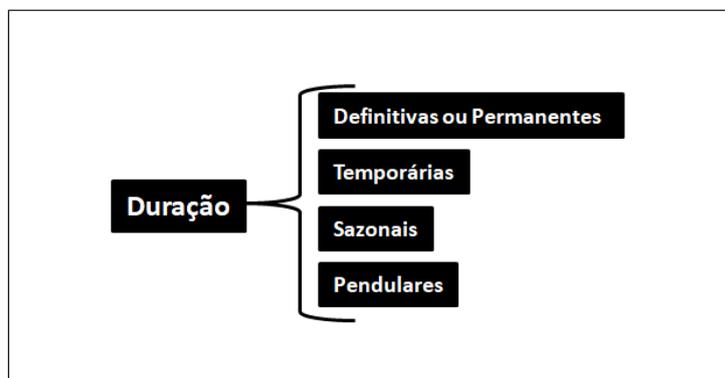


Figura 18 Migrações quanto à duração

Fonte: Própria (2017)

Quando são referidas migrações Definitivas ou Permanentes, estamos perante situações em que o migrante se mantém fora do seu país por períodos muito longos ou não regressam.

Este tipo de migrações é frequente, principalmente com migrantes de segunda ou terceira geração, no entanto não se aplica apenas a migrantes económicos também há casos de migrações forçadas em que nesta situação ocorre, optando o migrante por não regressar ao local de partida.

São muitos os migrantes que se ausentam por curtos ou longos espaços de tempo mas cuja intenção, ao migrarem, é o regresso ao local de partida. Estas migrações podem ser forçadas ou voluntárias, no entanto, tendo em consideração a duração do tempo de ausência estamos perante um caso de migrações temporárias.

É com alguma frequência que se veem indivíduos, nomeadamente estudantes, deslocarem-se durante um curto espaço de tempo para outras regiões ou países. Trata-se de migrantes que partem com intenção de efetuarem um trabalho de curta duração, regressando após o término da atividade, por exemplo agrícola.

Os movimentos pendulares, resultantes de uma mobilidade cada vez maior e melhor, têm também conhecido um aumento, sendo este uma deslocação diária em que o migrante se desloca da sua residência para o local de trabalho e vice-versa (Perpétua, 2010. pp. 134-154). Este movimento pode também incluir-se nas migrações quanto ao Tempo.

Dentro do âmbito de migrantes temporários existe um tipo de migrantes que pode ser, ou não, migrante temporário: os *Sun-Seekers (lifestyle migrants)*.

Sun-Seekers são migrantes que procuram o Sol, normalmente reformados. São, geralmente oriundos do Norte e Centro Europeu que procuram residência temporária ou definitiva no sul da Europa. Por norma, a principal razão que leva a este movimento são as condições climáticas (climas temperados sem invernos rigorosos), por outro lado, o custo de vida é mais baixo e os preços das habitações/terrenos também são mais baixos (Velez, 2015).

- ✓ Sun-Seekers Permanentes: vivem todo o ano no país de chegada, normalmente até vendem ou arrendam as suas propriedades no país de origem.

- ✓ *Sun-Seekers* Temporários: vivem duas a três estações do ano fora do país de origem; não vendem a 1ª residência, podem, no entanto, passá-la a 2ª residência.

Os migrantes, por norma estão inseridos no grupo etário de “idade ativa”, os *sun-seekers* fogem à regra, de um modo geral são indivíduos que já atingiram a idade de reforma. No entanto pode haver casos de *sun-seekers* em idade ativa. São indivíduos que vão desenvolver uma atividade no país de destino, nomeadamente atividades que impliquem trabalho manual e contato com a natureza. Essa atividade não tem objetivos económicos, desenvolvem-nas pelo prazer e entretenimento.

Os países com características climáticas mais amenas, são os que recebem maiores fluxos deste tipo de migrantes também identificados como “*lifestyle migrants*”. Provenientes de países do norte da Europa, são vários os destinos para países de clima Mediterrâneo, como Espanha, Grécia, Itália, Malta, Turquia ou Croácia. Também Portugal tem vindo a registar um crescendo de entradas destes migrantes.

Contrariamente ao que se possa pensar os *lifestyle migrants* não procuram apenas o Sol e o mar, a fuga ao frenesi dos seus países e a procura de locais onde o sossego lhes proporcione uma melhor qualidade de vida, é também um dos fatores responsável por estes fluxos. Assim, locais calmos propícios ao lazer e contato com a natureza são também alvo de procura por parte dos *lifestyle migrants*. Nesta perspetiva locais isolados ou com baixas densidades populacionais são escolhas de alguns dos referidos migrantes (Castro, 2015. pp. 1-5). Perante este cenário podemos interrogar sobre qual o impacto que os migrantes poderão ter nestes territórios? Segundo os resultados obtidos pela autora após o estudo *in loco*, conclui-se que os migrantes podem gerar desenvolvimento nos locais de fixação devido aos investimentos feitos, essencialmente no setor da agricultura, preferencialmente na azeitona e na vinha. O investimento nestas produções não é casual. O estudo, feito em 2010, teve lugar no Alto Alentejo e na sub-região de Badajoz, propícias às referidas atividades. O agroturismo complementado com atividades que promovam o contato com a natureza, são também

atividades desenvolvidas pelos *lifestyle migrants* que se fixaram nas referidas regiões (Ob. Cit, 2015. pp. 6-10).

As migrações *Sun-Seekers* também se verificam no continente Norte Americano onde o incentivo dos migrantes é também o clima sendo conhecido por *Early Birds*. São indivíduos normalmente canadianos que se sentem atraídos pelo clima ameno da Flórida, estado que estes migrantes, por norma, elegem como preferencial⁴⁵.

No caso *Early Birds*, geógrafos e sociólogos entram em confronto.

O sociólogo francês Joffre Dumazedier, considera que nas sociedades modernas há 4 períodos de tempo de lazer: lazer do fim do dia, lazer do fim de semana, lazer anual (férias) e lazer do fim de vida ativa (reforma). Sendo assim, na sua perspetiva, tanto *sun-seekers* como *early birds*, nada teriam a ver com migrantes, mas sim com turistas em fim de vida ativa ou lazer da 3ª idade⁴⁶, apesar da definição do OIM ir ao encontro das perspetivas dos sociólogos, em contraponto temos os *sun-seekers* permanentes, que se enquadram no conceito de população migrante, mesmo face à definição da OIM.

⁴⁵ Apontamentos da unidade curricular de “Geografia das Migrações”

⁴⁶ Apontamentos da unidade curricular de “Geografia do Lazer”

2. Escolas e teorias das migrações

Para melhor compreender a atualidade das migrações, é importante fazer referência ao quadro teórico, tendo em linha de conta a primeira teoria, postulada por Ernest Ravenstein (1852-1913) que é considerado como o primeiro autor a estudar os fluxos populacionais em Geografia. Foi um geógrafo inglês que usou dados censitários da Inglaterra e do país de Gales para fazer o estudo de fluxos migratórios internos e internacionais.

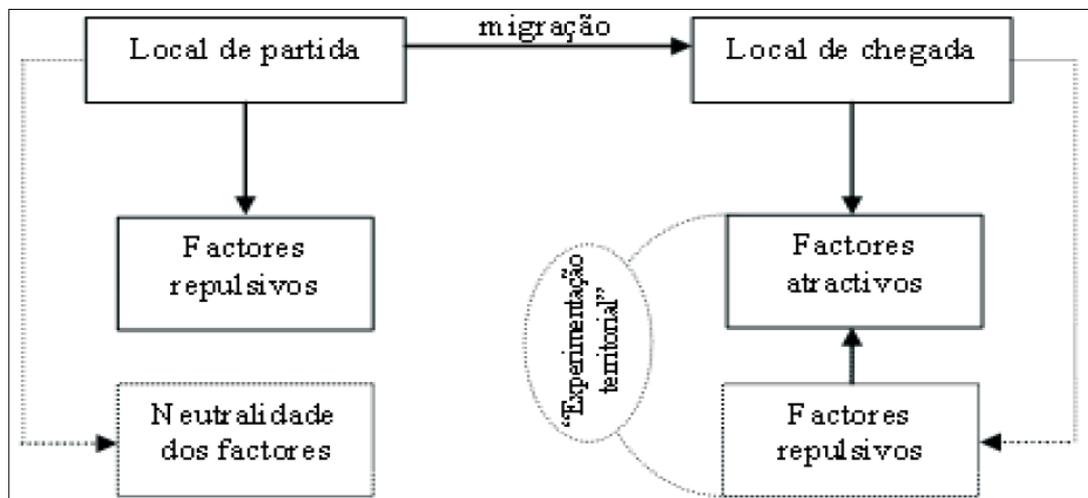


Figura 19 Quadro conceitual da teoria de Ravenstein (push/pull)

Fonte: Velez de Castro (2012)

Com a sua análise enumerou uma série de “leis empíricas da migração” para explicar o processo de mobilidade populacional (Figura 19). Estas leis foram incluídas no seu primeiro estudo, as “Leis das Migrações” (1885).

Nesta obra ficaram consagradas várias teorias sendo a *push/pull* (atração/repulsão) uma das mais controversas. Na sua perspetiva, os movimentos migratórios eram a consequência de duas condições: favoráveis e desfavoráveis.

A primeira (fatores atrativos), corresponderia a regiões que apresentassem argumentos favoráveis de modo a proporcionar melhores condições de vida ao migrante (falta de mão de obra, melhores remunerações, melhores serviços sociais, etc.).

Na segunda (fatores repulsivos), existiriam condições desfavoráveis (falta de emprego, impostos pesados, instabilidade, etc.) o que incentivava o migrante a procurar um destino que lhe proporcionasse melhores condições. (Castro, 2012, p. 205) (esquema 6).

Na verdade, contrariando a teoria de Ravenstein, nem sempre há necessidade de duas motivações para que se registem movimentos migratórios, como são os casos em que o migrante sai de uma situação boa para uma melhor: assim sendo, existe um fator de atração sem que, no entanto, se verifique algum tipo de repulsão. Podem também ocorrer situações em que não exista qualquer motivo que atraia o migrante a deslocar-se para o local de destino, sendo apenas movido pelo fator de repulsão, o que geralmente acontece em situações de catástrofes naturais, conflitos armados, perseguições étnicas, religiosas, políticas ou qualquer outra situação que ponha em causa a integridade física do migrante (Castro, 2012, p. 213).

Quando se fala de migrações tem-se a noção que há vários tipos, como já foi analisado anteriormente. Relativamente à área, à forma, à legalidade e à duração. No grupo de migrações quanto à forma, podemos, de grosso modo, subdividi-lo em migrações voluntárias e migrações forçadas, e é neste último que este relatório se irá centrar, mais concretamente sobre o tema dos migrantes - refugiados.

Quando se mencionam as migrações regulares (voluntárias), há a tendência a associarem-se as migrações a uma saída de indivíduos em busca de melhores condições financeiras, tal como Lewis (1954) e Todaro (1976) defendiam, no entanto, os motivos dessas saídas poderão ser movidos por outros motivos que não os financeiros.

Com efeito, a escola neoclássica realça a componente financeira como principal responsável pelos movimentos migratórios que, segundo Lewis, as migrações seriam de uma importância vital, tanto para os locais de origem como para os de destino. Os movimentos migratórios seriam o fator de equilíbrio para o excesso de mão de obra no local de origem e para colmatar o seu défice nos locais de destino (Castro, 2012. p. 38).

Com efeito, as razões responsáveis pelos movimentos migratórios nem sempre são de índole financeira. Os tipos e teorias das migrações remetem-nos a várias condicionantes.

Mincer (1958) terá sido o precursor da teoria do capital humano defendendo a existência de um investimento na formação dos migrantes. Segundo Mincer, havia necessidade de investir de uma forma individual, no investimento humano. Gastar tempo na obtenção de novos conhecimentos, para posteriormente fazer uso deles nas atividades profissionais. Assim, o autor conclui que o investimento efetuado no capital humano teria um impacto direto na produtividade e no crescimento económico.

Pierre Bourdieu terá feito uma das primeiras análises sistemáticas do capital social, definindo o conceito como "*o agregado dos recursos efetivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo*" (Bourdieu, 1985. p. 248)⁴⁷. Esta teoria tinha como princípio as redes de entajuda que, tal como o nome sugere, passava pelos contatos de conhecidos/amigos/familiares que já se encontravam no local de destino.

Piore (1979), apresentou a Teoria do Mercado-de-Trabalho Segmentado cujo princípio era o do processo de "recrutamento seletivo" que já se tinha verificado nos EUA com o Programa Bracero, onde indivíduos, por norma mexicanos, eram recrutados, essencialmente para o trabalho agrícola. Também na Alemanha, houve um processo de recrutamento idêntico: O Programa Gastarbeiter que consistia na recruta de trabalhadores do Sul da Europa, nomeadamente, Portugal, Espanha Itália e Grécia, principalmente para a indústria e construção. Nestes casos a componente social e humana eram ignoradas, pois os migrantes não se podiam fazer acompanhar pela família, os contratos eram de carácter individual de modo a evitar o reagrupamento familiar e a fixação. A duração, por norma, não excedia os 5 anos. Este tipo de atitudes (impedimento ao reagrupamento familiar) não é aceite na maior parte dos países europeus, goza até, de uma grande proteção. Em Portugal, o direito ao reagrupamento

⁴⁷ Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292000000200007 (acedido em 24/05/17)

familiar, está salvaguardado tanto pelas diretrizes comunitárias como também pela lei interna que o considera como um direito fundamental com origem legal.⁴⁸

A Teoria dos Sistemas Migratórios, por norma, acontece entre países com boas relações de afinidade. Estes movimentos estão associados a ligações existentes entre os países emissores e recetores de migrantes, laços que unem os países por motivos variados, como, por exemplo, de índole colonial, cultural, política, militar, comercial de investimento ou outros, não implicando necessariamente uma proximidade física. Assim, Boutang e Papadimetriou (1994) *in* (Pimentel, 2006, p. 18) defendem, que estas migrações podem funcionar como agente regulador da mão de obra estrangeira, quer como qualitativa como quantitativamente.

São muitos os estudos que se fizeram e continuam a fazer em torno das migrações: Teorias e Tipologias. Os movimentos migratórios, como já foi referido, não são um fenómeno recente, sempre existiram e as suas motivações são diversas. Atualmente muito se tem falado em fluxos de migrantes refugiados, também este tipo de migrantes não se remete à atualidade, com efeito, estes movimentos, com maior ou menor impacto ou visibilidade, já são seculares. Para minimizar os as dificuldades que os refugiados sentem, foram criados grupos de apoio, espontâneos ou governamentais. Também estas organizações não se remetem apenas à atualidade.

3. Os Refugiados e os organismos relacionados

A SDN⁴⁹ (Figura 20) foi uma organização internacional criada em 1920 pelas potências vencedoras da Primeira Guerra mundial cujo ideal era proporcionar proteção aos refugiados e encontrar soluções que os pudessem ajudar a resolver os seus problemas. À altura da sua criação ainda estavam muito presentes as consequências da Primeira Guerra Mundial, da Revolução Russa e dos vários tumultos vividos pelo Império Otomano, responsável por grandes fluxos migratórios, não só na Ásia como também na Europa.

⁴⁸ Apontamentos da unidade curricular de “Políticas Públicas e Sistemas Migratórios”

⁴⁹ Sociedade Das Nações (também conhecida como Liga das Nações)

A guerra entre Grécia e Turquia, em 1922, deixou várias centenas de milhares de gregos que se deslocaram do território asiático sem habitação. O SDN foi a força moderadora para que esta situação fosse minimizada, propondo um movimento contrário ao que se tinha verificado: turcos que se encontravam na Grécia, regressavam à Turquia. Neste processo o SDN teve um papel muito importante ao disponibilizar fundos para a reintegração de ambos os grupos⁵⁰.

Com o final da II Grande Guerra Mundial a Europa sentia necessidade de criar um programa que prestasse auxílio aos refugiados e deslocados, repatriando-os para os seus países de origem, apesar de muitos deles não quererem retornar. Os países aliados ignoraram a maioria da vontade dos repatriados, atitude que desagradou aos EUA, principal financiador do programa, o ANUAR⁵¹.

Em 1947 os EUA recusaram-se a prorrogar o seu mandato, cortando-lhe o financiamento, ditando, deste modo, o seu fim.

O ANUAR tinha-se extinguido, no entanto os problemas dos deslocados, persistiam. Havia necessidade de criar um outro programa que conseguisse resolver, ou minimizar, a situação que se vivia na Europa.⁵²

O ANUAR tinha que ser rapidamente substituído por outro programa que prestasse uma assistência mais eficaz, aos refugiados europeus de forma a reinstalá-los, reintegrá-los ou repatriá-los, e não apenas repatriá-los. Foi então criado o OIR⁵³, programa que tinha funções mais abrangentes do que o anterior. A identificação, o registo e classificação, os cuidados e a assistência, e a proteção política eram também da responsabilidade deste programa.

Apesar do repatriamento fazer parte das suas diversas funções, a organização apenas foi responsável por 73 000 repatriamentos, tendo reinstalado mais de 1 000 000 de refugiados, sob uma forte crítica vinda dos países do bloco de Leste que insistiam no repatriamento dos “seus” cidadãos.

⁵⁰ Disponível em: http://www.cidadevirtual.pt/acnur/acn_lisboa/q-inf.html#pp1 (acedido em 01/06/17)

⁵¹ Administração das Nações Unidas para o Auxílio e Restabelecimento

⁵² Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_909.pdf (acedido em 08/06/17)

⁵³ Organização Internacional para os Refugiados

Este programa foi criado em julho de 1947, como agência não especializada da ONU.

Apesar dos vários esforços para conseguir levar por diante as tarefas a que se tinha proposto, os fluxos de refugiados previstos para os anos 50 impediram a OIR de levar os seus intentos a bom porto.

A partir de 1951 as atividades da OIR foram gradualmente sendo reduzidas, tendo cessado funções em 1952. O organismo que iria dar continuação ao projeto da OIR, seria o ACNUR⁵⁴ que já dava os primeiros passos desde 1951, colmatando, deste modo, uma lacuna no apoio aos deslocados (Cutts *et al*, 2000, pp. 16-19).

Em 1951, após uma solicitação feita em 1950 pela Assembleia Geral da ONU, foi assinado, em Genebra, um acordo, Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados, tendo como objetivo principal estabelecer padrões básicos para o tratamento de refugiados que entrou em vigor em abril de 1954.

Apesar da maior abrangência do ACNUR relativamente aos programas anteriormente existentes, nos anos 50 o seu eurocentrismo era patente. A sua área de ação restringia-se aos países da Europa. As relações entre países de Leste e Oeste eram tensas, e a criação deste programa terá coincidido com o início da Guerra Fria. A preocupação, naquela altura, dos governos ocidentais eram os refugiados que fugiam dos regimes comunistas (Cutts *et al*, 2000, p. 5).

A primeira grande crise que pôs o ACNUR à prova, foi o êxodo de refugiados da Hungria, após a repressão da rebelião de 1956 pelos soviéticos. Esta crise, com que se deparou o ACNUR, proporcionou-lhe o primeiro trabalho com outras organizações humanitárias: CICV⁵⁵, na Hungria e a Liga das Sociedades da Cruz Vermelha, na Áustria (Cutts *et al*, 2000, pp. 26-27).

Uma situação com que o ACNUR se deparou e não foi de fácil resolução esteve relacionada com os “menores não acompanhados”, atualmente referidos como “crianças separadas”. Entre

⁵⁴ Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

⁵⁵ Comité Internacional da Cruz Vermelha

estas crianças refugiadas, havia as que tinham fugido por sua conta ou as que se tinham separado da família durante a fuga.

Após a exigência feita pela Hungria, em novembro de 1956, relativamente ao repatriamento de jovens com idade inferior a 18 anos, o ACNUR e o CICV reuniram de emergência de modo a tentarem arranjar uma solução para esta situação.

A reunião teve lugar no mês seguinte e nela se acordou que apenas crianças menores de 14 anos seriam repatriadas desde que tivessem o pai ou a mãe a pedir o seu regresso (Cutts *et al*, 2000, p. 35).

O raio de ação do ACNUR, nas décadas de 60 e 70, conheceu uma nova dimensão. Os conflitos vividos em alguns países africanos. O processo de descolonização das colónias e/ou protetorados franceses não foi pacífica.

Violentos confrontos armados foram travados entre forças da FLN⁵⁶ e tropas de elite francesas, em forma de guerrilha e atentados. A guerra da Argélia decorreu entre 1954 e 1962 tendo sido uma das mais violentas guerras de independência colonial.

Após os conflitos de franceses com as suas colónias e/ou protetorados, Marrocos, Argélia e Tunísia, o ACNUR teve de intervir para a assistência apoio e repatriamento de cidadãos destes países. O ACNUR tinha dado, desta forma, o seu primeiro passo fora do continente europeu. Outros conflitos em África, no decorrer dos anos 60, foram responsáveis pela intervenção, por parte do ACNUR, nesse continente.

Com o aparecimento de novas situações de conflito, houve necessidade de retificar a Convenção já existente e adaptá-la a novas situações. A sua proposta, feita em 16 de dezembro de 1966, assinada pelo Presidente da Assembleia Geral e pelo Secretário-Geral no dia 31 de janeiro de 1967 tendo sido ratificada a 4 de outubro de 1967.

Nos anos 70, mais concretamente em 1971, a missão do ACNUR estende-se ao continente asiático. O Bangladeche tinha entrado em guerra, que mais tarde lhe conferiria a

⁵⁶ Frente de Libertação Nacional (Movimento pró-independentista argelino)

independência. O número de população de refugiados é considerado o maior da segunda metade do século XX. Cerca de 10 000 000 de pessoas tinham deixado o país com destino à Índia, tendo, este êxodo, obrigado o ACNUR a realizar a sua maior operação de emergência humanitária (Cutts *et al*, 2000, p. 6).

Foi no decorrer da década de 80 que o conceito de migração forçada começou a ser utilizado passando a ser usado em organizações direcionadas ao refúgio.

Apesar de retificado ainda não se pode considerar que as regras para com os refugiados sejam bem precisas, especialmente em casos de migrantes resgatados em alto-mar. A especificidade do local de destino do refugiado ainda não é totalmente clara, ou ainda qual o país ou jurisdição que os deve aceitar. Dos vários itens não totalmente definidos salienta-se um... o que interroga acerca do que se há de fazer em caso de suspeita de colaboração dos imigrantes num ato criminal grave contra a segurança marítima (pirataria, escravatura, etc.)⁵⁷.

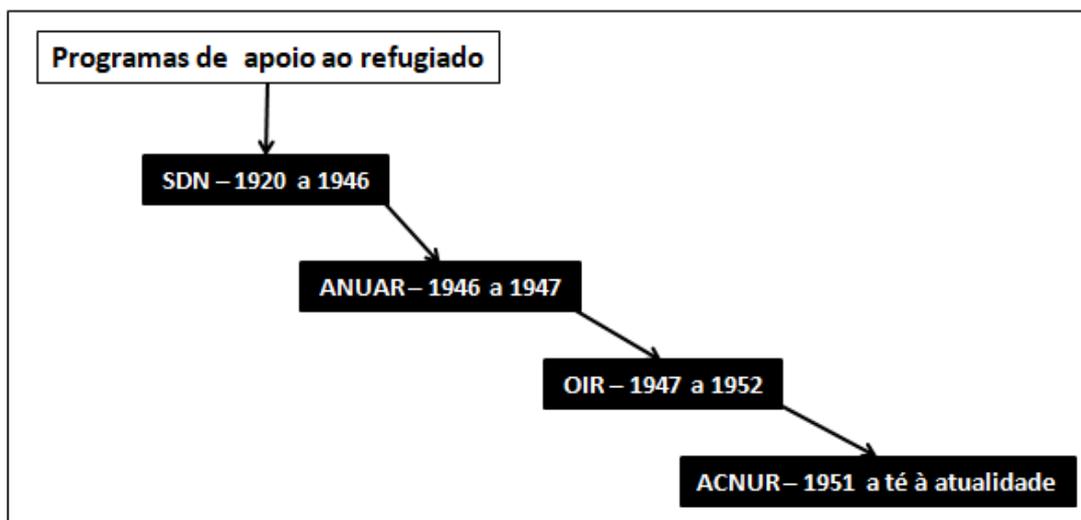


Figura 20 Cronologia dos programas de apoio ao refugiado

Fonte: Própria (2017)

Para diferenciar os migrantes refugiados, o ACNUR identifica-os como *peçoas que se encontram fora do seu país por causa de fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou participação em grupos sociais, e que não possa (ou*

⁵⁷Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/informacao-geral/o-que-e-a-convencao-de-1951/> (acedido em 15/04/17)

*não queira) voltar para casa ou ainda que são obrigadas a deixar o seu país devido a conflitos armados, violência generalizada e violação massiva dos direitos humanos*⁵⁸

Apesar das retificações e adaptações a novas situações, ainda há casos de pessoas em risco que, juridicamente, não se encontram abrangidos pela ação do ACNUR. A perseguição por géneros (violência sexual) que ainda existe em certos países, está por enquanto excluída da sua proteção. No entanto, essa proteção e refúgio têm sido concedidos. Fora do âmbito de proteção e refúgio, apesar do risco de integridade física, (artigo 1, parágrafo 6º) estão também indivíduos que tenham cometido crimes graves: crimes contra a paz, crimes de guerra, crimes contra a humanidade e outros crimes graves. (Pacífico, 2010, p. 34).

Segundo a OIM, com base nos dados recolhidos em 2008, metade do número total de refugiados eram mulheres, valores que até finais do século XX não se registavam, tendo dado a esta evolução, o nome de *feminização das migrações*, pois até à data referida, a maioria dos refugiados eram do género masculino (Pacífico, 2010, p. 36).

4. Reflexão sobre a figura do “Refugiado” na atualidade: contributo para a “desmitificação”

Tendo em conta todas as ideias já apresentadas e analisadas no enquadramento teórico, urge a realização de uma reflexão em torno da figura dos refugiados, e de como ela é por vezes mal-entendida na atualidade. Apenas migrante ou migrante e refugiado? Ultimamente, muito se tem falado em migrações em massa e em refugiados. Este facto tem gerado alguma confusão, em parte lançada pela comunicação social que utiliza as duas terminologias como se ambas tivessem o mesmo significado (Figura 21).

⁵⁸Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/informacao-geral/perguntas-e-respostas/> (acedido em 11/01/17)

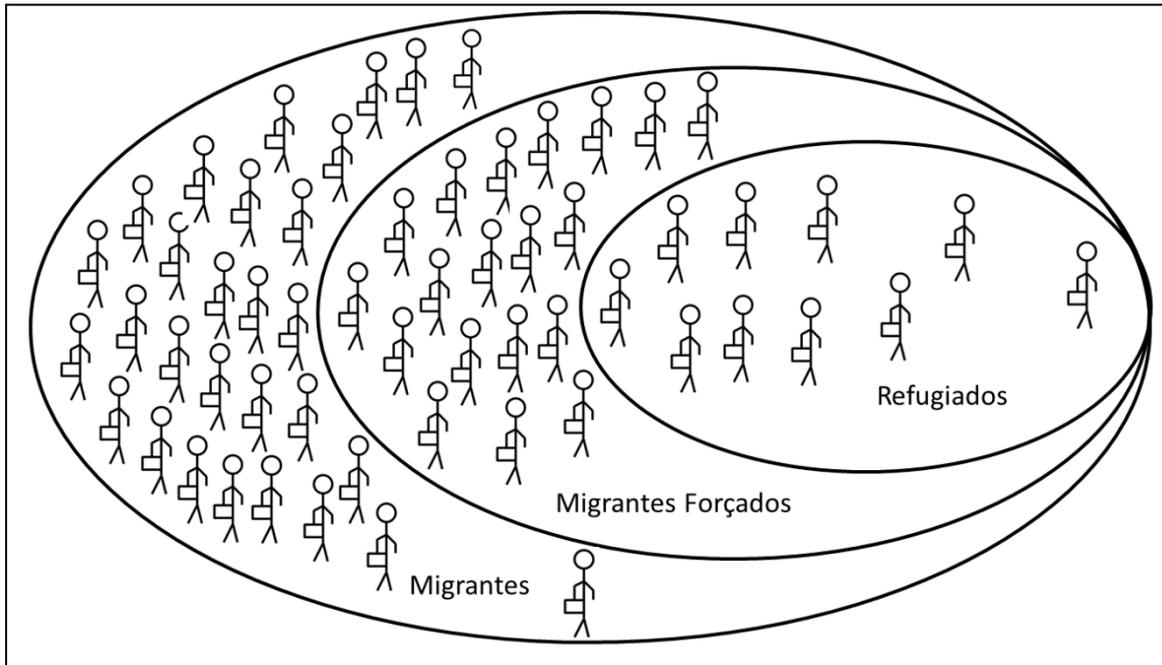


Figura 21. Diferenças entre migrantes, migrantes forçados e refugiados

Fonte: Própria (2017)

Na verdade, um refugiado é um migrante, no entanto, um migrante não tem que ser um refugiado. Um migrante forçado, não refugiado, é o indivíduo que abandona o local de residência em consequência de catástrofes naturais – erupções vulcânicas, sismos... – ou antrópicas (conflitos bélicos, perseguição religiosa, etc.).

O estatuto de refugiados confere-lhes direitos a que os restantes migrantes não têm acesso. Nestes casos ficarão ao abrigo e assistência dos respetivos estados, do ACNUR ou de outras organizações, governamentais, ou não governamentais.

O facto de ser considerado migrante ou refugiado faz toda a diferença. O migrante é, no país de destino, um indivíduo que tem de se sujeitar à legislação de imigração a vigorar no país acolhedor, no que diz respeito ao refugiado a situação, como já foi referido, difere. Estes têm direito à proteção e ao refúgio.

Adrien Edwards, porta-voz do ACNUR, na página oficial da organização alerta para a confusão que se tem feito entre os dois tipos de migrantes e do perigo que essa confusão pode acarretar, principalmente para os refugiados.⁵⁹

5. Os antecedentes da atual crise dos Refugiados

Foi em dezembro de 2010 que ocorreram os tumultos que deram origem à Primavera Árabe e consequente “avalanche” de protestos e manifestações que rapidamente passaram a confrontos armados, não só em países africanos como, posteriormente, em países do Médio Oriente (Figura22). Se é certo que foi a partir desta data que se generalizaram os conflitos armados impulsionados por um rápido “efeito dominó”, não podemos ignorar as tensões que já se viviam no Egito, Tunísia, Argélia e em outros países que mais tarde foram também atingidos por esta vaga de violência antes de dezembro de 2010.

Antes desta data já o descontentamento da população tunisina era latente, o gesto de protesto do vendedor de rua Mohamed Bouazizi, ao imolar-se, foi o suficiente para que a população manifestasse o seu descontentamento reprimido há duas décadas. Rapidamente o gesto de contestação tunisino deu alento a outros povos que se sentiam injustiçados. Na Argélia, a inflação dos alimentos, a corrupção e o desemprego, foram alguns dos motivos que levaram a população a manifestar-se mais ruidosamente do que já vinha fazendo, desencadeando uma onda de protesto com repercussões em todo o país.

No Egito, os protestos já não eram recentes. Em 2004, após Hosni Mubarak ter dado início ao 5º mandato de seis anos e de ter demonstrado o desejo de fazer do seu filho Gamal o seu sucessor, fez com que a contestação aumentasse. As manifestações de desagrado já eram, então, recorrentes. Em 2008, no decorrer de uma manifestação de trabalhadores têxteis, após uma repressão violenta, formou-se um movimento de contestação ao governo que foi conseguindo resistir às tentativas repressivas do regime. Mais alguns factos aconteceram

⁵⁹Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/> (acedido em 07/04/17)

ainda até ao dia 25 de janeiro de 2011, dia em que têm início no Egito uma série de tumultos que juntam este país à Tunísia, e Argélia, como já foi referido (Joffé, 2011, pp. 103-105).

Entretanto também a Jordânia (2011) e Omã (2011) viviam um período de violentos protestos populares. Tinham caído as primeiras peças do “dominó” seguir-se-lhes-iam: Egito (2011), Iémen (2011), Djibouti (2011), Somália (2011), Sudão (2011), Iraque (2011), Bahrain (2011), Líbia (2011), Kuwait (2011), Marrocos (2011), Mauritânia (2011), Líbano (2011), Arábia Saudita (2011), Síria (2011), Israel (2011), Emirados Árabes Unidos (2011) e Palestina (2012).

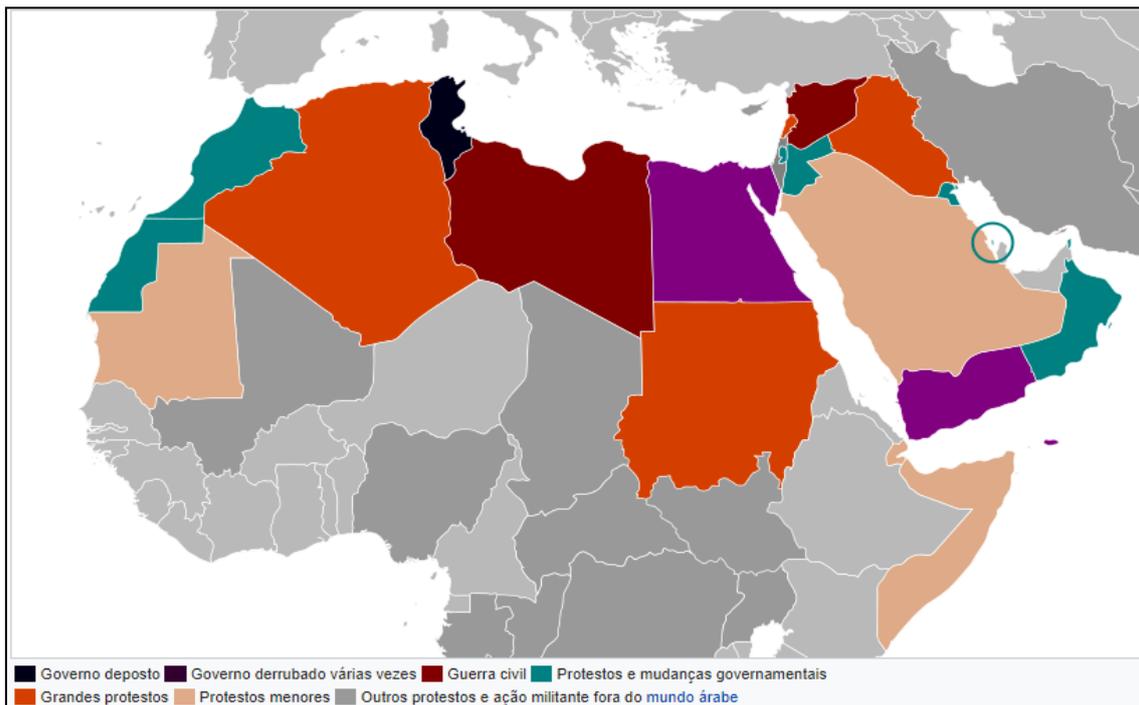


Figura 22. Países envolvidos na onda de protestos da "Primavera Árabe"

Fonte: <http://observadoresxxi.tumblr.com/post/>

6. A crise dos Refugiados na Europa

Apesar das muitas iniciativas, governamentais ou ONG⁶⁰, feitas com o intuito de abrandar o crescimento do número de deslocados, a sua evolução continua a aumentar de dia para dia, contabilizada pelo ACNUR⁶¹ em minutos. Segundo um registo divulgado no Relatório Anual “Tendências Globais” em junho de 2016, por cada minuto que passa regista-se um aumento de 24 deslocados, o que, no final de 2015, totalizava 65,3 milhões de indivíduos nesta situação.

De referir que entre estes deslocados estão quase 21,3 milhões de refugiados (figura 1), sendo que mais de metade são menores de idade. Segundo os registos existentes, em 2009 os menores representavam 41% da população deslocada, tendo este número aumentado para 51% em 2015.

Entre eles constam 10 milhões de apátridas, a quem foi recusada a nacionalidade tal como os direitos básicos: educação, saúde, emprego e livre circulação. Apesar de já haver um grande número de recolocados, havia ainda – em 2015 – 3,2 milhões de pessoas a aguardar o processo de recolocação (Figura 23).

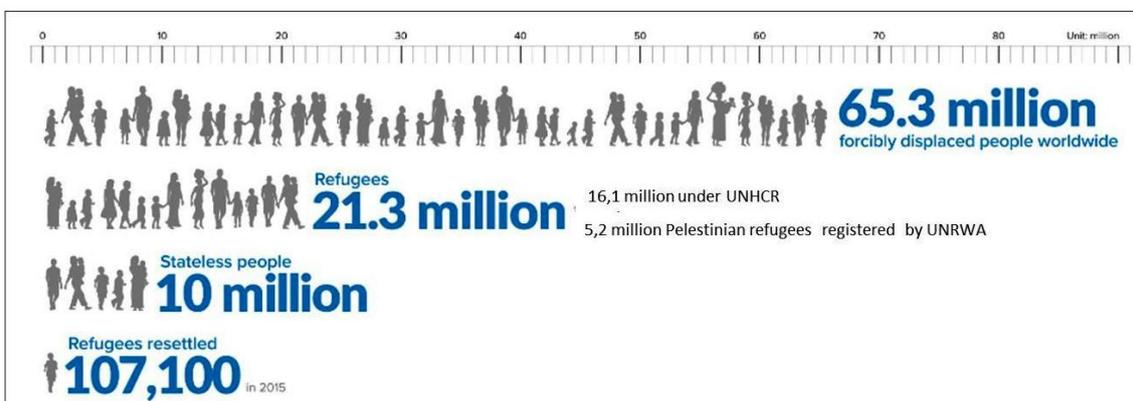


Figura 23. População deslocada em 2015

Fonte: <http://www.unhcr.org/figures-at-a-glance.html> (2017)

⁶⁰ Organizações Não Governamentais

⁶¹ Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/> (acedido em 30/11/16)

Grande parte dos refugiados fugiam para países perto ou mesmo fronteiriços aos seus. As deslocações em massa para a Europa começaram a ter um maior impacto a partir de 2015, nomeadamente através do mar Mediterrâneo. Esta travessia tem feito milhares de vítimas, tanto em 2015 como em 2016 o seu número ultrapassou sempre as 3 000 vítimas, tendo o ano de 2016 sido mais implacável para com os migrantes.

A entrada de refugiados na Europa sofreu, a partir de 2014 um grande aumento (Figura 24), sendo na sua maioria migrantes que abandonam os seus lares, dado a insegurança e a pobreza em que viviam. No ano de 2015 a entrada destes migrantes já ultrapassara um milhão.

Grande parte destes migrantes, pisaram o solo europeu após terem atravessado o mar Mediterrâneo, cerca de metade eram sírios.



Figura 24. Principais países de destino para os novos requerentes de asilo

Fonte: UNHCR⁶² (2017)

No entanto este movimento aumenta drasticamente, até 9 de maio de 2017. O ACNUR divulgou os números de refugiados que tinham atravessado o Mediterrâneo neste ano; segundo os seus registos, 49164 deslocados tinham feito a travessia, acrescentando que

⁶² United Nations High Commissioner for Refugees

também tinha aumentado o número de mulheres e crianças sozinhas que se aventuravam nesta fuga.

Estes movimentos, como se pôde ver pelos números referidos, acarretam muitos riscos, alguns deles que nada têm a ver com os riscos naturais. Aproveitando o desespero de quem procura abrigo, os “contrabandistas humanos” são um perigo acrescido para quem tenta chegar a regiões mais seguras.

O ACNUR tem um papel muito importante no apoio que os migrantes necessitam. Para poder dar resposta a este êxodo, destacou mais de 600 funcionários para poderem dar assistência aos refugiados (Figura 25).



Figura 25 Refugiado sírio com o filho. Hungria

Fonte: UNHCR⁶³ (2017)

⁶³Consultado em: <http://www.unhcr.org/europe-emergency.html> (acedido em 30/03/17)

7. A Frontex⁶⁴

Este organismo da UE,⁶⁵ sediado em Varsóvia, tem como principal função coordenar os movimentos das fronteiras dos países da UE e dos países que aderiram ao espaço Schengen. O controlo da entrada de migrantes nos países pertencentes ao espaço Schengen, poderá tornar-se numa ajuda para os refugiados. A passagem de uma fronteira pode não ser benéfica para quem a faz se não houver condições de acolhimento no novo país. Uma das competências deste organismo é o de prestar apoio técnico ao país recetor, assegurando e coordenando a mobilização dos equipamentos necessários, assim como de pessoas devidamente formadas para as fronteiras.

Também a monitorização das fronteiras marítimas é da sua responsabilidade, trabalhando, por vezes, em operações conjuntas com países que se debatam com fluxos de migrantes em número muito elevado.

A Frontex, como organização, não dispõe, de equipamentos próprios. Quando há necessidade da sua intervenção utiliza recursos que os países da UE disponibilizam.

De um modo direto ou indireto, os migrantes podem beneficiar com a ação da Frontex, no entanto podemos-nos interrogar se são eles os únicos a tirar usufruto da intervenção desta organização. Com efeito todos os países da UE e os que aderiram ao espaço Schengen vão beneficiar graças à sua ação e intervenção. Apesar de não haver fronteiras controladas, existe a vigilância sobre quem entra e quem sai dos respetivos países.

A nível internacional e com a troca de informação, a Frontex funciona como o “cérebro” da informação cruzada. No entanto esta organização não se limita a cruzar ou divulgar dados e a coordenar êxodos de migrantes na passagem de fronteiras. Com a promoção de ações de formação, a Frontex está a acautelar uma segurança futura⁶⁶.

O aumento do tráfego marítimo, nomeadamente de navios de cruzeiro assim como os vinte e um postos de fronteira marítima promoveu o reforço da união de forças entre a Frontex e o

⁶⁴ Agência Europeia de Gestão da Cooperação Operacional nas Fronteiras Externas

⁶⁵ União Europeia

⁶⁶ Consultado em: https://europa.eu/european-union/index_pt (acedido a 26/05/17)

SEF com o propósito de ser conseguido um controlo mais rápido, seguro e eficaz de passageiros nas fronteiras, de modo a minimizar a criminalidade transnacional.

A cooperação transversal com a Frontex tem sido uma das prioridades do SEF, que é o seu ponto de contato em Portugal. A eficácia do SEF tem sido reconhecida pela Frontex, o que reforça a aproximação entre ambas as partes⁶⁷. Apesar de se terem referido as fronteiras terrestres e marítimas, também o controlo aéreo não pode ser ignorados, sendo também alvos de vigilância por parte das agências.

A cooperação tem conseguido bons resultados, tendo já sido referenciadas por outros Estados como um ponto de referência e um exemplo a seguir.

Para que se pudesse abordar o tema das migrações foi necessário fazer um estudo aprofundado de modo a estarmos preparados para uma abordagem segura aos conteúdos programáticos da disciplina de Geografia.

O docente tem que estar preparado para esclarecer a curiosidade dos alunos em qualquer tema, no entanto, a pensar no debate que se quis proporcionar, era conveniente que o estagiário tivesse um conhecimento muito aprofundado, não se limitando aos conteúdos programáticos.

⁶⁷ Agência Lusa *in* RTP Notícias (01/01/2017)

3ª PARTE – Aplicação Didática

CAPÍTULO 1 – Enquadramento do tema nas metas e conteúdos programáticos da disciplina de Geografia

No 8º ano, inserido no domínio de “população e povoamento”, no subdomínio “mobilidade da população”, no objetivo “compreender as causas e as consequências das migrações” e nos descritores:

1. Distinguir migração de emigração e de imigração;
2. Caracterizar diferentes tipos de migrações: permanente, temporária e sazonal; externa e interna; intracontinental e intercontinental; clandestina e legal; êxodo rural e deriva urbana;
3. Explicar as principais causas das migrações;
4. Explicar as principais consequências das migrações nas áreas de partida e nas áreas de chegada.

No entanto, ainda que de uma forma menos aprofundada, já antes se tinham abordado os movimentos migratórios. No subdomínio “distribuição da população mundial”, no objetivo “compreender a distribuição da população em Portugal” fala-se, forçosamente, nas deslocações internas em Portugal pois os descritores são:

1. Interpretar a distribuição da população em Portugal a partir da leitura de mapas, destacando a litoralização e a bipolarização da sua distribuição.
2. Explicar os principais fatores que influenciam a distribuição da população em Portugal.

Apesar de não fazerem parte dos objetivos “compreender as causas e as consequências das migrações” não seria fácil falar de litoralização, bipolarização e distribuição da população sem falar em migrações.

Análise da aplicação didática

1ª fase) Avaliação prognóstica

Para que se pudesse ficar com uma noção do conhecimento que os alunos têm relativamente aos refugiados e qual a sua opinião relativamente aos apoios que se lhes têm sido facultados, promoveu-se um diálogo livre com registo escrito das informações, onde os alunos comentaram a situação e expuseram as suas opiniões. Houve, da parte do estagiário, uma tentativa de não ser muito interventivo no diálogo, no entanto a intervenção foi necessária, não só para expor o seu ponto de vista, perguntando aos alunos por que razões tinham as suas diversas opiniões, como também para lhes recordar que se encontravam numa sala de aulas.

2ª fase) Aplicação da “sondagem-inquérito”

Em janeiro de 2017 elaborou-se uma “sondagem/inquérito” (anexo 3) aos alunos do 8º Ano turma X cujo tema foi “Refugiados”, com a intenção de ficarmos a conhecer, ou pelo menos com uma ideia mais aproximada, do conhecimento que o aluno tem acerca da definição de “refugiado”, da opinião dos alunos acerca da entrada de refugiados no espaço europeu, nomeadamente, em Portugal, entre outras opiniões e conhecimentos. De salientar que este inquérito se cingiu apenas aos alunos do 8º X, sendo por essa razão limitado a um universo de vinte alunos, os suficientes para gerarem uma pequena troca de ideias e opiniões.

3ª fase) Apresentação dos resultados e debate

Foi perguntado aos alunos o que era, segundo eles, um refugiado. A questão continha oito possibilidades de respostas, quatro corretas e quatro erradas. Para facilitar a análise de dados,

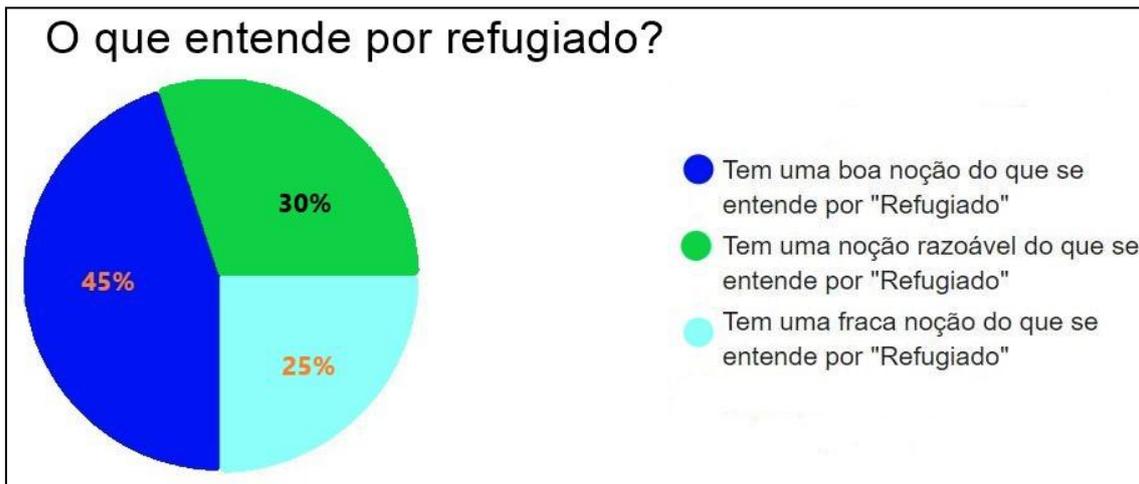


Figura 26. Resultado à pergunta sobre a noção de Refugiado

Fonte: Própria (2017)

estipularam-se cinco graus de conhecimento. “Perfeita noção” para quatro respostas certas. “Boa noção” para três respostas certas. “Noção razoável” para duas respostas certas. “Fraca noção” para uma resposta certa e por fim, “Sem a mínima noção” para todas as respostas erradas.

Pode-se então concluir que, os alunos do 8º ano da turma X, têm um conhecimento aceitável da noção de refugiado (Figura 26). Apenas 30% dos alunos apresentaram um fraco conhecimento do significado de “Refugiado”, tendo os restantes 70% uma boa ou razoável noção do seu significado.

A apresentação dos resultados foi feita em *PowerPoint* e a sua discussão foi feita em simultâneo, identificando as questões onde tinha havido menos respostas certas, assim como a troca de opiniões relativas a certas questões da sondagem.

Menos satisfatório foi o resultado à pergunta sobre quais são atualmente as regiões mais afetadas por conflitos armados (Figura 27) (tendo em conta que antes do preenchimento do formulário, ao

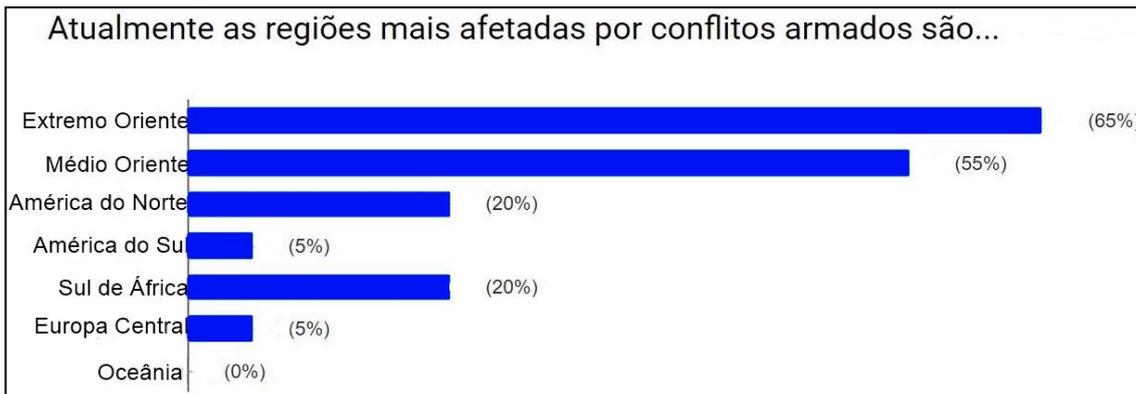


Figura 27. Conhecimento geográfico acerca das regiões em conflito

Fonte: Própria (2017)

falar da exposição sob o tema “Os Refugiados” abordou-se o caso com que estão mais familiarizados e que atualmente é mais falado, a Síria).

A sensação com que se ficou foi a de que estes alunos estão pouco familiarizados com mapas, sendo notória essa iliteracia geográfica quando lhes foi pedido para identificarem alguns países. Ao tomar conhecimento dessa lacuna propôs-se, no 8º X, uma pesquisa no mapa Mundo de alguns países e a dificuldade de alguns alunos foi notória. A projeção de mapas esteve sempre muito presente nas aulas, sendo reforçada a sua utilização a partir do momento em que se ficou com a noção da dificuldade que a maioria dos alunos tinha em manuseá-los.

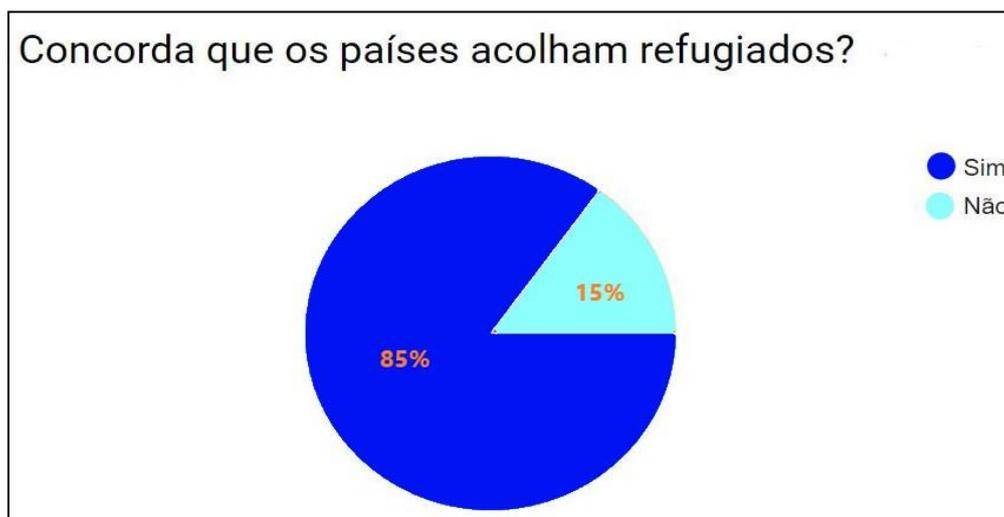


Figura 28 Opinião dos alunos do 8ºX acerca do acolhimento aos Refugiados

Fonte: Própria 2017

Quando inquiridos acerca da sua concordância ou falta dela, relativamente ao acolhimento dado e a dar aos refugiados, a maioria mostrou-se recetiva a todo o apoio que se lhes deva prestar. Para todos os efeitos foram ainda 15% os alunos que responderam negativamente ao acolhimento que se lhes deva proporcionar (Figura 28).

Tendo em conta que a amostra se resumia a vinte jovens, os 15% resumem-se a 3 opiniões. No entanto, a esta pergunta houve um aluno, que apesar de ter respondido que era a favor da entrada, deixou em rodapé o seguinte comentário: *Porém, ao acolhermos refugiados, estamos a sujeitar ao facto de correremos perigo, pois não sabemos as suas intenções para além de se “refugiar”.*

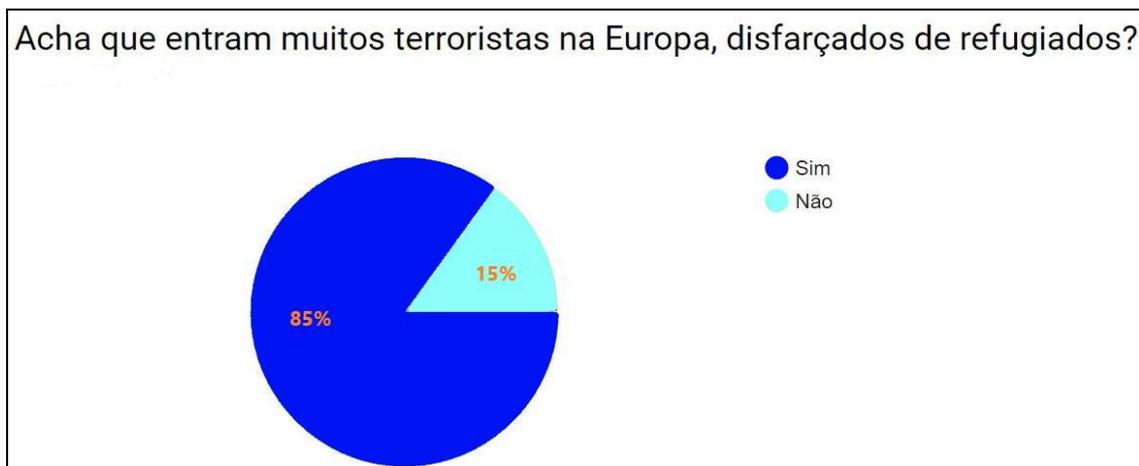


Figura 29 Percepção da entrada de terroristas entre os Refugiados

Fonte: Própria 2017

O aluno, ou melhor, a aluna que acrescentou este comentário identificou-se, gerando uma pequena troca de ideias, tendo, como já tinha ficado demonstrado pelas respostas à “sondagem/inquérito”, a maioria dos colegas demonstrado ser favorável ao acolhimento dos refugiados e, a aluna em causa, explicou que também era a favor apesar de recear as possíveis infiltrações nos grupos de migrantes. Surpreendente foram os números das respostas à pergunta seguinte (Figura 29). Foram 85% os alunos que responderam que, segundo eles, são muitos os terroristas infiltrados entre os refugiados que rumam à Europa, no entanto, à pergunta anterior o mesmo número de alunos tinha concordado com o acolhimento a dar aos refugiados.

É um risco que tem que se assumir, mas também uma “obrigação” acolher migrantes que procuram refúgio onde lhes seja proporcionada uma segurança que não têm nos locais de onde partiram tal como refere Castro (2016, p. 110).

Perguntou-se, de seguida, se concordavam que se dessem as mesmas regalias aos refugiados e à população autóctone (Figura 30).

Pelos comentários feitos, notou-se que, ao responderem que concordam que se lhes faculte uma ajuda e que, com esse gesto já estamos a “fazer um favor”, concederem-se ainda mais regalias já ultrapassa, segundo os 25% de alunos que responderam negativamente à questão, o mínimo que se possa fazer pelos refugiados. As opiniões dividiram-se e a turma ficou repartida em dois grupos:

O primeiro, de 15 alunos, (75%) concorda que se devam abrir as portas e dar aos refugiados todos os direitos que são dados à população autóctone.

O segundo, de 5 alunos (25%) concorda que se abram as portas aos refugiados sem que, no entanto, se lhes deem os apoios e assistência que se dão à população local.

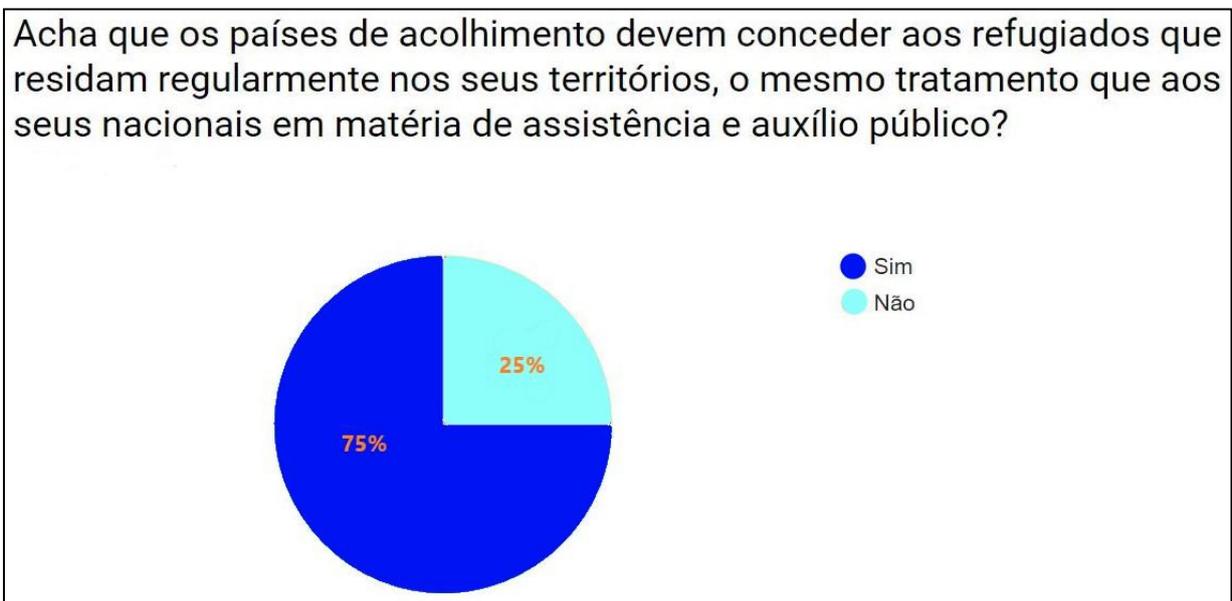


Figura 30 Opinião dos direitos que possam se concedidos aos Refugiados

Fonte: Própria 2017

O argumento utilizado pelos alunos (dois deles identificaram-se) que discordam de tratamentos idênticos, foi de que se os autóctones *andaram a descontar toda a vida, merecem melhores condições*. Tendo sido posta a questão a um dos alunos se, caso se encontrasse no estrangeiro e precisasse de assistência médica, não achava que seria um direito seu, ele respondeu que era... desde que pagasse. O docente, como já foi referido, pode e deve sensibilizar os alunos para estes dramas sociais, no entanto, não pode nem deve tentar impor a sua interpretação perante certos factos.

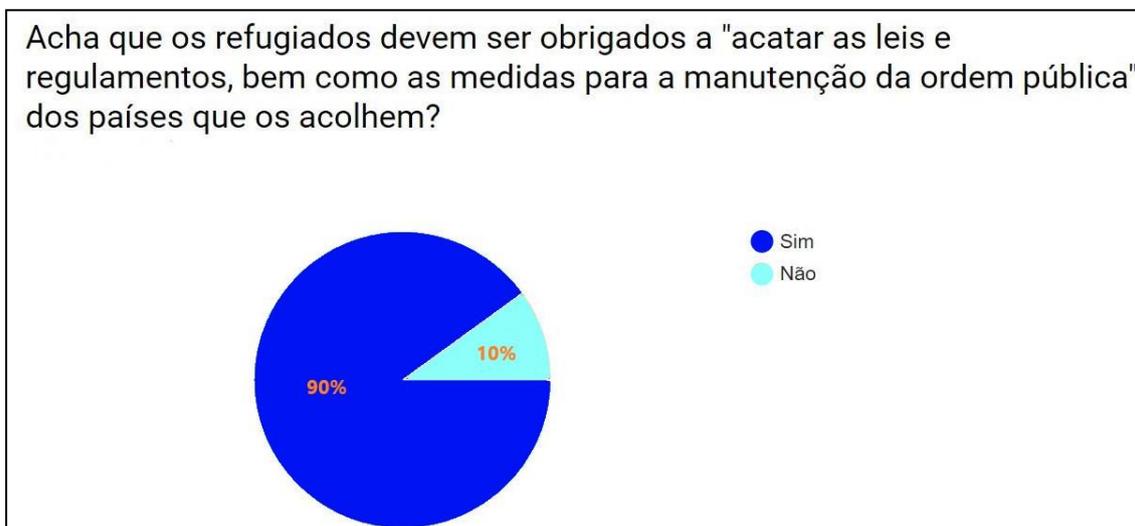


Figura 31 Obrigações que os Refugiados possam ter

Fonte: Própria (2017)

Quando se perguntou se concordavam que os refugiados devessem acatar as leis dos países acolhedores (Figura 31), 10%, ou seja, 2, foram de opinião que tal não lhes fosse imposto. Na aula, na apreciação aos resultados, um desses 2 alunos identificou-se e explicou que é incorreto, e passo a citar: *tentamos impor as nossas leis a pessoas que estão habituadas a outras (leis)*. Esta opinião gerou bastante contestação pois a maior parte dos alunos achou que: *“na nossa casa mandamos nós”*. Foi explicado que não era uma questão de mandar, mas sim de manter a ordem e código pelo qual todos nos regemos.

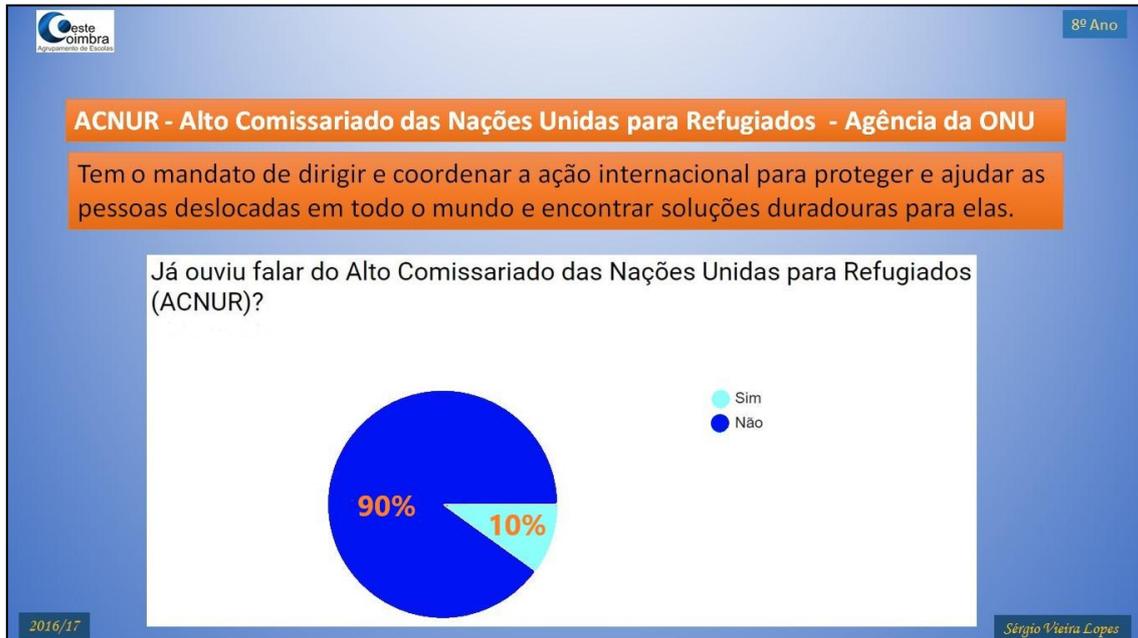


Figura 32. PowerPoint com a explicação do que é o ACNUR e qual a sua função

Fonte: Própria (2017)

Ao elaborar a questão oito (Figura 32), em que era perguntado ao aluno se já tinha ouvido falar no ACNUR, tinha-se a noção que as respostas seriam todas, ou quase todas, negativas. Assim aconteceu, apenas 10% - dois alunos – responderam positivamente. No entanto a intenção era arranjar um modo de lhes falar sobre a existência desta organização, como se pode ver através da imagem 6. As migrações, os diversos tipos, as suas causas e as suas consequências, são temas que fazem parte do currículo do 8º Ano. As migrações forçadas e os refugiados ao serem abordados iriam fazer, e fizeram, referência ao ACNUR, motivo pelo qual não achei que a pergunta fosse em vão.

No entanto, neste caso o mais importante não era a pergunta, mas sim, a resposta e a explicação do que é o ACNUR e qual a sua função. Neste caso não se ilustrou apenas o resultado através do gráfico, apresenta-se também a imagem do diapositivo *PowerPoint* que foi projetada, onde se pode ver também explicada e dada a resposta. A necessidade desta

pergunta ficou a dever-se ao facto do manual adotado abordar o tema dos refugiados mas não mencionar o ACNUR.

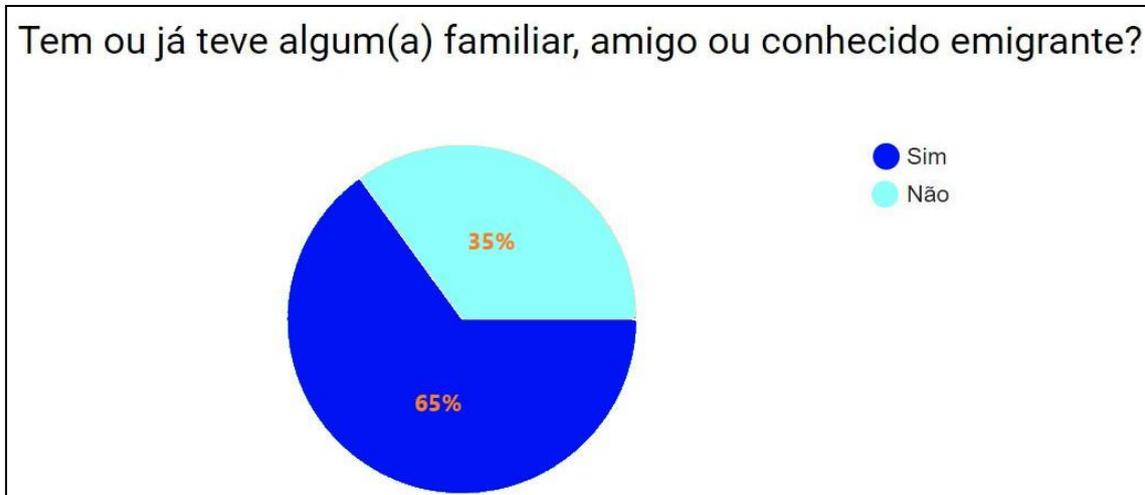


Figura 33. Número de alunos que conhecem emigrantes

Fonte: Própria (2017)

Quando se inquiriram os alunos acerca de terem conhecido, ou conhecerem algum emigrante português (Figura 33), a intenção era, logo de seguida, questioná-los se a pessoa em causa tinha sido bem ou mal recebido. Apenas 15 alunos conheciam emigrantes, logo, apenas esses responderam à questão seguinte. 13.3% dos alunos, ou seja, 2 em 15, responderam que a(s) pessoa(s) conhecidas não tinham sido bem acolhidas (Figura 34). Números que seriam muito animadores há quatro décadas atrás, mas que se tornam mais preocupantes, na segunda década do século XXI. No entanto não podemos esquecer que estamos perante um universo de vinte alunos, no caso desta pergunta, apenas 15. Esta resposta não gerou troca de ideias e os dois alunos que responderam que conheciam portugueses que foram mal recebidos no estrangeiro não se identificaram.

Se a sua resposta foi sim, ele(a) foi bem-recebido(a) no país onde está ou esteve?

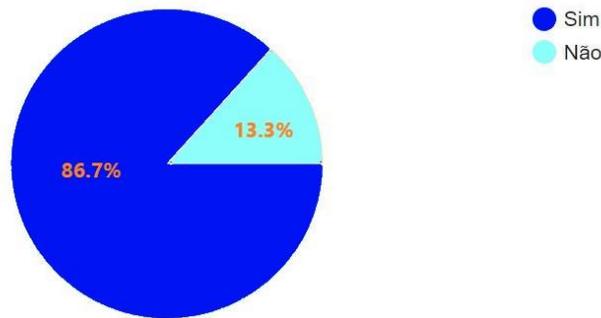


Figura 34. Recepção que os emigrantes conhecidos dos alunos tiveram

Fonte: Própria (2017)

Optou-se por não se acrescentar nada ao resultado a esta pergunta, deixando para mais tarde, quando estivesse a lecionar a mobilidade e as migrações, um aprofundar acerca desta questão.

Concorda que a UE obrigue os seus países membros a acolher um número mínimo de refugiados? (estabelecendo quotas)

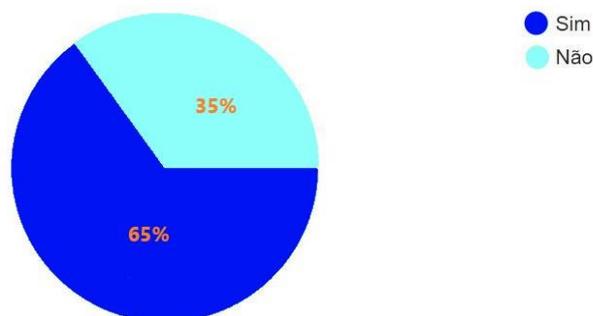


Figura 35. Reação à imposição de quotas

Fonte: Própria (2017)

Perguntou-se o que pensavam acerca da “obrigatoriedade” dos países da UE acolherem um determinado número de refugiados, com o estabelecimento de quotas (Figura 35). Depois de apuradas as respostas, 65%, ou seja, 13, aprovaram essa medida, no entanto nem todos concordam pela mesma razão. Alguns dos que se mostraram favoráveis, tomaram essa decisão porque acharam que os países europeus aprovaram essa medida, no entanto nem todos concordam pela mesma razão.

Alguns dos que se mostraram favoráveis tomaram essa decisão porque acharam que os países europeus devem ajudar os refugiados, no entanto outros houve, que concordaram apenas para que houvesse uma repartição equilibrada de refugiados, mesmo que o número de refugiados fosse pequeno.

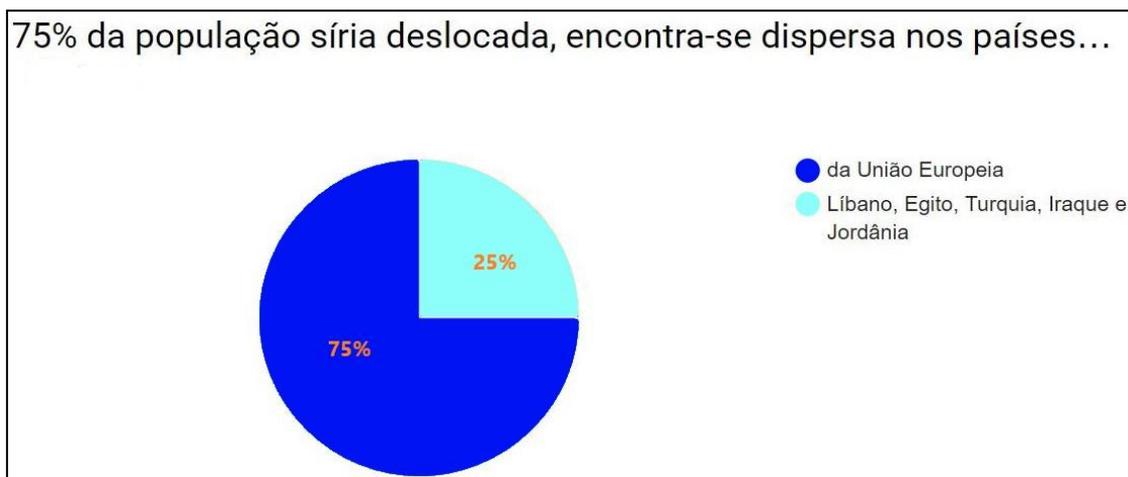


Figura 36. Conhecimento dos alunos relativo à distribuição espacial dos Refugiados

Fonte: Própria (2017)

Segundo a Dr.^a Teresa Tito de Morais, 75% dos refugiados encontram-se dispersos por países limítrofes⁶⁸: Líbano, Egito, Turquia, Iraque e Jordânia, no entanto, para os menos atentos, é na Europa que se concentra o maior número de deslocados. Foi esse o motivo que me levou a perguntar aos alunos qual a região onde se encontraria o maior número de refugiados (Figura 36). Dos 20 alunos, 15 (75%) responderam que o maior número de deslocados se encontra na Europa. Este resultado foi ao encontro do que já era expectável, surpresa foi para os alunos.

⁶⁸ Aula Aberta na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra - 18 de novembro de 2016

Trocaram-se ideias, e a conclusão que se pôde tirar foi que eles, ao ouvirem as notícias não faziam ideia dos milhões de deslocados que existem. Segundo valores divulgados na página *on Line* do ACNUR e também reiterado pela Dr.^a Teresa Tito Morais, existem atualmente cerca de 65 300 000 de deslocados, número que deixou os alunos estupefactos.

Para finalizar a “sondagem/inquérito” ficou a pergunta sobre a evolução do número de vítimas mortais na travessia do Mar Mediterrâneo (Figura 37). Teria havido mais vítimas em 2015 ou 2016? A esta pergunta os alunos demonstraram estarem mais atentos, pois 65% responderam que no ano de 2016 houve mais vítimas mortais do que no ano anterior.

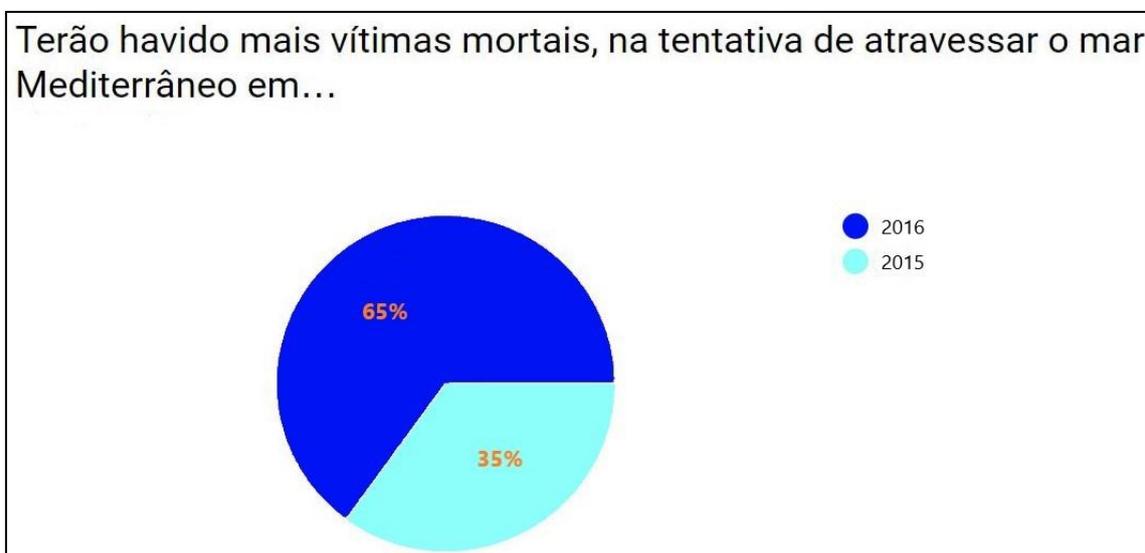


Figura 37. Evolução de vítimas mortais no mar Mediterrâneo na perspectiva dos alunos

Fonte: Própria (2017)

Foi uma reação interessante a que se verificou durante a apresentação dos resultados feita em *PowerPoint* e por meio de gráficos. Os resultados, à medida que eram projetados geraram alguns comentários de concordância, de discordância ou troca de ideias, o que promoveu um salutar diálogo vertical e horizontal. Pelos comentários feitos por alguns alunos pôde-se concluir que já os havia com as suas ideias bem formadas.

Após a análise às respostas dadas pelos alunos do 8º X, pode-se concluir que, de um modo geral, estão familiarizados com as diferenças entre migrante e migrante refugiado, sabendo

fazer a sua distinção. No entanto, o conhecimento em relação à cartografia não é tão animador, como ficou patente na identificação das áreas em conflito no mapa.

Os alunos, na sua maioria, são recetivos ao acolhimento dado aos refugiados desde que estes se adaptem às nossas leis, e não queiram impor as que vigoram nos países de partida. O temor pela entrada de terroristas entre eles também se verificou apenas em 3 dos 20 alunos a quem foi formulada a questão.

No que concerne às áreas de acolhimento de refugiados a percepção que tinham era que seria na UE que se encontra o maior número de refugiados, possivelmente induzidos em erro pelas constantes notícias da entrada de refugiados no espaço europeu, e à menor divulgação do acolhimento dado por países de outros continentes.

Relativamente à evolução do número de vítimas mortais na travessia do mar Mediterrâneo, é demonstrado, por parte dos alunos, uma certa atenção aos números que vão sendo divulgados e às comparações que são feitas com anos anteriores, nomeadamente, com os números registados em 2015 e em 2016.

No cômputo geral, fica-se com a percepção que estes alunos, tendo em conta que estamos a lidar com jovens do 8º ano, têm um conhecimento aceitável para as diversas situações verificadas com os refugiados e que, de um modo geral, são recetivos à sua entrada e respetivo acolhimento.

4ª fase) Trabalho prático para a exposição sobre o tema “Refugiados”.

A qualidade dos trabalhos apresentados deixou-nos, aos três estagiários deste núcleo, muito surpreendidos pela positiva. Apesar de nem todos terem o mesmo tipo de estrutura, de um modo geral foi muito boa apesar de estamos perante uma turma do 8º ano.

O ponto fraco de alguns destes trabalhos, esteve no facto de nem todos os mapas virem totalmente completos, relativamente aos elementos de identificação (título, orientação, legenda,

escala e fonte), tendo um deles sido entregue sem qualquer um dos elementos pedidos e “obrigatórios” numa carta.

Houve oportunidade de comentar a qualidade dos trabalhos com um professor de geografia que já conta com vários anos de docência, e quando foi referido o facto de a identificação não estar totalmente completa em três dos trabalhos, respondeu que para alunos deste nível, o 2º ano em que estão em contato com esta disciplina, essa falha é perfeitamente normal e aceitável, acrescentando que tem alunos do ensino secundário que, apesar do nível já atingido, cometem, por vezes, estes erros.

Normalmente, em geografia, valoriza-se um trabalho que esteja bem documentado com mapas, desde que sejam usados de modo a acrescentar algo ao teor do tema.

No primeiro trabalho, em que o tema era, “A saída do refugiado do seu lar” foram utilizados quatro mapas (Figura 38).

O primeiro, uma representação do Globo Terrestre, com o país em causa, a Síria, devidamente identificado relativamente à sua localização no mundo. O segundo mapa, era a representação do país, onde aparecem em destaque duas cidades: A capital, Damasco, e a cidade que serviu como ponto de referência de saída dos refugiados, Aleppo. A localização da cidade é feita relativamente ao Mar Mediterrâneo e à capital, referindo as suas distâncias e orientação geográfica. O terceiro mapa, destaca as 14 províncias da Síria, acrescentando dados relativos ao país: A sua localização relativamente ao continente asiático, área e relevo, grupos étnicos e religiosos, o número da população em 2014 e a respetiva densidade populacional. A língua oficial também é referida, tendo o grupo demonstrado o cuidado de realçar que, sendo Damasco a capital, não é a cidade mais populosa, pois Aleppo supera, em número de habitantes, a capital. No quarto mapa, mais uma vez a localização do país é feita, desta vez em relação aos países que com ele fazem fronteira.



Figura 38. Tema 1: O abandono do lar

Fonte: Alunos do 8º X

No decorrer do texto do trabalho, referem a data do início da guerra assim como os grupos e/ou forças envolvidos. Para terminarem o trabalho deixaram um lamento e reprovação pela situação referida, acrescentando que infelizmente ações deste género não decorram apenas na Síria.

O trabalho é ilustrado com várias imagens de sírios a abandonar a cidade, assim como várias imagens onde os escombros dos prédios se encontram em primeiro plano. Por fim, não podia deixar de referir este pormenor, são apresentadas seis imagens onde, em cada uma delas aparece um local da cidade – jardins, prédios e monumentos – antes e após os ataques.

De valorizar o facto de se notar que o texto não é uma colagem, mas sim a informação retirada da pesquisa, posteriormente redigida por eles.

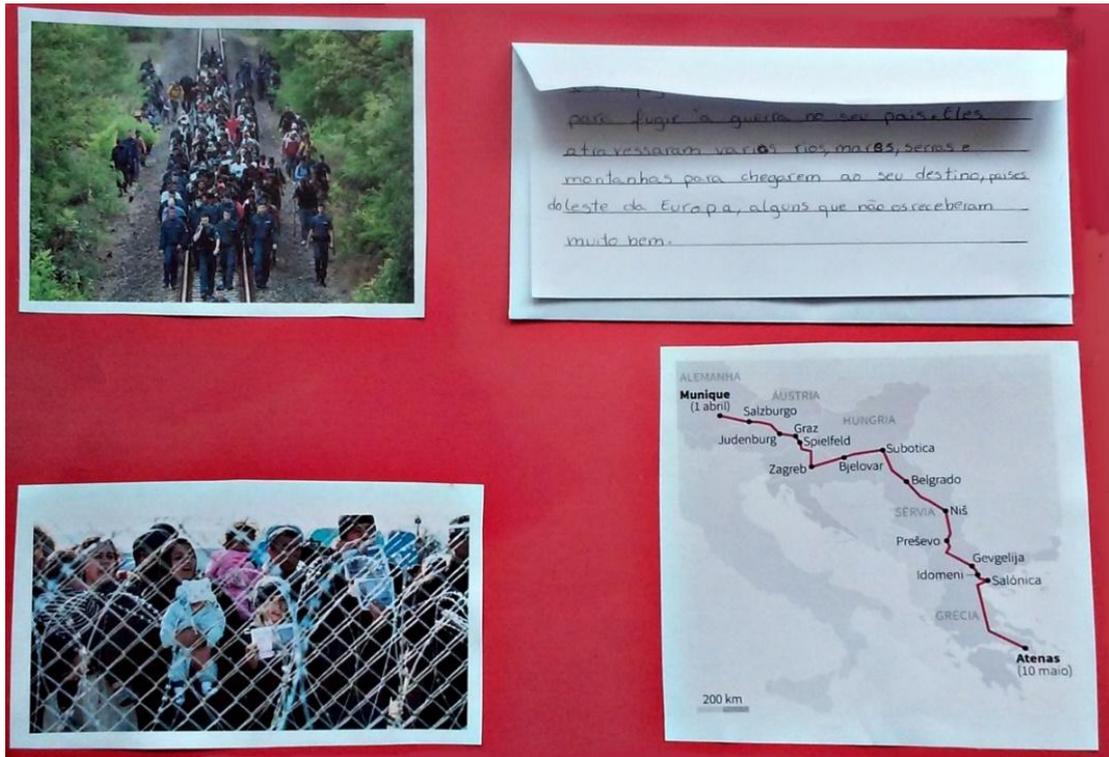


Figura 39. Tema 2: A saída e a chegada por terra

Fonte: Alunos do 8º X

O trabalho ilustrativo do segundo tema (Figura 39), “A saída e a chegada por terra”, foi o que menor empenho mostrou da parte dos alunos que compuseram este grupo. Ilustrado com duas imagens elucidativas com as dificuldades com que alguns refugiados se depararam. Apesar não terem feito a descrição do trajeto identificado num mapa, era, bem visíveis os países que os migrantes atravessam e tempo de viagem para alcançarem o local de destino. A distância percorrida não foi mencionada, o que iria valorizar mais o trabalho, no entanto o mapa escolhido tinha escala, o que ajuda a fazermos um cálculo da distância percorrida. Na curta descrição que fizeram sobre o percurso e os seus obstáculos físicos e humanos, denota-se pouca pesquisa e algumas imprecisões.

O trabalho do terceiro tema (Figura 40) “A fuga por mar” está muito bem ilustrado, tanto ao nível de imagens com embarcações com refugiados, como com mapas com várias rotas. As imagens são muito elucidativas retratando bem as dificuldades que a travessia do Mar Mediterrâneo. O texto não é longo, no entanto refere os pontos essenciais. Dos três mapas que ilustram o trabalho, nenhum deles tem qualquer elemento identificativo.



Figura 40. Tema 3: A fuga por mar

Fonte: Alunos do 8º X



Figura 41. Tema 4: Campos de refugiados

Fonte: 8º X

O quarto trabalho (Figura 41), “Campos de refugiados” apresenta quatro ilustrações de campos de refugiados diferentes, e dois mapas com a localização de dois deles. As imagens foram bem escolhidas e refletem as condições, ou falta delas, que são dadas aos refugiados. A escolha dos mapas com os locais dos campos identificados foi feliz, pois os alunos tiveram o cuidado de selecionar campos em países de níveis de desenvolvimento diferentes, no entanto alertam para as condições do campo de refugiados de Calais (a “selva”). Ambos os mapas tinham os elementos identificativos que todos os mapas devem ter. Após a leitura do texto, ficou-se com a perceção de que houve, por parte dos alunos, um bom trabalho de pesquisa.



Figura 42. Tema 5:Recolocação na Europa

Fonte: Alunos do 8º X

No quinto tema (Figura 42), “Recolocação na Europa”, correspondendo à orientação do estagiário, foi colocada a definição de “Recolocação”. No texto elaborado explicam como é feito o processo da recolocação, ilustrado com um mapa da Europa e a distribuição de recolocados na UE.

São ainda identificados países não pertencentes à UE mas que também acolhem refugiados. Por fim, são dados exemplos de quatro países que acolhem refugiados, dos locais onde esses países os acolhem e as condições de alojamento que são dadas aos refugiados.

Por fim, o sexto tema pedido, “Recolocação em Portugal”, não foi apresentado, tendo por isso sido classificado com a nota zero.

Os trabalhos foram vistos e avaliados pelo estagiário em função das orientações que tinha dado na aula e que também tinha enviado para o *e-mail* da turma, assim como algum material de apoio à sua realização, nomeadamente *sites* e *links* que pudessem ser úteis nas pesquisas que iriam fazer.

Os trabalhos ficaram expostos na sala onde decorria a aula de geografia do 8º X,

A grelha de avaliação, e critérios feitos pelo estagiário, foram entregues à orientadora de escola para que também ela os visse e avaliasse (anexo 5).

Conclusão

Este relatório é a etapa final de um percurso que não teve um início planeado.

O presente trabalho é o culminar do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Este estudo revela-se na sequência de um ano de Estágio Pedagógico no Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste, mais concretamente na Escola Secundária D. Duarte e Escola Básica de 2º e 3º Ciclos Inês de Castro, em Coimbra.

O estágio pedagógico iria ser, e foi, um teste ao nosso conhecimento científico, mas, muito mais de que isso, foi um teste à nossa capacidade de sabermos transmitir o nosso conhecimento. Tinha a noção de que “cada turma é uma turma” assim como “cada aluno é um aluno”. Relativamente às turmas tinham, forçosamente, que ser diferentes, uma era do 10º ano e outra do 8º, no entanto, dentro de cada turma, o modo de agir com os alunos não foi uniforme, foi, sempre que tal era possível, adaptado ao aluno com quem dialogava. Efetivamente, essa foi uma capacidade que, graças ao estágio, consegui aprender, apreender e por em prática.

Nem sempre é fácil lidar com um grupo de alunos tão heterogéneo como os que compunham o 8º X. Conseguir cativar o interesse de muitos deles e manter a turma atenta durante duas aulas de 45 minutos não foi tarefa fácil, e nem conseguida do modo como seria desejável. Manter os alunos concentrados durante noventa minutos, com um intervalo pelo meio, na última aula da semana, não se pode dizer que seja uma tarefa fácil, é um desafio. No entanto, não querendo fazer dos alunos cobaias, tentou-se adaptar a aula à maioria dos alunos.

Achou-se que o recurso às imagens poderia ser uma estratégia a utilizar. Como a apresentação de diapositivos *PowerPoint* é muito usual, podia e devia ser aproveitada como uma estratégia: muitas imagens e pouco texto para não desmotivar os alunos. Os diapositivos eram, normalmente, ilustrados com mapas, gráficos, fotografias e diagramas, para, juntamente com os alunos, fazermos a leitura e interpretação das imagens projetadas.

Para que o aluno compreendesse com mais facilidade os vários tipos de representações, gráficos, mapas, tabelas... fez-se a sua comparação com uma fotografia de rosto, explicando

que, tal como a fotografia, onde várias características são muito evidentes, também as representações referidas têm imensa informação que o aluno, desde que devidamente orientado, consegue extrair, ou seja, olhar para um mapa ou outro tipo de representação gráfica pode, com um breve olhar, transmitir muita informação, e mais ainda se fizermos uma leitura mais minuciosa. Foi um método que se adaptou melhor a uns do que a outros, achei por isso que devia manter essa estratégia e tentar arranjar algo mais. Por sugestão da nossa orientadora na escola, experimentei acrescentar às aulas, fichas com espaços (anexo 5) para os alunos irem preenchendo à medida que os conteúdos eram abordados. Não tendo sido um sucesso, conseguiram-se resultados muito aceitáveis. O documentário foi sem dúvida o que mais cativou a sua atenção, no entanto é um período de tempo de dois ou três minutos, o que por si só não é suficiente.

Após já ter adotado o método que achei ser o melhor – *PowerPoint* elucidativos com muitas imagens, fichas para serem preenchidas durante a aula e os documentários – resolvi recorrer à música. Esta nova estratégia coincidiu a introdução a um novo descritor: as migrações, motivo pelo qual foi decidido escolher-se uma música de Manuel Freire (“Ei-los que partem”) para, de seguida, ser feita a análise à letra. Foi uma agradável surpresa ver a interpretação que os alunos fizeram da letra da música, aplicando o conhecimento que traziam de anos anteriores.

Fazendo uma retrospectiva, comparando as primeiras aulas com as que lecionei por fim, notámos, eu, os colegas e a orientadora, uma diferença muito acentuada no método, no modo com que o diálogo com os alunos é feito e também a postura na sala de aula. Foi uma evolução positiva e significativa, tal como nos alunos se notou uma melhoria acentuada.

Durante o estágio, nos momentos oportunos, (“sondagem/inquérito”, Debate dos resultados e orientações do Trabalho Prático), houve a intenção de sensibilizar os alunos relativamente à situação dos refugiados. Na aula em que seriam lecionados os vários fluxos, nomeadamente o dos refugiados, iria ser promovido um debate tendo como ponto de partida os conhecimentos adquiridos na pesquisa feita para o Trabalho Prático, assim como pelas ilações retiradas após o debate dos resultados obtidos na “sondagem/inquérito”. Como foi referido, esta aula, devido a uma greve e uma tolerância de ponto, não se pôde realizar como estava previsto, tendo o

diálogo vertical e horizontal inicialmente previsto, sido resumido a algumas trocas de opiniões devido às três horas de aulas que não puderam ser lecionadas.

Este relatório é o reflexo da transversalidade Geografia que tem vindo, cada vez mais a desempenhar um papel ativo em várias frentes em prol da sociedade.

Veja-se o caso do Projeto “Nós Propomos - cidadania e inovação na educação geográfica”, uma iniciativa do IGOT⁶⁹.

Com este relatório pretendeu-se demonstrar que apesar dos esforços feitos por ONG, por organizações governamentais ou mesmo por iniciativas de grupos de pessoas que lutam pelos direitos sociais a que todos temos direito, não será possível debelar um problema que afeta todos os povos e nações, em particular os deslocados. No entanto, minorá-los é possível, não em número de deslocados, mas, pelo menos, atenuar as (más) condições que a estes grupos estão sujeitos.

A insensibilidade de grande parte da população não evita que haja indivíduos que, desde que se deram início aos movimentos de refugiados, se prontificaram a ajudar os perseguidos. Como foi referido, no século XVI, em França, surge uma manifestação espontânea de ajuda aos calvinistas perseguidos. Também Fridtjof Nansen acreditou que seria possível criar uma instituição (SDN) que pudesse minimizar as vítimas de conflitos que tinham ocorrido até 1920 (Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa e a degradação do Império Otomano), objetivo que conseguiu e que posteriormente veio ainda dar assistência a deslocados de outros conflitos.

Se atentarmos à criação de programas de apoio aos refugiados facilmente se conclui que só têm sido criados ou substituídos quando, em consequências de conflitos, o número de refugiados atinge proporções mais preocupantes. A contrariar esta situação, temos a atual organização, o ACNUR, que foi criado para dar continuidade ao OIR, programa direcionado aos deslocados da Segunda Guerra Mundial, mantendo-se, o ACNUR, desde 1951, até à atualidade, fazendo frente, ou pelo menos minimizando, não só os fluxos que se faziam sentir à

⁶⁹ Instituto de Geografia e Ordenamento do Território

data da sua criação, como aos que atualmente se fazem sentir e cujo número de vítimas aumenta diariamente.

Assim, podemos considerar o SDN, criado em 1920, como sendo a primeira instituição internacional para dar resposta aos refugiados da Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa aos os tumultos vividos pelo Império Otomano e a outros que se lhes seguiram.

O ANUAR, que em 1946, após a Segunda Guerra Mundial veio tomar o lugar do SDN que já não tinha capacidade de resposta para as vítimas da guerra que tinha terminado no ano anterior, tendo, o ANUAR, cessado as suas funções no ano a seguir à sua fundação (1946/47). Para desempenhar, de um modo capaz, as funções que o ANUAR vinha encetando, foi criado o OIR que, tendo sido criado em 1947 terminou as suas funções em 1952, altura em que o ACNUR já estava pronto a dar resposta às necessidades dos refugiados, pois tinha sido criado um ano antes do ANUAR ter terminado o seu período de existência.

No decorrer da leitura do relatório também fica a ideia que para travar as boas intenções destas organizações, basta um homem para provocar milhões de vítimas. Citando José Saramago (Diário de Notícias, 2009):

É mais fácil mobilizar os homens para a guerra que para a paz. Ao longo da história, a Humanidade sempre foi levada a considerar a guerra como meio mais eficaz de resolução de conflitos, e sempre os que governaram se serviram dos breves intervalos de paz para a preparação das guerras futuras. Mas foi sempre em nome da paz que todas as guerras foram declaradas.

Bibliografia

Baldi, C., (1995). *In: Bobbio, N. (org.). Dicionário de Política.* Universidade de Brasília. Brasília.

Carvalho, L. M., (2009). *A importância do rio na cidade – análise do risco de inundação no perímetro urbano da cidade de Leiria.*(Dissertação apresentada para obtenção do grau de mestre em Ordenamento do Território e Planeamento Ambiental). Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Lisboa.

Castelão, R. & Matos, M. J., (2014). *Geografia 8º Ano – Projeto Desafios.* Santillana. Carnaxide.

Castro, F.V., (2012a). *Imigração e desenvolvimento em regiões de baixas densidades.* Imprensa da Universidade de Coimbra.

Castro, F.V., (2012b). *Imigração e territórios em mudança. Teoria e prática(s) do modelo de atração-repulsão numa região de baixas densidades.* Cadernos de Geografia nº 30/31 - 2011/12. FLUC. Coimbra.

Castro, F.V., (2015). *"Lifestyle Migrations In Mediterranean Context. The Future For Depopulated Areas?"*, Athens: ATINER'S Conference Paper Series, No: MDT2014-1350.

Castro, F.V., (2016). *A crise migratória do Mediterrâneo e os riscos antropossociais.* Revista Territorium, nº 23. 2016, pp. 103-111. riscos. FLUC. Coimbra.

Chaves, L.M.N., (2008). *A questão dos refugiados nas relações internacionais - o caso colombiano.* Dissertação de Mestrado em Direito. pp. 13-23. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

Claudino, S., (2014). *Escola, educação geográfica e cidadania territorial.* Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía Y Ciencias Sociales Universidad de Barcelona. Vol. XVIII, núm. 496 (09), 1 de diciembre de 2014.

Cutts, M., *et al*, (2000). *A Situação dos Refugiados no Mundo: Cinquenta Anos de Acção Humanitária.* Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. Almada. A Triunfadora.

Farmhouse, R. (2009). *Direito Internacional da Migração; Vol. 22. "Glossário Sobre migração"*. p.45. Organização Internacional para as migrações. Genebra.

Fernandes, J. M. L., (2012). *Conflitos e processos de desterritorialização/reterritorialização. O caso dos refugiados*. Dissertação de Mestrado em Geografia Humana orientada pelo Professor Doutor João Luís Jesus Fernandes. Universidade de Coimbra.

Moreira, J.B., (2006). *A problemática dos refugiados no mundo: evolução do pós-guerra aos dias atuais*. Campinas.

Godinho, M. A., (2015). *Educação Geográfica ao serviço de uma Cidadania Participativa e Interventiva: (Re)Descobrir um Lugar com uma turma do Ensino Secundário*. Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Universidade de Lisboa. Lisboa.

Haubrich, H., Reinfried, S., & Schleicher, Y., (2007). *Declaração de Lucerne sobre a Educação Geográfica para o Desenvolvimento Sustentável*. Visões Geográficas em Educação para o Desenvolvimento Sustentável. Geographiedidaktische Forschungen, Volumen 42, p. 2-9. Lucerne.

Joffé, G., (2011). *Revoltas no Norte de África e no Médio Oriente. A Primavera Árabe no Norte de África. Origens e Perspectivas de Futuro*. Relações Internacionais.

Lobato, C; Oliveira, S., (2014): *@Ideia.Global 8*; Areal Editores, S.A.; Porto; ISBN: 798-989-647-506-2

Morais, H. M., (2010). *Um projecto (para a) cidade. Santarém*. Dissertação para Conclusão do Mestrado Integrado em Arquitectura; Departamento de Arquitectura da FCTUC. Coimbra.

Pacífico, A. P., (2010). *O Capital Social dos Refugiados: Bagagem cultural e políticas públicas*. Universidade Federal. Alagoas.

Pereira, J.A.G., (2016). *Da Crise de Refugiados na Europa: Uma Ameaça à Segurança?* Dissertação de Mestrado Integrado em Ciências Policiais. Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna.

Perpétua, G.M., (2010). *Mundo do Trabalho: Movimentos Pendulares e Acumulação do Capital*. Revista Pegada, volume 11, nº2. Brasil.

Pimentel, P.C.T., (2006). *Imigração e Identidade Processos que se Cruzam*. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais. Universidade Aberta. Porto.

Pinto, M., Pereira, S., & Brites, M. J., (2015). *Os Media e a Crise dos Refugiados: Agenda de Atividades*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS): Universidade do Minho. Braga.

Ribeiro, I. Carrapa, E., (2015): *Geosítios 7*; Areal Editores; PISBN: 978-989-647-710-3

Teixeira, C. V. R., (2013). *Fluxos Migratórios e Ciclos Económicos: uma Análise Aplicada à União Europeia*. Dissertação de Mestrado em Economia. Vila Real.

Yazbek, S., (2016). *A Travessia: Viagem ao coração estilhaçado da Síria*. Funchal. Nova Delphi.

Projeto Educativo | 2013-2016 Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste

Outras fontes

A Primavera Árabe no Norte de África

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S164591992011000200006&script=sci_arttext&tlng=es
[consultado a 22/05/17]

Agências da ONU pedem 1 milhão de assinaturas para salvar 5 milhões de crianças sírias

<http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/agencias-da-onu-pedem-1-milhao-de-assinaturas-para-salvar-5-milhoes-de-criancas-sirias/>
[consultado a 17/03/17]

Asilo

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-70552012000200011
[consultado a 09/06/17]

Declaração de Lucerne sobre a Educação Geográfica para o Desenvolvimento Sustentável

<http://www.igu-cge.org/Charters-pdf/portuguese.pdf>
[consultado a 22/03/17]

Documentários dos emigrantes

https://www.youtube.com/watch?v=f6vP_ZhjssA
[consultado a 22/07/17]

Caracterização de Santarém

<http://www.ribatejo.com/ecos/santarem/sthistor.html#Santarém - Morfologia Urbana>
[consultado a 23/02/17]

Citação de Jean-Paul Sartre

<http://www.citador.pt/frases/quando-os-ricos-fazem-a-guerra-sao-sempre-os-pob-jeanpaul-sartre-828>
[consultado a 12/03/17]

Citação de Paul Ambroise Velery

<http://www.citador.pt/frases/citacoes/a/paul-ambroise-valery>
[consultado a 12/03/17]

Citação de Scalabrini

<https://www.passeidireto.com/arquivo/17506781/os-refugiados-e-a-crise-humanitaria>
[consultado a 15/04/17]

Convenção de 1951

<http://www.acnur.org/portugues/informacao-geral/o-que-e-a-convencao-de-1951/>
[consultado em 15/04/17]

Conceito de asilo SEF

http://www.sef.pt/PORTAL/v10/PT/asp/legislacao/legislacao_detalhe.aspx?id_linha=4219#ca
pl
[consultado a 12/06/17]

Conceitos - ACNUR

<http://www.acnur.org/portugues/informacao-geral/perguntas-e-respostas/>
[consultado em 11/01/17]

Convenção de 1951

http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf
[consultado a 07/06/17]

Cooperação SEF com a Frontex

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/mais-de-150-inspetores-do-sef-participaram-em-missoes-da-frontex-em-2016_n972884
[consultado a 12/07/17]

Definições das teorias migratórias

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292000000200007
[consultado a 24/05/17]

Definição de migrante

<http://www.acm.gov.pt/documents/10181/65144/Gloss%C3%A1rio.pdf/b66532b2-8eb6-497d-b24d-6a92dadfee7b>
[consultado a 17/05/17]

Deslocado – Conceito OIM

http://www.csem.org.br/pdfs/conceitos_basicos_de_migracao_segundo_a_oim.pdf
[Consultado a 12/06/2017]

Deslocados internos

<http://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/deslocados-internos/>
[consultado a 08/06/17]

Direito ao asilo (Baldi, 1995)

<https://run.unl.pt/bitstream/10362/7682/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20mestrado%20REVISADA.pdf>
[consultado a 09/06/17]

Distinção entre Migrante e Migrante Refugiado

<http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/refugiado-ou-migrante-o-acnur-incentiva-a-usar-o-termo-correto/>
[consultado em 07/04/17]

Escola, Educação Geográfica e Cidadania Territorial

<http://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/viewFile/14971/18408>
[consultado a 10/04/17]

Frontex

https://europa.eu/european-union/about-eu/agencies/frontex_pt
[consultado a 26/05/17]

Imagem do refugiado

<http://www.unhcr.org/europe-emergency.html>
[consultado a 30/03/17]

Lifestyle migrations

https://www.researchgate.net/publication/295852378_Lifestyle_migrations_in_Mediterranean_Context_The_future_to_depopulated_areas
[consultado a 10/07/17]

Mapa Primavera Árabe

<http://observadoresxxi.tumblr.com/post/131753236125/primavera-%C3%A1rabe-e-as-influ%C3%A2ncias-ao-redor-do-mundo>
[consultado a 12/07/17]

Migrações para a Europa

http://www.unhcr.org/576408cd7#_ga=2.99730142.110380616.1493727674-1434731583.1452017978
[consultado a 25/05/17]

Movimentos Pendulares

<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/1309/1305>
[consultado a 10/07/17]

Museu de Leiria – m|j|mo
<http://www.cm-leiria.pt/pages/286>
[consultado a 29/03/17]

Número de chineses deslocados para meios urbanos
http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/11/121029_china_milagre_sombrio_ac
[consultado a 10/07/17]

Número de deslocados
<http://www.unhcr.org/figures-at-a-glance.html>
[consultado a 25/05/17]

Número de habitantes de Leiria
Instituto Nacional de Estatística (Recenseamentos Gerais da População)
https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes
[consultado a 29/03/17]

Número de habitantes por Grupo Etário de Leiria
http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros
[consultado a 29/03/17]

Número de refugiados e migrantes que atravessaram o Mediterrâneo em 2016
<http://www.acnur.org/portugues/noticias/noticia/mais-de-300-mil-refugiados-e-migrantes-cruzaram-o-mediterraneo-em-2016/>
[consultado a 16/03/17]

Número de vítimas no mar Mediterrâneo
<https://nacoesunidas.org/mais-de-4-mil-refugiados-e-migrantes-morreram-em-2016-a-maior-parte-no-mediterraneo-alerta-oim/>
[consultado a 25/05/17]

Protocolo de 1967
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782010000300003
[consultado a 07/06/17]

Santarém e o rio
<http://www.ribatejo.com/ecos/santarem/sthistor.html>
[consultado a 02/04/17]

Sociedade das Nações
http://www.cidadevirtual.pt/acnur/acn_lisboa/q-inf.html#pp1
[consultado a 01/06/17]

Tendências Globais sobre refugiados e outras populações de interesse do ACNUR
<http://www.acnur.org/portugues/recursos/estatisticas/>
[consultado a 30/11/16]

Teoria do capital humano

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122010000200003
[consultado a 24/05/17]

Teoria do capital social

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2006000100011
[consultado a 24/05/17]

Teoria dos sistemas migratórios

https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/5378/1/msc_cvrtexeira.pdf
[consultado a 24/05/17]

Índice de Figuras

Figura 1 Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste.....	13
Figura 2. Distrito de Coimbra. Escola Inês de Castro situada na margem esquerda do rio Mondego.....	16
Figura 3 Escola Básica 2º e 3º Ciclos Inês de Castro	17
Figura 4. Níveis etários do 8º X.....	19
Figura 5. Estrutura do agregado familiar do 8º X.....	20
Figura 6 Diapositivos usados para exemplificar os movimentos da Terra como fatores da variação da temperatura	24
Figura 7 Primeiro <i>PowerPoint</i> de cada região climática usado nas aulas	26
Figura 8 <i>PowerPoint</i> usado para localizar vazios humanos e focos populacionais	29
Figura 9 Imagens usadas para ilustrar a diferença entre "emigrante e "imigrante".....	30
Figura 10 Documentários utilizados para demonstrar as diferenças entre os emigrantes portugueses dos anos 60 do século XX e os atuais emigrantes	32
Figura 11 Valores termopluiométricos de Montalegre.....	34
Figura 12. Gráfico termopluiométricos de Montalegre	34
Figura 13 Diferenças entre asilo e refúgio	45
Figura 14 Semelhanças entre asilo e refúgio.....	46
Figura 15 Migrações quanto ao espaço	47
Figura 16 Migrações em função da motivação	48
Figura 17 Migrações quanto à legalidade	49
Figura 18 Migrações quanto à duração	49
Figura 19 Quadro concetual da teoria de Ravenstein (push/pull).....	53
Figura 20 Cronologia dos programas de apoio ao refugiado.....	60
Figura 21. Diferenças entre migrantes, migrantes forçados e refugiados	62
Figura 22. Países envolvidos na onda de protestos da "Primavera Árabe"	64
Figura 23. População deslocada em 2015.....	65
Figura 24. Principais países de destino para os novos requerentes de asilo.....	66
Figura 25 Refugiado sírio com o filho. Hungria.....	67
Figura 26. Resultado à pergunta sobre a noção de Refugiado	72
Figura 27. Conhecimento geográfico acerca das regiões em conflito	73
Figura 28 Opinião dos alunos do 8ºX acerca do acolhimento aos Refugiados	73
Figura 29 Perceção da entrada de terroristas entre os Refugiados	74
Figura 30 Opinião dos direitos que possam se concedidos aos Refugiados	75
Figura 31 Obrigações que os Refugiados possam ter.....	76
Figura 32. <i>PowerPoint</i> com a explicação do que é o ACNUR e qual a sua função	77
Figura 33. Número de alunos que conhecem emigrantes	78
Figura 34. Receção que os emigrantes conhecidos dos alunos tiveram	79
Figura 35. Reação à imposição de quotas.....	79

Figura 36. Conhecimento dos alunos relativo à distribuição espacial dos Refugiados	80
Figura 37. Evolução de vítimas mortais no mar Mediterrâneo na perspetiva dos alunos	81
Figura 38. Tema 1: O abandono do lar	84
Figura 39. Tema 2: A saída e a chegada por terra	85
Figura 40. Tema 3: A fuga por mar	86
Figura 41. Tema 4: Campos de refugiados.....	86
Figura 42. Tema 5:Recolocação na Europa	87
Figura 43. Letra da música “Ei-los que partem”	154
Figura 44 Moinho do Papel (pormenor do exterior e interior).	162
Figura 45 Pormenor do interior e do Museu da Imagem em movimento.	163
Figura 46 Convento de Stº Agostinho (atual Museu de Leiria). Pormenor do interior.	163

Anexos

Anexo – 1 PIF



Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**Mestrado em Ensino de Geografia no 3º ciclo do
Ensino Básico e no Ensino Secundário**

Plano Individual de Formação

2016/2017

Índice

Dados do estagiário	2
Nome	2
Entidade de acolhimento.....	2
Coordenadora de estágio.....	2
Orientadora de Relatório	2
Coorientadora de Relatório	2
Orientadora de Estágio	2
Período de realização do estágio.....	2
Data de Início	2
Data Final	2
Introdução.....	3
Objetivos do Estágio	4
Pessoais	4
Participação nos projetos da escola (atividades extracurriculares)	4
Formação Profissional (Atividades letivas)	5
Atitudes em contexto letivo	6
Autoavaliação ao nível de competências.....	7
Pontos fortes	7
Pontos fracos.....	7
Possibilidades de melhoria.....	7
Ameaças ao seu desenvolvimento.....	7
Observações	7

Dados do estagiário

Nome: Sérgio Manuel Vieira da Silva de Figueiredo Lopes

Entidade de acolhimento: Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste EB 2,3, Inês de Castro e Escola Secundária com 3º ciclo D. Duarte

Coordenadora de estágio: Adélia de Jesus Nobre Nunes

Orientadora de Relatório: Maria de Fátima Grilo Velez de Castro

Coorientadora de Relatório: Adélia de Jesus Nobre Nunes

Orientadora de Estágio: Maria José Martins Vieira Antunes dos Reis

Período de realização do estágio

Data de Início: 20/09/2016

Data Final: a definir

Introdução

O Plano Individual de Formação é feito no âmbito do Estágio Pedagógico do Mestrado em Ensino de Geografia do 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, o mesmo está a decorrer na EB 2,3 Inês de Castro (2º e 3º ciclos do Ensino Básico) e na Escola Secundária D. Duarte. O núcleo de estágio, é composto por: Patrícia Soares, Rafael Gomes e Sérgio Lopes, tendo como orientadora a Srª Dr.ª Maria José Martins Vieira Antunes dos Reis. O núcleo de estágio tem como um dos objetivos, a participação nas dinâmicas e iniciativas da escola, na vivência escolar, e nas tarefas designadas, propondo-se, dessa forma, ir além dos mínimos exigidos no Plano Anual Geral de Formação.

As atividades a que nos propomos visam uma formação, por parte do estagiário, proporcionando-lhe uma abordagem à sua futura profissão, e que, com este primeiro contato, aprenda e assimile as metodologias inerentes à profissão. Permite-lhe ainda, uma participação ativa no processo de ensino/aprendizagem, a sua envolvência e participação nas ações promovidas pela comunidade escolar, e ainda a aquisição de conhecimento que lhe permita alcançar e desenvolver os seus métodos, a sua autonomia, o seu conhecimento e o seu espírito inovador, de modo a poder aplicá-lo na sua futura profissão: a docência.

Objetivos do Estágio

Pessoais

- Aperfeiçoar e diversificar os métodos pedagógicos;
- Diversificar as situações de aprendizagem adequando-as às necessidades dos alunos/turma;
- Desenvolver um trabalho em equipa, promovendo a troca de conhecimentos e de experiências com vista à melhoria da prática lectiva, aceitando e aplicando os melhores métodos e execuções, independentemente de quem os propõe;
- Demonstrar o autodomínio perante situações adversas: (firmeza, tranquilidade, compreensão...)
- Participação em todas as sessões de auto e heteroavaliação de atividades letivas, e de avaliação formativa e sumativa;
- Desenvolvimento de competências no âmbito da prática pedagógica;
- Desenvolver e aplicar modelos de desenvolvimento curricular adequados aos diferentes contextos sociais e culturais;
- Aperfeiçoamento profissional, nos domínios científicos, didático e pedagógico;
- Contribuir para o desenvolvimento global dos alunos, enquanto indivíduos e cidadãos;

Participação nos projetos da escola (atividades extracurriculares)

- Dinamização de um projeto em parceria com a FLUC (Concurso de fotografia para os 8º e 10º anos sob o tema “Paisagens e territórios”);
- Exposição sobre os refugiados (2º período);
- Atividades lúdicas tendo como público alvo o 3º ciclo (apresentação de filmes uma vez por período; (quarta feira à tarde no segundo e terceiro período);

- Participação em visitas de estudo que possam ser realizadas na Escola (visita a Leiria, onde serão exploradas perspetivas como: Organização funcional das cidades.
- Participação na visita de estudo a Santarém – organização funcional da cidade, características estruturais do Maciço Calcário Estremenho e Lezíria do Tejo com os alunos do 11º ano;
- Visita de estudo a Coimbra ➡ Solum / Bairro Norton de Matos / Cruz de Celas; Organização funcional e plantas;
- Saída de campo, ainda a definir (10º ano);
- Assistir e/ ou colaborar em reuniões de avaliação;
- Assistir e/ ou colaborar em reuniões de grupo;
- Assistir e/ou colaborar nos conselhos de turma;
- Assistir e/ou colaborar o nas reuniões intercalares.

Formação Profissional (Atividades letivas)

- Assistir e lecionar o maior número de aulas possível nas turmas a que estou afeto (8º X e 10º X);
- Assistir as aulas lecionadas pelos colegas do núcleo de estágio;
- Assistir as aulas do Seminário de Geografia;
- Realizar planificações a curto e médio prazo nas turmas a que estou afeto;

Definir finalidade educativa tendo em vista a utilidade dos saberes e as competências a atingir;

- ✓ Planificar com correção científica e pedagógica;
- ✓ Concetualizar conteúdos, através da construção de esquemas conceptuais que articulam e unificam os saberes;
- ✓ Definir finalidade educativa tendo em vista a utilidade dos saberes e as competências a atingir;
- ✓ Adotar estratégias diversificadas e adequadas às situações concretas do processo Ensino/Aprendizagem;

- ✓ Problematizar os conteúdos através da elaboração de questões-chave;
- ✓ Adaptar os recursos e/ou materiais às estratégias selecionadas;
- ✓ Selecionar bibliografia que evidencie aprofundamento científico dos conteúdos lecionados;
- ✓ Potenciar o envolvimento de toda a comunidade educativa.

Atitudes em contexto letivo

- Desenvolver e aplicar modelos de desenvolvimento curricular adequados aos contextos sociais e culturais;
- Contribuir para o desenvolvimento global dos alunos, enquanto indivíduos e cidadãos;
- Promover o sucesso educativo através da diversificação de atividades;
- Potenciar o envolvimento de toda a comunidade educativa.
- Diversificar as situações de aprendizagem conforme as necessidades dos alunos;
- Adaptar o ritmo ideal de aula em função das características de turma;
- Utilizar com rigor a língua portuguesa;
- Utilizar corretamente uma linguagem científica;
- Aperfeiçoar e diversificar os métodos pedagógicos;
- Promover a participação de todos os alunos, de modo a envolvê-los nas atividades da aula;
- Promover hábitos e métodos de estudo;
- Desenvolver métodos de reforço positivo aos alunos;
- Promover o sucesso educativo através da diversificação de atividades;
- Diversificar as situações de aprendizagem conforme as necessidades dos alunos;

Autoavaliação ao nível de competências

Pontos fortes

- Maturidade adquirida ao longo da vida
- Conhecimento empírico
- Conhecimento científico dos conteúdos a lecionar;
- Facilidade de comunicação;
- Facilidade de relacionar casos práticos (do quotidiano) com o conteúdo lecionado;
- Facilidade de relacionamento com os alunos mantendo as respetivas distâncias;

Pontos fracos

- Algum nervosismo/ansiedade no início da aula;

Possibilidades de melhoria

- Ultrapassar a ansiedade demonstrada no início da aula;

Ameaças ao seu desenvolvimento

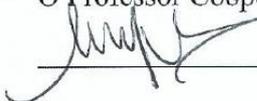
- Ansiedade

Observações

Este plano de está sujeito a eventuais alterações que visem o seu ou novas atividades que surjam ao longo do presente estágio.

Coimbra, 02 de dezembro de 2016

O Professor Cooperante:



O Estagiário:



Anexo 2 – “Sondagem/Inquérito”

Refugiados

Migração é o movimento de população no território.

Um refugiado é um migrante.

Assinale com um “X” as afirmações que correspondem à noção que tem de refugiado.

1. O que entende por Refugiado?

O refugiado é uma pessoa que...

- vai para outro país à procura de melhores condições salariais.
- vai para outro país em consequência de perseguição religiosa.
- vai para outro país à procura de um sistema de saúde que responda eficazmente às suas necessidades.
- vai para outro país devido à violação massiva dos direitos humanos.
- vai para outro país onde haja maior oferta de emprego.
- vai para outro país à procura de um sistema de ensino mais eficaz.
- vai para outro país devido a conflitos armados.
- vai para outro país em consequência de perseguição política.

2. Atualmente as regiões mais afetadas por conflitos armados são...

Ásia: Extremo oriente

Médio oriente

América do norte

América do sul

Sul de África

Oceânia

Europa central

3. Concorda que os países acolham refugiados?

Sim Não

3.1. Acha que os refugiados devem ser obrigados a "acatar as leis e regulamentos, bem como as medidas para a manutenção da ordem pública" dos países que os acolhem?

Sim Não

3.2. Acha que os países de acolhimento devem conceder aos refugiados que residam regularmente nos seus territórios, o mesmo tratamento que aos seus nacionais em matéria de assistência e auxílio público?

Sim Não

3.3. Acha que entram muitos terroristas na Europa, disfarçados de refugiados?

Sim Não

3.4. Acha que os países europeus podem tirar benefícios com o acolhimento dado aos refugiados?

Sim Não

4. Já ouviu falar do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)?

Sim Não

5. Já habitou fora de Portugal?

Sim Não

5.1. Tem ou já teve algum(a) familiar, amigo ou conhecido emigrante?

Sim Não

5.2. Se a sua resposta foi sim, ele(a) foi bem-recebido(a) no país onde está ou esteve?

Sim Não

6. Concorda que a UE obrigue os seus países membros a acolher um número mínimo de refugiados? (estabelecendo quotas)

Sim Não

7. 75% da população síria deslocada, encontra-se dispersa nos países...

a) da União Europeia

b) Líbano, Egito, Turquia, Iraque e Jordânia

8. Terão havido mais vítimas mortais, na tentativa de atravessar o mar Mediterrâneo em...

a) 2015

b) 2016

Anexo 3 – Planificações

Planificação a Longo Prazo

Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste					2016/2017
		<h2>Planificação a Longo Prazo</h2>			
Ensino Básico		Disciplina: Geografia		8.º Ano de Escolaridade	
AULAS		1ºP	2ºP	3ºP	TOTAL
	TURMA X	24	24	18	66
	TURMA Y				
	TURMA Z				
① As aulas previstas são contabilizadas em tempos de 45'.					
1.º Período - Unidades Temáticas / Conteúdos Programáticos (apagar o que não interessa)					
Domínio – O Meio Natural					
Subdomínio - O Clima					
2.º Período - Unidades Temáticas / Conteúdos Programáticos (apagar o que não interessa)					
Domínio – O Meio Natural			Domínio - POPULAÇÃO E POVOAMENTO		
Subdomínio - O Clima			Subdomínio - Distribuição da população mundial		
Domínio – POPULAÇÃO E POVOAMENTO					
Subdomínio - Evolução da população mundial					

Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste		2016/2017
3.º Período - Unidades Temáticas / Conteúdos Programáticos (apagar o que não interessa)		
Domínio - POPULAÇÃO E POVOAMENTO	Domínio - POPULAÇÃO E POVOAMENTO	
Subdomínio - Distribuição da população mundial	Subdomínio - Cidades, principais áreas de fixação humana	
Domínio - POPULAÇÃO E POVOAMENTO		
Subdomínio - Mobilidade da população		
Competências a desenvolver (em cada um dos três períodos)	Instrumentos e Critérios de avaliação (para cada um dos três períodos)	
Tratamento de Informação/Utilização de fontes: pesquisa e distinção de fontes; interpretação de diferentes tipos de documentos, mapas, gráficos e imagens; utilização de vocabulário específico da disciplina;	Domínio cognitivo (conhecimentos e capacidades específicas): ---- 85%	
Compreensão Geográfica (Temporalidade, Espacialidade, Contextualização): localizar, descrever e analisar os fenómenos naturais e humanos no tempo e no espaço;	Testes de avaliação escrita ----- 65%	
Comunicação em Geografia: Utilizar as TIC, usar corretamente a língua portuguesa na oralidade e na escrita, cumprir as regras da sala de aula.	Trabalhos de pesquisa individuais ou de grupo / Apresentação --10%	
	Participação ----- 10 %	
	Domínio Socioafetivo: -----	
	----- 15%	
	Atitudes e valores	
	Nota: Quando não forem realizados trabalhos individuais ou de grupo, o peso desse item transita para a componente de avaliação sumativa de conhecimentos (testes escritos)	
Material básico para a aula: Caderno diário, Manual e Material de escrita		

Planificação a Médio Prazo

1º Período

1º Período			
DOMÍNIO: O MEIO NATURAL			
Subdomínio: O Clima (elementos e fatores climáticos)	Atividades / Estratégias	Recursos	Aulas (45')
<p>Compreender o clima como o resultado da influência dos diferentes elementos atmosféricos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar o estado de tempo para um determinado lugar e num dado momento. • Distinguir estado de tempo de clima. • Definir diferentes elementos de clima: temperatura, precipitação, humidade, nebulosidade, insolação, pressão atmosférica e vento. • Identificar os instrumentos utilizados para medir e registar os elementos de clima e as respetivas unidades de quantificação. • Justificar a utilidade da previsão dos estados do tempo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Exposição oral • Diálogo vertical • Análise de gráficos • Análise de mapas/ cartas • Análise de textos • Exploração de imagens, textos e esquemas 	<p>Fichas de avaliação</p> <p>Fichas formativas</p> <p>Fichas de trabalho</p> <p>Videoprojetor</p> <p>Computador</p> <p>Quadro</p>	1
<p>Compreender a variação diurna da temperatura</p> <ul style="list-style-type: none"> • Descrever a variação diurna da temperatura em diferentes lugares da Terra, com base em gráficos. • Calcular a temperatura média diurna e a amplitude térmica diurna. • Relacionar a variação diurna da temperatura com o movimento de rotação da Terra. • Relacionar o ângulo de incidência dos raios solares com a espessura da atmosfera a atravessar e com a superfície de incidência. 	<ul style="list-style-type: none"> • Realização de exercícios práticos de cálculo de: temperatura média diurna, amplitude térmica diurna, temperatura média anual, amplitude térmica anual e humidade relativa 	<p>Caderno de atividades</p> <p>Manual</p>	1
<p>Compreender a variação anual da temperatura</p> <ul style="list-style-type: none"> • Descrever a variação anual da temperatura em lugares do hemisfério norte e do hemisfério sul. • Inferir as noções de temperatura média mensal e anual, e amplitude térmica mensal e anual. • Relacionar a variação anual da temperatura com o movimento de translação da Terra, enfatizando os solstícios de junho e dezembro e os equinócios de março e setembro. 	<ul style="list-style-type: none"> • Construção de gráficos termoplúviométricos • Realização de fichas de trabalho/reforço • Realização de fichas de avaliação 		2

<p>Compreender a variação da temperatura com a latitude</p> <ul style="list-style-type: none"> Relacionar os círculos menores de referência com as zonas climáticas terrestres, identificando-as: zona quente ou intertropical; zonas temperadas dos hemisférios norte e sul e zonas frias dos hemisférios norte e sul. Interpretar a distribuição das temperaturas médias à superfície da Terra a partir da leitura de mapas de isotérmicas. Explicar os principais fatores que influenciam a variação espacial da temperatura. 	sumativa		1
<p>Compreender a variação da temperatura em função da proximidade ou afastamento do oceano</p> <ul style="list-style-type: none"> Explicar a função reguladora do oceano sobre as temperaturas. Definir correntes marítimas. Localizar correntes marítimas quentes e frias à escala planetária, salientando as do Atlântico Norte. Relacionar a variação da temperatura junto à costa com as correntes marítimas. 			1
<p>Compreender a variação da temperatura em função do relevo</p> <ul style="list-style-type: none"> Explicar a influência da altitude na variação da temperatura. Definir gradiente térmico vertical. Explicar a influência da exposição geográfica das vertentes na variação da temperatura (vertentes umbrias/sombrias de soalheira). 			1
<p>Compreender diferentes fenómenos de condensação</p> <ul style="list-style-type: none"> Caracterizar diferentes fenómenos de condensação e de sublimação junto à superfície: orvalho, nevoeiro e geada. Associar as nuvens a fenómenos de condensação em altitude. 			2
<p>Compreender a distribuição da precipitação à superfície da Terra</p> <ul style="list-style-type: none"> Distinguir humidade absoluta de humidade relativa. Definir ponto de saturação. Identificar diferentes formas de precipitação: chuva, neve e granizo. 			

<ul style="list-style-type: none"> • Descrever a distribuição da precipitação à superfície terrestre a partir da leitura de mapas de isoietas. • Referir fatores que influenciam a variação da precipitação à escala planetária. <p>Compreender a influência dos centros barométricos na variação da precipitação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Definir isóbara. • Distinguir centros de altas pressões (Anticiclones) de centros de baixas pressões (Depressões). • Reconhecer o efeito da força de <i>Coriolis</i> nos movimentos do ar, no Hemisfério Norte e no Hemisfério Sul. • Explicar a circulação do ar nos centros de altas e de baixas pressões. • Localizar os principais centros de altas e baixas pressões em latitude e relacioná-los com a variação da precipitação à escala planetária. • Identificar os principais centros barométricos que influenciam o clima de Portugal. <p>Compreender a influência das massas de ar na variação da precipitação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Definir massa de ar. • Distinguir superfície frontal de frente. • Explicar o processo de formação das chuvas frontais. <p>Compreender a ação de fatores regionais na ocorrência de precipitação</p> <ul style="list-style-type: none"> • Explicar o processo de formação das chuvas de relevo ou orográficas. • Explicar o processo de formação das chuvas convectivas. • Relacionar a variação da precipitação com as correntes marítimas. <p>Compreender as relações entre os tipos de climas e as diferentes formações vegetais nas regiões quentes, temperadas e frias</p> <ul style="list-style-type: none"> • Construir gráficos <i>termopluviométricos</i>. • Interpretar os regimes térmico e pluviométrico a partir de um gráfico <i>termopluviométrico</i>. • Comparar as características <i>termopluviométricas</i> dos diferentes tipos de climas do mundo (Climas quentes). 			<p>1</p> <p>1</p> <p>1</p> <p>5</p>
--	--	--	-------------------------------------

<ul style="list-style-type: none">• Localizar os diferentes tipos de clima do mundo (Climas quentes).• Caracterizar as formações vegetais associadas a cada um dos climas do mundo (Climas quentes).			
Realização de provas de avaliação sumativa; preparação para provas de avaliação sumativa; correção de provas de avaliação sumativa; autoavaliação.			7
Total			24

2º Período

 Ano Letivo 2016/2017 Departamento de Ciências Sociais e Humanas Planificação a Médio Prazo 2º Período Geografia 8º Ano Escola Básica 2º e 3º Ciclos Inês de Castro e Escola Básica 2º e 3º Ciclos de Taveiro			
2º Período			
DOMÍNIO: O MEIO NATURAL			
Subdomínio: O Clima (elementos e fatores climáticos)	Atividades / Estratégias	Recursos	Aulas (45')
<p>Compreender as relações entre os tipos de climas e as diferentes formações vegetais nas regiões quentes, temperadas e frias</p> <ul style="list-style-type: none"> Interpretar os regimes térmico e pluviométrico a partir de um gráfico <u>termopluiométrico</u>. Construir gráficos <u>termopluiométricos</u> referentes a diferentes climas do mundo (Climas temperados e frios). Comparar as características <u>termopluiométricas</u> dos diferentes tipos de climas do mundo (Climas temperados e frios). Localizar os diferentes tipos de clima do mundo (Climas temperados e frios). Caraterizar as formações vegetais associadas a cada um dos climas do mundo (Climas temperados e frios). <p>Compreender o clima de Portugal e as principais formações vegetais</p> <ul style="list-style-type: none"> Caraterizar o clima de Portugal Continental e dos arquipélagos dos Açores e da Madeira. Explicar a influência dos fatores climáticos na variação da temperatura e da precipitação em Portugal Continental e dos arquipélagos dos Açores e da Madeira. Caraterizar as formações vegetais em Portugal Continental e dos arquipélagos dos Açores e da Madeira. 	<ul style="list-style-type: none"> Exposição oral Diálogo vertical Análise de gráficos Análise de mapas/ cartas Análise de textos Exploração de imagens, textos e esquemas Realização de exercícios práticos de cálculo de: temperatura média diurna, amplitude térmica diurna, temperatura média anual, amplitude térmica anual e humidade relativa Construção de gráficos <u>termopluiométricos</u> Realização de fichas de trabalho/reforço Realização de fichas de avaliação sumativa 	<p>Fichas de avaliação</p> <p>Fichas formativas</p> <p>Fichas de trabalho</p> <p>Videoprojetor</p> <p>Computador</p> <p>Quadro</p> <p>Caderno de atividades</p> <p>Manual</p>	<p>3</p> <p>2</p>

DOMÍNIO: POPULAÇÃO E POVOAMENTO			
Subdomínio: Evolução da população mundial	Atividades / Estratégias	Recursos	Aulas (45')
<p>Conhecer e compreender diferentes indicadores demográficos</p> <ul style="list-style-type: none"> Explicar a importância dos recenseamentos gerais da população para a Geografia e o ordenamento do território. Definir demografia, natalidade, mortalidade, crescimento natural, taxa de natalidade, taxa de mortalidade, taxa de mortalidade infantil, taxa de crescimento natural, índice sintético de fecundidade, índice de renovação de gerações, índice de envelhecimento, esperança média de vida à nascença, saldo migratório, crescimento real ou efetivo. <p>Aplicar o conhecimento dos conceitos para determinar indicadores demográficos</p> <ul style="list-style-type: none"> Calcular: crescimento natural, taxa de natalidade, taxa de mortalidade, taxa de mortalidade infantil, taxa de crescimento natural, índice de envelhecimento, saldo migratório, crescimento real ou efetivo. Explicar o resultado dos dados obtidos através do cálculo de indicadores demográficos, refletindo sobre as respetivas implicações do ponto de vista demográfico. <p>Compreender a evolução demográfica da população mundial</p> <ul style="list-style-type: none"> Descrever a evolução da população a nível mundial, a partir da leitura de gráficos. Distinguir o regime demográfico primitivo da transição demográfica, explosão demográfica e regime demográfico moderno. Comparar a evolução da população em países com diferentes graus de desenvolvimento. Explicar a evolução das taxas de natalidade e de mortalidade e de outros indicadores 	<ul style="list-style-type: none"> Exposição oral Diálogo vertical Análise de gráficos Análise de mapas/ cartas Análise de textos Exploração de imagens, textos e esquemas Exploração de pequenos filmes Realização de exercícios práticos de cálculo de: crescimento natural, taxa de natalidade, taxa de mortalidade, taxa de mortalidade infantil, taxa de crescimento natural, índice de envelhecimento, saldo migratório, crescimento real ou efetivo. Construção de pirâmides etárias Realização de fichas de trabalho/reforço Realização de fichas de avaliação 	<p>Fichas de avaliação</p> <p>Fichas formativas</p> <p>Fichas de trabalho</p> <p>Videoprojetor</p> <p>Computador</p> <p>Quadro</p> <p>Caderno de atividades</p> <p>Manual</p>	1
			2
			3

<p>demográficos em países de diferentes graus de desenvolvimento.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Problematicar as consequências da desigual evolução demográfica em países com diferentes graus de desenvolvimento. • Explicar o impacto dos diferentes regimes demográficos no desenvolvimento sustentável mundial. <p>Representar a estrutura etária da população e compreender a adoção de diferentes políticas demográficas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar a estrutura etária da população, a partir da construção de pirâmides etárias de diferentes países. • Identificar os fatores que interferem na evolução da composição da população por idades. • Discutir a evolução da composição etária da população, assim como a necessidade de ajustamento permanente entre os comportamentos demográficos. <p>Compreender a diversidade demográfica em Portugal, através da análise de pirâmides etárias</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comparar, com recurso a pirâmides etárias, a evolução da estrutura etária da população de Portugal, nas últimas décadas. • Comparar as realidades demográficas regionais de Portugal. <p>Compreender a implementação de políticas demográficas tendo em consideração a realidade demográfica de um país</p> <ul style="list-style-type: none"> • Distinguir políticas antinatalistas natalistas de políticas natalistas, enunciando medidas que promovam a diminuição ou o aumento da natalidade. • Referir exemplos de países onde são implementadas políticas antinatalistas natalistas e políticas natalistas. • Discutir as políticas demográficas implementadas e a implementar em Portugal em 	<p>sumativa</p>		<p>3</p> <p>1</p> <p>2</p>
---	-----------------	--	----------------------------

função da sua realidade demográfica.			
DOMÍNIO: POPULAÇÃO E POVOAMENTO			
Subdomínio: Distribuição da população mundial	Atividades / Estratégias	Recursos	Aulas (45')
<p><i>Compreender a distribuição mundial da população</i></p> <ul style="list-style-type: none"> • Distinguir população total de população relativa/ densidade populacional. • Descrever a distribuição da população mundial, a partir de mapas, através da localização dos principais vazios humanos e das grandes concentrações populacionais. • Explicar a influência dos fatores naturais e dos fatores humanos na repartição da população mundial. 			2
Realização de provas de avaliação sumativa; preparação para provas de avaliação sumativa; correção de provas de avaliação sumativa; autoavaliação.			7
Total			24

3º Período

		Ano Letivo 2016/2017 Departamento de Ciências Sociais e Humanas Planificação a Médio Prazo 3º Período Geografia 8º Ano Escola Básica 2º e 3º Ciclos Inês de Castro e Escola Básica 2º e 3º Ciclos de Taveiro		
3º Período				
DOMÍNIO: POPULAÇÃO E POVOAMENTO				
Subdomínio: Distribuição da população mundial		Atividades / Estratégias	Recursos	Aulas (45')
Subdomínio: Mobilidade da população				
<p>Compreender a distribuição da população em Portugal</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Interpretar a distribuição da população em Portugal a partir da leitura de mapas, destacando a litoralização e a bipolarização da sua distribuição. ■ Explicar os principais fatores que influenciam a distribuição da população em Portugal. 		<ul style="list-style-type: none"> • Exposição oral • Diálogo vertical 	Fichas de avaliação	2
<p>Compreender as causas e as consequências das migrações</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Distinguir migração de emigração e de imigração. ■ Caracterizar diferentes tipos de migração: permanente, temporária e sazonal; externa; interna; intracontinental e intercontinental; clandestina e legal; êxodo rural e deriva urbana. ■ Explicar as principais causas das migrações. ■ Explicar as principais consequências das migrações nas áreas de partida e nas áreas de chegada 		<ul style="list-style-type: none"> • Análise de gráficos • Análise de mapas/ cartas • Análise de textos • Exploração de imagens, textos e esquemas 	Fichas formativas Fichas de trabalho Videoprojetor Computador Quadro	3
<p>Compreender os grandes ciclos migratórios internacionais</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Caracterizar os grandes ciclos migratórios internacionais, através da interpretação de mapas com os fluxos migratórios. ■ Localizar as principais regiões/países de origem da população migrante e principais regiões/países de destino da população migrante. ■ Caracterizar a população migrante. ■ Referir os fatores atrativos/repulsivos que influenciam as migrações. ■ Discutir a importância dos movimentos migratórios na redistribuição da população europeia e mundial. 		<ul style="list-style-type: none"> • Realização de exercícios com os tipos de migrações • Identificar em textos as causas das migrações • Realização de fichas de trabalho/reforço 	Caderno de atividades Manual	2
<p>Compreender, no tempo e no espaço, as migrações em Portugal</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Caracterizar a evolução temporal da emigração em Portugal. ■ Localizar os principais destinos da emigração portuguesa. ■ Caracterizar a evolução da imigração em Portugal, referindo as principais origens dos imigrantes. ■ Caracterizar a situação atual de Portugal no contexto das migrações internacionais. 		<ul style="list-style-type: none"> • Realização de fichas de avaliação sumativa 		1

3º Período

DOMÍNIO: POPULAÇÃO E POVOAMENTO			
Subdomínio: Distribuição da população mundial Subdomínio: Mobilidade da população	Atividades / Estratégias	Recursos	Aulas (45')
<p>Compreender a distribuição da população em Portugal</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Interpretar a distribuição da população em Portugal a partir da leitura de mapas, destacando a litoralização e a bipolarização da sua distribuição. ■ Explicar os principais fatores que influenciam a distribuição da população em Portugal. <p>Compreender as causas e as consequências das migrações</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Distinguir migração de emigração e de imigração. ■ Caracterizar diferentes tipos de migração: permanente, temporária e sazonal; externa; interna; intracontinental e intercontinental; clandestina e legal; êxodo rural e deriva urbana. ■ Explicar as principais causas das migrações. ■ Explicar as principais consequências das migrações nas áreas de partida e nas áreas de chegada <p>Compreender os grandes ciclos migratórios internacionais</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Caracterizar os grandes ciclos migratórios internacionais, através da interpretação de mapas com os fluxos migratórios. ■ Localizar as principais regiões/países de origem da população migrante e principais regiões/países de destino da população migrante. ■ Caracterizar a população migrante. ■ Referir os fatores atrativos/repulsivos que influenciam as migrações. ■ Discutir a importância dos movimentos migratórios na redistribuição da população europeia e mundial. <p>Compreender, no tempo e no espaço, as migrações em Portugal</p> <ul style="list-style-type: none"> ■ Caracterizar a evolução temporal da emigração em Portugal. ■ Localizar os principais destinos da emigração portuguesa. ■ Caracterizar a evolução da imigração em Portugal, referindo as principais origens dos imigrantes. ■ Caracterizar a situação atual de Portugal no contexto das migrações internacionais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Exposição oral • Diálogo vertical • Análise de gráficos • Análise de mapas/ cartas • Análise de textos • Exploração de imagens, textos e esquemas • Realização de exercícios com os tipos de migrações • Identificar em textos as causas das migrações • Realização de fichas de trabalho/reforço • Realização de fichas de avaliação sumativa 	<p>Fichas de avaliação</p> <p>Fichas formativas</p> <p>Fichas de trabalho</p> <p>Videoprojetor</p> <p>Computador</p> <p>Quadro</p> <p>Caderno de atividades</p> <p>Manual</p>	<p>2</p> <p>3</p> <p>2</p> <p>1</p>



Ano Letivo 2016/2017
Departamento de Ciências Sociais e Humanas
Planificação a Médio Prazo 3º Período | Geografia | 8º Ano
Escola Básica 2º e 3º Ciclos Inês de Castro e Escola Básica 2º e 3º Ciclos de Taveiro

Realização de provas de avaliação sumativa; preparação para provas de avaliação sumativa; correção de provas de avaliação sumativa; autoavaliação.			4
Total			18



1ª aula Assistida – 17/02/2017



Escola Básica 2ª e 3ª Ciclos Inês de Castro e Escola Básica 2ª e 3ª Ciclos de Taveiro

8ºA – Sérgio Vieira Lopes
Ano Letivo 2016/2017
17/02/2017

PLANIFICAÇÃO DA AULA – 8º Ano (90 minutos)

Tema 1- A População e o Povoamento

Núcleo Concetual: O estudo da população mundial e o seu ritmo de crescimento através do tempo até aos nossos dias, ajudam-nos a prever a evolução futura. Existem desigualdades no crescimento demográfico entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento.

Subtema – 1 A evolução da população mundial.

Unidade didática – 1.2 Evolução demográfica mundial.

Sumário: A evolução da população mundial. O ritmo de crescimento em três fases distintas. Desigualdade de crescimento entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento.

Conteúdos	O aluno(a) deverá ser capaz de:	Conceitos e noções básicas	Estratégias e materiais	Avaliação
1. Compreender a evolução demográfica mundial	<ul style="list-style-type: none"> Identificar, descrever e justificar as três fases da evolução da população mundial. Reconhecer a existência de países com diferentes níveis de desenvolvimento. (Países Desenvolvidos e Países Em Desenvolvimento). Identificar num mapa diferentes níveis de desenvolvimento. Compreender as diferenças entre Países Desenvolvidos e Países Em Desenvolvimento. Descrever comportamentos de: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Natalidade e Taxa de Natalidade; ✓ Mortalidade e Taxa de Mortalidade; ✓ Crescimento Natural e Taxa de Crescimento Natural; 	<ul style="list-style-type: none"> Evolução demográfica; <ul style="list-style-type: none"> ✓ Regime demográfico primitivo; ✓ Revolução demográfica; ✓ Explosão demográfica; Países Desenvolvidos; Países em Desenvolvimento; Planeamento familiar; Mercado de trabalho; 	<ul style="list-style-type: none"> Correção do trabalho de casa. Visionamento do documentário: “Evolução da População em países com diferentes graus de desenvolvimento” Mapas Diálogo vertical Preenchimento de uma ficha com a matéria que está a ser lecionada, no 	<ul style="list-style-type: none"> Observação direta através de uma grelha de observação <ul style="list-style-type: none"> ✓ Curiosidade pelas temáticas abordadas ✓ Participação de forma organizada



	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as causas do fenómeno da Taxa de Natalidade em Países Desenvolvidos e em Países Em Desenvolvimento. • Explicar fenómeno da Taxa de Natalidade em Países Desenvolvidos e em Países Em Desenvolvimento. • Fazer leitura de mapas e gráficos das taxas de natalidade e mortalidade nos Países Desenvolvidos e nos Países Em Desenvolvimento. • Identificar as causas do fenómeno da Taxa de Mortalidade em Países Desenvolvidos e em Países Em Desenvolvimento. • Explicar fenómeno da Taxa de Mortalidade em Países Desenvolvidos e em Países Em Desenvolvimento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho precoce; 	<p>decorrer da aula.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentação de diapositivos em powerpoint • Através do diálogo com os alunos introduzir o conceito Países Desenvolvidos e os Países Em Desenvolvimento. • Através do diapositivo 3, os alunos tomam conhecimento da evolução populacional mundial; • Explicação dos três tipos de evolução demográfica com recurso aos diapositivos 4 a 8; • Análise das diferenças de ritmos de crescimento com base no diapositivo 9;
--	---	---	---

			<ul style="list-style-type: none">• Com base nos diapositivos 10 a 13, consciencializar os alunos para os contrastes demográficos dos vários continentes.• Através do diapositivo 14 explicar as razões das diferentes taxas de natalidade entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento;• Com a apresentação dos diapositivos 15 a 20 os alunos vão identificar as diferenças entre Países Desenvolvidos e Países Em Desenvolvimento que condicionam a taxa de natalidade.• Orientação do trabalho de casa• Através do diapositivo 21 e 22 explicar as razões das diferentes	
--	--	--	--	--

			<p>taxas de mortalidade entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento;</p> <ul style="list-style-type: none">• Com a apresentação dos diapositivos 22 a 24 os alunos vão identificar as diferenças entre Países Desenvolvidos e Países Em Desenvolvimento que influenciam a taxa de mortalidade.	
--	--	--	---	--

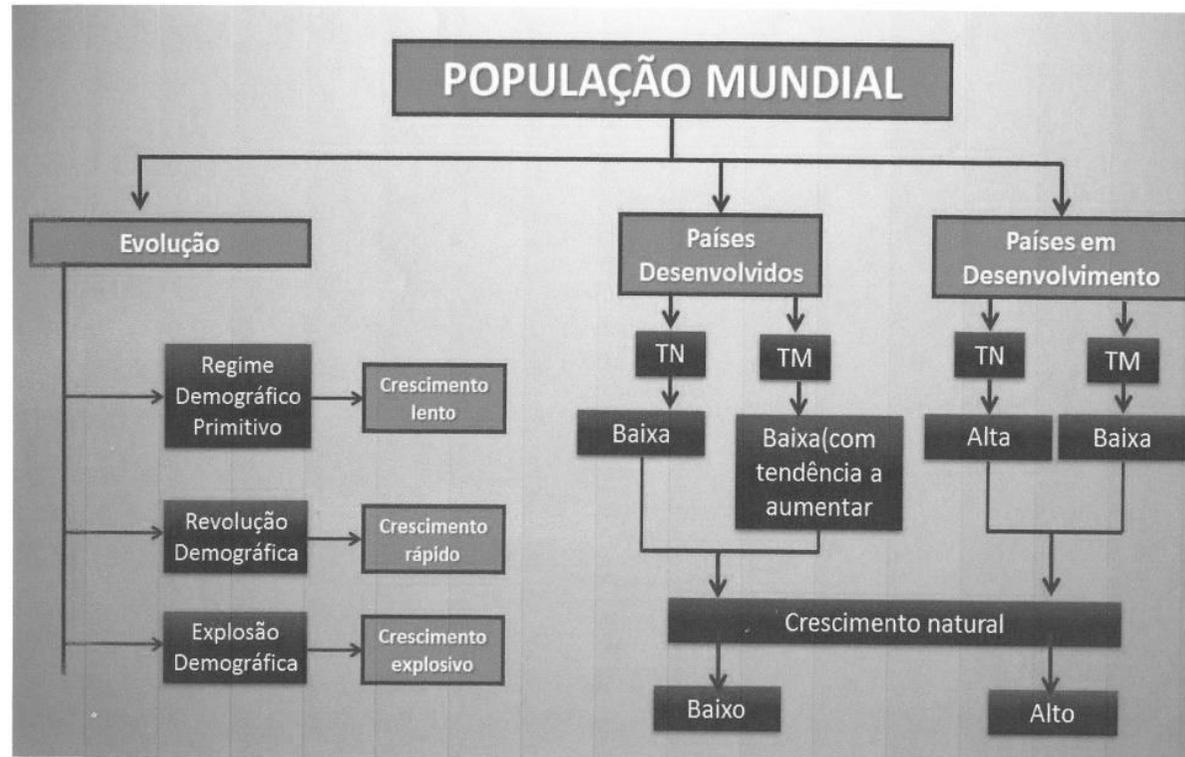
Bibliografia:

AMADO, Elisa; BATISTA, José António; BATISTA, Julieta Casimiro; (2014): *GEO Diversidades Geografia 8º Ano*; Didática Editora; Lisboa; ISBN: 978-989-756-012-5

LOBATO, Cláudia; OLIVEIRA, Simone; (2014): *@Ideia.Global 8*; Areal Editores, S.A.; Porto; ISBN: 978-989-647-506-2

RIBEIRO, Isabel; CARRAPA, Eduarda; AZEVEDO, Daniela; PINHO, Sónia; (2013): *Geo Sítios 8*; Areal Editores; Porto; ISBN: 978-984-647-498-0

RODRIGUES, Arinda; (2014): *Mapa-Mundo 8º Ano Geografia*; Leya; Lisboa; ISBN: 978-111-11-3462-4



2ª aula assistida – 19/05/2017



Escola Básica 2ª e 3ª Ciclos Inês de Castro e Escola Básica 2ª e 3ª Ciclos de Taveiro

8ºX – Sérgio Vieira Lopes
Ano Letivo 2016/2017
19/05/2017

PLANIFICAÇÃO DA AULA – 8º Ano (90 minutos)
Tema 1- A População e o Povoamento

Núcleo Concetual: Existem assimetrias na distribuição portuguesa, que são justificadas por fatores naturais e humanos. As migrações explicam essa distribuição da população em Portugal e no Mundo.

Subtema – 2.5 – Distribuição da população mundial.
3 – Mobilidade da População;

Unidade didática – 2.2 - Distribuição da população em Portugal.
3.1 – Os tipos de migrações; 3.2 – As causas das migrações.

Sumário: Conclusão do estudo da distribuição da população em Portugal.
Tipos de migrações e suas causas. Visionamento de documentário e análise à letra da música "Ei-los que partem". Realização de uma ficha de trabalho.

Conteúdos	O(a) aluno(a) deverá ser capaz de:	Conceitos e noções básicas	Estratégias e materiais	Avaliação
<p>1. A distribuição da população em Portugal</p> <p>2. Tipos de migrações</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Explicar a distribuição da população em Portugal a partir de mapas, destacando as assimetrias entre litoral e interior. • Identificar fatores naturais e humanos favoráveis à fixação da população. • Definir "Migração". • Distinguir "Emigração" de "Imigração". • Identificar e caracterizar os diferentes tipos de migrações; ✓ Quanto ao espaço; 	<ul style="list-style-type: none"> • Densidade populacional. • Litoralização. • Bipolarização. • Despovoamento. • Migração. • Emigração. • Imigração. • Êxodo rural. 	<ul style="list-style-type: none"> • Quadro. • Documentário: "Distribuição da População em Portugal". • Música: "Ei-los que partem" • Ficha de trabalho. • Apresentação de diapositivos em powerpoint. 	<ul style="list-style-type: none"> • Observação direta ✓ Curiosidade pelas temáticas abordadas ✓ Participação de forma organizada • Pontualidade • Atitudes • Cumprimento das tarefas propostas.

	<p>Escola Básica 2ª e 3ª Ciclos Inês de Castro e Escola Básica 2ª e 3ª Ciclos de Taveiro</p>	<p>8ºX – Sérgio Vieira Lopes Ano Letivo 2016/2017 19/05/2017</p>		
	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Quanto à tomada de decisão; ✓ Quanto à legalidade: relação com o estado; ✓ Quanto à duração. • Identificar e explicar as causas responsáveis pelos movimentos migratórios: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Económicas; ✓ Naturais; ✓ Políticas; Bélicas; ✓ Culturais; ✓ Religiosas; ✓ Étnicas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Êxodo urbano. • Intracontinentais. • Intercontinentais. 	<ul style="list-style-type: none"> • No diapositivo 1 serão lembrados os conceitos de litoralização e bipolarização. • No diapositivo 2 será analisada a evolução da densidade populacional em Portugal entre 1960 e 2011. • Através do diapositivo 3, serão identificadas as áreas de Portugal com menor densidade populacional. • Através do diapositivo 4, serão identificados os fatores responsáveis pelas assimetrias da densidade populacional. 	

	<p>Escola Básica 2º e 3º Ciclos Inês de Castro e Escola Básica 2º e 3º Ciclos de Taveiro</p>	<p>8ºA – Sérgio Vieira Lopes Ano Letivo 2016/2017 19/05/2017</p>	
			<ul style="list-style-type: none">• Com os diapositivos 5 a 8 serão analisados os fatores naturais e humanos condicionantes da densidade populacional em Portugal, identificando-os com casos concretos.• Visionamento do documentário: "Distribuição da População em Portugal".<ul style="list-style-type: none">• Audição e análise da música: "Ei-los que partem"• Diapositivo 10: Introdução ao tema: Migrações.• Através do diapositivo 11 vai ser analisada a definição de migrante.

			<ul style="list-style-type: none">• No diapositivo 12, com o recurso a imagens vão ser distinguidos os conceitos de Emigrante e Imigrante.• Com recurso ao diapositivo 13 vão ser identificadas os diferentes tipos de migrações.• As migrações quanto ao espaço: Internas (êxodos rural e urbano) serão analisadas nos diapositivos 14 e 15.• As migrações externas serão identificadas através do diapositivo 17.• Nos diapositivos 18 e 19 serão	
--	--	--	---	--

	<p>Escola Básica 2ª e 3ª Ciclos Inês de Castro e Escola Básica 2ª e 3ª Ciclos de Taveiro</p>	<p>8ºX – Sérgio Vieira Lopes Ano Letivo 2016/2017 19/05/2017</p>		
			<p>analisadas as migrações livres e forçadas.</p> <ul style="list-style-type: none">• As migrações quanto à legalidade serão identificadas com a apresentação dos diapositivos 20 e 21.• Nos diapositivos 22 a 25, serão apresentados alguns tipos de migrações em função da duração.• Com o apoio do diapositivo 26 serão apresentados alguns exemplos das causas das migrações.• As migrações económicas e as naturais serão identificadas com a apresentação	

			<p>do diapositivo 27.</p> <ul style="list-style-type: none">• Com o recurso às imagens do diapositivo 28 serão dados exemplos de migrações forçadas: Políticas e bélicas.• A abordagem à migrações de religiosas e étnicas será feita e exemplificada com imagens com a visualização do diapositivo 28.	
--	--	--	--	--

Bibliografia:

Castelão, R. & Matos, M. J. (2014). *O Projeto Desafios 8*: Camaxide: Santillana.

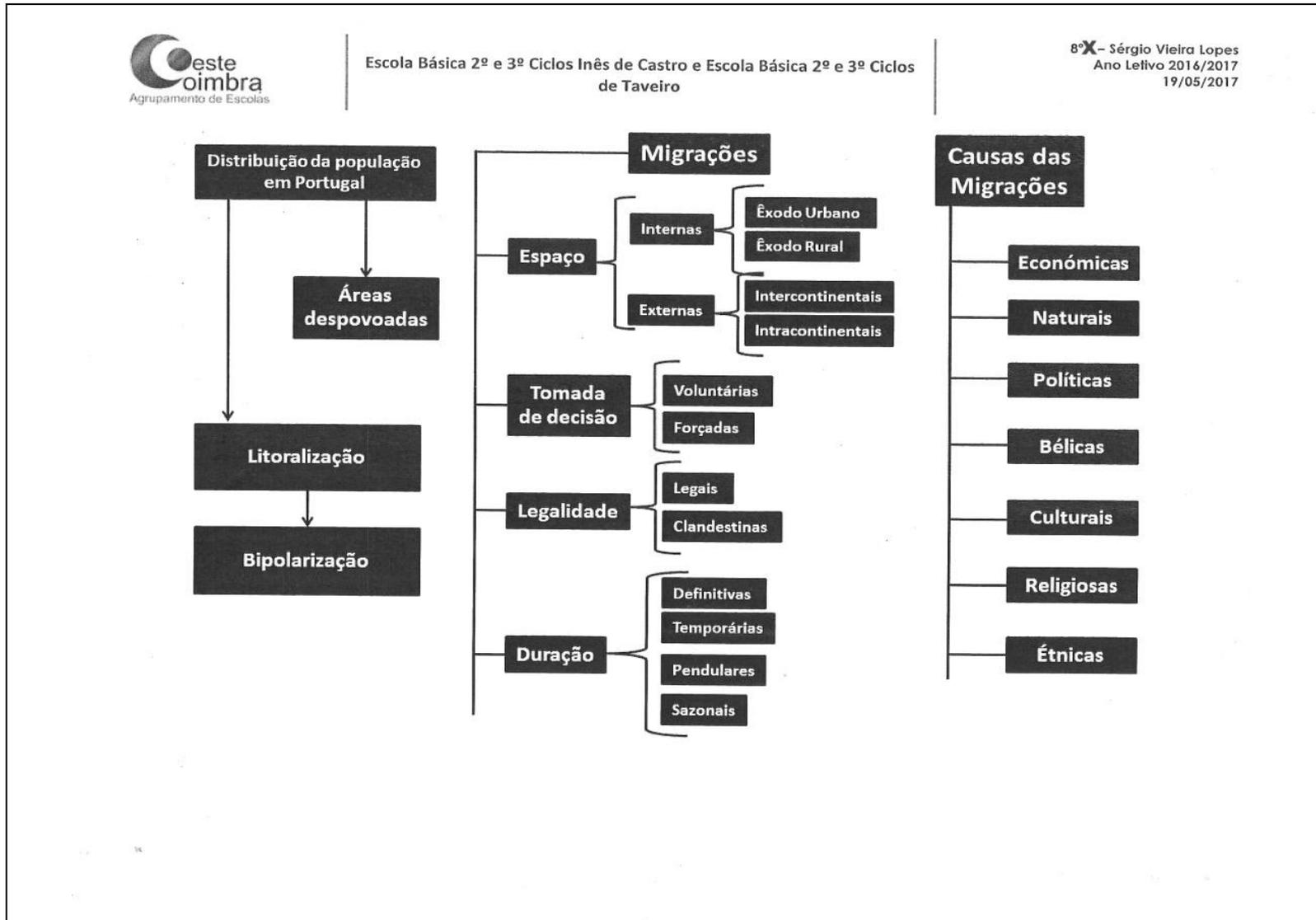
Lobato, C., & Oliveira, S., (2014). *@Ideia.Global8*. Maia. Areal Editores.

Lobato, C., & Oliveira, S., (2014). *R@io-X 10º*. Porto. Areal Editores.



- Lobo, J. (2014). *Geo Descobertas, Geografia 8º Ano*. Lisboa. Edições ASA II, S.A.
- Ribeiro, I., Carrapa E., Azevedo, D. & Pinho, S. (2015). *Geo Sítios*. Porto: Areal Editores, S.A.
- Rodrigues, A. (2014). *Mapa-Mundo 8º Ano Geografia*. Alcochete. Texto Editores, S.A.
- Rodrigues, A. (2014). *Caderno de actividades – Mapa-Mundo*. Alcochete. Texto Editores Lda.
- <http://www.pordata.pt/Portugal/Densidade+populacional+segundo+os+Censos-412>
- <http://countrymeters.info/pt/Portugal>
- <https://www.google.pt/search?q=aldeia&espv>
- <https://www.google.pt/search?q=coimbra&espv>
- http://www.imprensafalsa.com/wp-content/uploads/2016/06/emigrante-jpg_170204.jpg
- <http://www.comoescreve.com/2013/11/emigrante-e-imigrante.html>
- <http://questioneasfontes.blogspot.pt/2016/09/9-e-b-ditadura-militar-no-brasil-1964.html>
- <http://apps-paraquetequero.blogs.sapo.pt/apps-que-fazem-falta-4-app-do-19522>
- <http://www.grupoescolar.com/a/b/4CCD7.jpg>
- <http://www.vpgr.azores.gov.pt/informacaotec/Passaportes.html>
- <http://aviagemnuncatermina.com/2016/12/dicas-dirigindo-em-portugal/>
- <https://extremadura21.wordpress.com/2016/10/>
- <http://lebuzz.eurosport.co.uk/wp-content/uploads/sites/11/2015/09/Lisbon-New-York.jpg>
- <http://luardejaneiro.blogs.sapo.pt/2008/04/>





Anexo 4 – Fichas para preencher durante a aula

1ª aula assistida – 17/02/2017

Ficha 1

1. Observe os gráficos que representam as taxas brutas de natalidade e de mortalidade nos países desenvolvidos (PD) e nos países em desenvolvimento (PED) em 2000 e a previsão para o ano 2050.

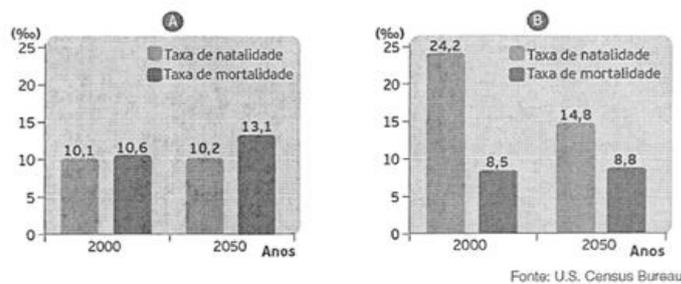


Gráfico 1 – Taxas brutas de natalidade e mortalidade nos PD e nos PED em 2000 e 2050 (previsão)

1.1. O gráfico...

- a) ... A representa os países com maior taxa de natalidade.
- b) ... B representa os países com maior taxa de natalidade.
- c) ... B representa os países com taxas de natalidade inferiores às taxas de mortalidade.
- d) ... A representa os PED e o gráfico B os PD.

1.2. Os gráficos relativos aos anos de 2000 e a 2050 evidenciam...

- a) ... o aumento da natalidade nos dois grupos de países.
- b) ... o aumento da mortalidade nos dois gráficos, representando o gráfico A os PED e o gráfico B, os PD.
- c) ... o aumento da natalidade no gráfico A e sua diminuição no gráfico B.
- d) ... sua diminuição da mortalidade no gráfico A.

1.3. Nos gráfico B podemos incluir países como...

- a) ... Angola, Itália e Brasil.
- b) ... Argentina, Alemanha e França.
- c) ... Egito, México e Moçambique.
- d) ... Brasil, Argélia e Japão.

1.4. O gráfico B representa um grupo de países onde, na generalidade...

- a) ... há renovação de gerações: o índice sintético de fecundidade é superior a 2,1.
- b) ... há renovação de gerações: o índice sintético de fecundidade é superior a 1,1.
- c) ... não há renovação de gerações: o índice sintético de fecundidade é inferior a 2,1.
- d) ... não há renovação de gerações: o índice sintético de fecundidade é superior a 2,1.

1.5. Taxa de mortalidade infantil é...

- a) ... o número de óbitos de crianças com menos de um ano de idade, por 1000 nados-vivos, ocorridos num ano, num dado lugar.
- b) ... O número total de óbitos por 1000 habitantes, ocorridos num ano, num dado lugar.
- c) ... o número de óbitos de crianças com menos de um ano de idade, por 1000 óbitos, ocorridos num ano, num dado lugar.
- d) ... o número de óbitos de crianças com menos de um ano de idade, ocorridos num ano, num dado lugar.

2. Escolha o país a que se adapta a cada uma das situações.

País A – Angola.

País B – Itália.

- a) A taxa bruta de natalidade é mais elevada no país _____
- b) A esperança média de vida é mais elevada no país _____
- c) A taxa de bruta de mortalidade infantil é menor no país _____
- d) A percentagem de população idosa é mais elevada no país _____
- e) A taxa de fecundidade é maior no país _____
- f) O índice de renovação de gerações não se verifica no país _____

3. Observe o gráfico 2

Compare a os valores da taxa de mortalidade na população com idade inferior a 4 anos em África e na Europa.

Justifique os contrastes que indicou nas questão anterior

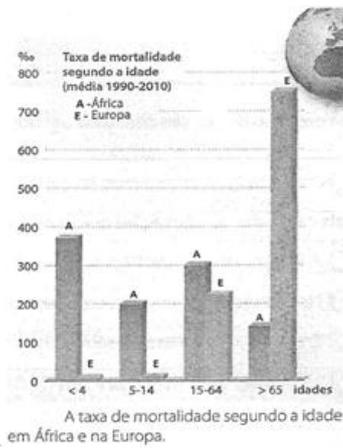


Gráfico 2

Refira em que grupo de idades se registam as maiores taxas da Europa.

4. Observe o gráfico 3.

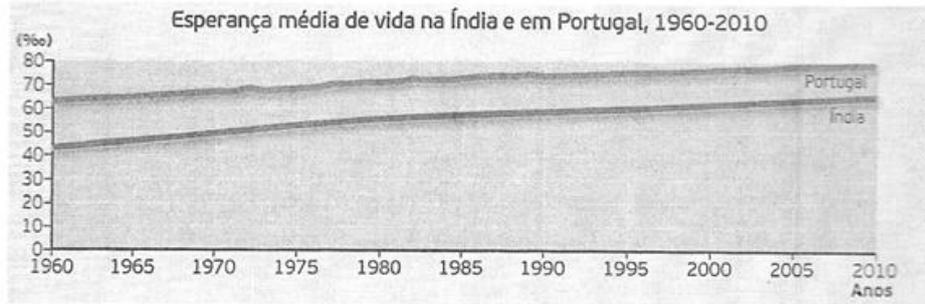


Gráfico 3

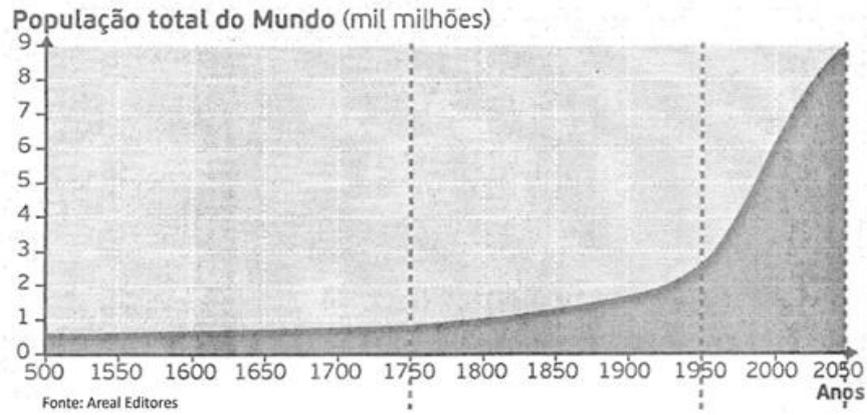
4.1 Complete o texto que se segue:

A esperança média de vida no Mundo tem vindo a _____. Apesar disso, tal facto ocorre a diferentes ritmos. Países como a Índia que, quanto ao seu grau de desenvolvimento, são países _____, apresentam uma esperança média de vida _____. Por outro lado, países como Portugal que, quanto ao seu grau de desenvolvimento é um país _____, apresenta uma esperança média de vida _____.

No caso da Índia, podemos apontar como fatores explicativos dessa situação, por exemplo _____, _____ e _____. Enquanto que para Portugal, o comportamento da esperança média de vida justifica-se por factores como _____, _____ e _____.

Ficha 2

Evolução da População Mundial

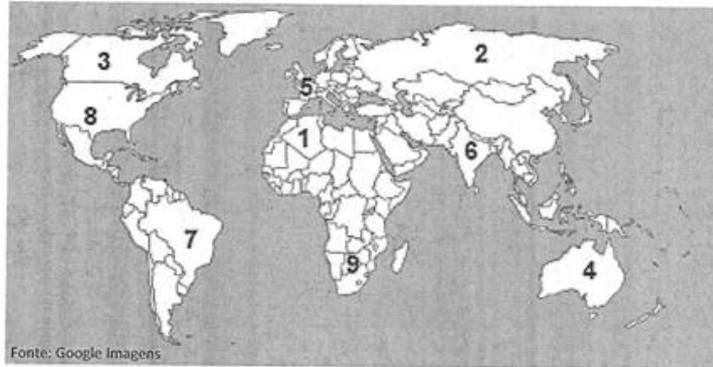


1. Preencha a tabela 1 com a informação da evolução da população mundial.

Tabela 1

Fases	Nome	Cronologia	Evolução da População	TN	TM	TCN
1º						
2º						
3º						

2. Identifique no mapa 1, os Países Desenvolvidos (PD) e os Países Em Desenvolvimento (PED).



Mapa 1 Continentes e oceanos da Terra.

- 1 _____; 2 _____;
- 3 _____; 4 _____;
- 5 _____; 6 _____;
- 7 _____; 8 _____;
- 9 _____;

3. Preencha a tabela 2 com os continentes a que pertencem os Países Desenvolvidos e os Países Em Desenvolvimento.

Tabela 2

	Continentes
Países Desenvolvidos	
Países em Desenvolvimento	

4. Complete a tabela 3.

Tabela 3

Comportamento dos indicadores demográficos			
Indicadores	Comportamento atual		Fatores explicativos
Natalidade	PD		
Natalidade	PED		
Mortalidade	PD		
Mortalidade	PED		
Crescimento natural	PD		
	PED		

2ª aula assistida - 19/05/2017

Ficha de trabalho

Grupo I

1. Observe o documento 1.

A comunidade turca na Alemanha

Atualmente, a comunidade turca conta com aproximadamente 1 607 100 indivíduos na Alemanha. É, de facto, a maior comunidade estrangeira residente no país.

Muitos turcos, sobretudo jovens adultos, foram para a Alemanha há mais de duas décadas, motivados pelas melhores condições económicas, habitacionais e educacionais.

Grande parte destes imigrantes permaneceram na Alemanha, tendo aí constituído família e estabelecido residência definitiva.



Fonte: Lobo, J. (2014). *Geo Descobertas, Geografia 8º Ano*. Edições ASA II, S.A.. Lisboa.

1.1 Complete os espaços.

1.1.1 – Complete a frase:

Na Alemanha, os migrantes turcos são _____,
enquanto que na Turquia eles são _____.

1.2.2 – Classifique, quanto ao espaço, o tipo de migração retratada.

_____.

1.2.3 – Justifique a sua resposta. _____

_____.

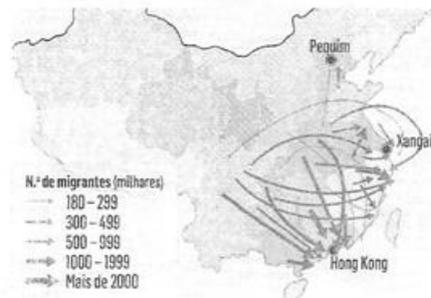
1.2.4 – Classifique, este fluxo de migração turca quanto ao tempo. _____.

2 – Observe o documento 2.

Documento 2

O segredo do sucesso

Na China, o sucesso económico das últimas décadas é indissociável do contributo de vários milhões de trabalhadores, saídos do mundo rural, em busca de melhor vida nas cidades. Este fluxo migratório gera uma crescente disparidade entre o litoral e o interior da China.



Fonte: Adaptado de *Migrações Internas e Desenvolvimento*, ONU, 2011.

Fonte: Rodrigues, A. (2014). *Mapa-Mundo 8º Ano Geografia*. Texto Editores Lda. Lisboa.

2.1 – Classifique o movimento migratório do documento segundo o Espaço.

Anexo 5 – Grelha de avaliação dos Trabalhos Práticos para a exposição

Grelha de avaliação de trabalhos práticos											
Apresentação em cartolina											
Ano 8º Turma X Data 21/04/2017 Ano letivo 2016/2017											
Tema: Os Refugiados											
		Desenvolvimento							Cumprimento do Prazo		
		Competências									
Apresentação		Estrutura do trabalho		Identificação dos mapas com todos os elementos	Utilização necessária das imagens	Localização das áreas/trajetos em questão	Pesquisa efetuada	Desenvolvimento do texto	Cumprimento do Prazo		
Percentagens		20	5	5	15	20	20	5	10		Nota Final
Alunos / grupo											
Grupo 1		20	5	5	15	20	20	5	10		100
Grupo 2		17	4	4	12	20	17	2	10		86
Grupo 3		20	5	0	14	20	19	4	10		92
Grupo 4		20	5	2,5	15	18	19	3	10		92,5
Grupo 5		20	5	0	14	20	20	4	10		93
Grupo 6		0	0	0	0	0	0	0	0		0

8º Ano

MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS DO SÉCULO XVI AO INÍCIO DO SÉCULO XX

Expansão Europeia: séculos XV e XVI

A partir dos séculos XV e XVI países europeus partem na procura de novas terras

2016/17

Jérgio Trêta Lopes

8º Ano

MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS DO SÉCULO XVI AO INÍCIO DO SÉCULO XX

Expansão Europeia: séculos XVIII e XIX
(Tráfico de escravos)

O tráfico de escravos fez-se sentir mais durante os séculos XVIII e XIX (principalmente para as Américas)

2016/17

Jérgio Trêta Lopes

8º Ano

MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS DO SÉCULO XVI AO INÍCIO DO SÉCULO XX

Expansão Europeia:
Século XIX e início do século XX

Século XIX e início do século XX êxodo de europeus (migrações transoceânicas)

2016/17

Júrgio Vieira Lopes

8º Ano

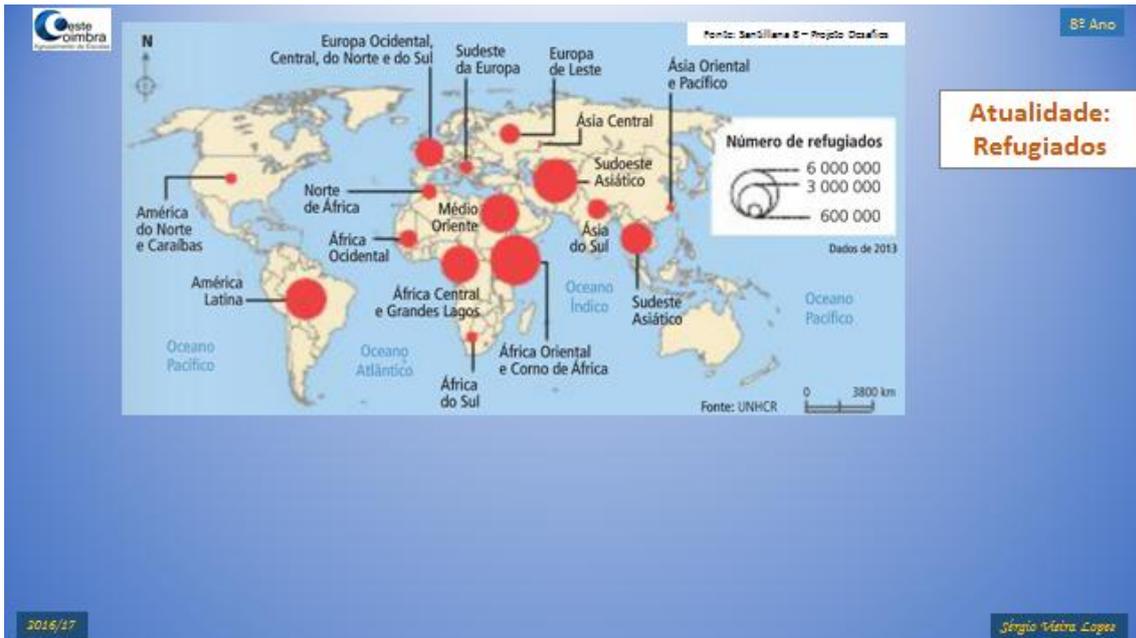
Movimentos migratórios da atualidade

Atualidade

Por norma são movimentos feitos de países com baixo nível de desenvolvimento para países muito desenvolvidos.

2016/17

Júrgio Vieira Lopes



Anexo 7 – Abordagem do tema das migrações no 8º ano

No segundo e terceiro período abordou-se o domínio “População e Povoamento”. No terceiro período abordámos os subdomínios Distribuição da população Mundial e Mobilidade da população.

Assim, houve oportunidade de lecionar o subdomínio da mobilidade da população que teve como principais objetivos compreender as causas e as consequências das migrações; compreender os grandes ciclos migratórios internacionais e compreender, no tempo e no espaço as migrações em Portugal.

Depois de já ter dado aulas com o subdomínio “Distribuição da população mundial” sobre os “Vazios Humanos” e “Focos Populacionais”, o que já pressupõe movimentos migratórios, entrei na densidade populacional em Portugal. As migrações internas, nomeadamente o êxodo urbano e respetiva litoralização. A análise de mapas em censos de anos diferentes, 1960 e 2011 foram comentadas pelos alunos e retiradas as respetivas conclusões.

Curiosamente na aula assistida pela Professora Doutora Adélia Nobre Nunes, foi onde, no 8º ano, abordei verdadeiramente as migrações.

Nesta aula conclui-se a aula anterior, onde os alunos interpretaram os mapas da densidade populacional em Portugal e respetivos fatores responsáveis pela assimetria da distribuição da população. Terminei este conteúdo com a passagem de um pequeno documentário “Distribuição da População em Portugal”.

Como já foi referido, para entrar no conteúdo das migrações passou-se o videoclipe de Manuel Freire “Ei-los que partem”. Enquanto ouviam a música foi distribuída a letra da mesma para que os alunos a pudessem interpretar melhor.

De referir, que durante as aulas distribuí pequenas fichas com frases incompletas para que os alunos, à medida que a aula decorria, as fossem preenchendo obrigando-os a estar mais atentos.

	Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste 2016/2017 8º X
Ei-los Que Partem¹	
Letra e música: Manuel Freire	
¹ Fonte: http://folhadepoesia.blogspot.pt/2015/08/ei-los-que-partem.html	
<p>Ei-los que partem novos e velhos buscando a sorte noutras paragens</p> <p>5 noutras aragens entre outros povos ei-los que partem velhos e novos</p> <p>Ei-los que partem</p> <p>10 de olhos molhados coração triste e a saca às costas</p>	<p>esperança em riste sonhos dourados</p> <p>15 ei-los que partem de olhos molhados</p> <p>Virão um dia ricos ou não contando histórias</p> <p>20 de lá de longe onde o suor se fez em pão virão um dia ou não</p>

Figura 43. Letra da música “Ei-los que partem”

Fonte: Própria (2017)

As perguntas acerca da letra do poema foram feitas de maneira a verificar se os alunos tinham ficado com a noção a quem se refere o autor, a área em que os migrantes se vão deslocar (estrangeiro ou migração interna), o seu estado de espírito, a certeza, ou falta dela, em relação à “sorte” que os espera. Da sua situação financeira à data do regresso e se este é um uma certeza de que o regresso vai acontecer, entre outras deduções que se possam tirar a partir do poema.

A aula iniciou-se pedindo aos alunos que dessem a definição de “Migração” por palavras deles, o que foi conseguido, passando de seguida aos conceitos de “migração”, “emigração” e “imigração”. Foram mostrados em *PowerPoint* os vários tipos de migrações e, posteriormente minuciosamente explicados caso a caso e devidamente ilustrados (o que também é recorrente nas aulas de geografia do 8º ano, para que, dessa maneira possa suscitar mais a curiosidade pela matéria), de acordo com os descritores – “distinguir migração de emigração e de imigração” e “caracterizar diferentes tipos de migrações: permanente, temporária e sazonal; externa e interna; Intracontinental e intercontinental; clandestina e legal; êxodo rural e deriva urbana”.

Os conteúdos apresentados, sempre que é possível, são exemplificados com casos concretos: relativamente ao estagiário, aos alunos ou até a todo o núcleo de estágio. Nesta aula tive a colaboração de um aluno estrangeiro que, logo que se falou em imigrantes levantou o braço para chamar a atenção do estagiário, pois também ele quis dar o seu contributo, como um caso concreto do conteúdo em questão.

Os conteúdos não lecionados nesta aula (causas das migrações) estavam preparados para serem dados na aula seguinte assim como as suas várias consequências, na área de partida e na de chegada, de acordo com os descritores: “explicar as principais causas das migrações” e “explicar as principais consequências das migrações nas áreas de partida e nas áreas de chegada”.

Pelo facto de no decorrer do mês de maio ter havido uma “tolerância de ponto” e uma greve, ambos no dia da aula da turma afeta, fez com que tivesse perdido três horas de aula, o que impediu que os conteúdos fossem dados ao ritmo que tinha na planificação a médio prazo.

Anexo 8 – Abordagem do tema das migrações no 10º ano

Assim, dentro deste conteúdo, lecionei duas aulas (90 minutos cada). Na primeira, comecei por fazer uma retrospectiva das migrações e tipos de migrações. Esta matéria já a tinham dada no 6º e no 8º ano, ainda que de uma forma mais superficial.

Após esta breve introdução, abordou-se o motivo que atraiu um número tão elevado de portugueses para o Brasil em finais do século XIX, e a razão que provocou a redução drástica do fluxo, que os alunos facilmente identificaram após ter projetado um gráfico com a evolução das migrações e respetiva cronologia onde a redução entre 1915 e 1920 era evidente.

Foi também abordado o desenvolvimento que o Brasil teve com a chegada de portugueses e italianos ao país. Para melhor exemplificar, foram dados exemplos do desenvolvimento no nordeste brasileiro, ilustrados com imagens de Manaus.

Após ser feita a análise à situação que se vivia nos EUA, deu-se continuidade à aula com a retoma da emigração dos portugueses, desta vez não só para o Brasil mas também para os EUA, sendo de seguida expostas as crises que praticamente puseram fim à emigração para estes destinos. A crise dos anos 30, explicada pelo estagiário e a II Guerra Mundial, identificada pelos alunos após a apreciação ao gráfico referido.

A aula seguinte foi dedicada às migrações portuguesas da segunda metade do século XX.

Os fluxos foram repartidos por duas fases, a primeira, abrangendo o período de 1960 a 1975, a segunda, de 1980 até ao final do século XX.

Na passagem da primeira para a segunda fase, foi visionado um documentário *“Ei-los que partem” – a história da emigração portuguesa, 4º episódio. A sangria da pátria*⁷⁰, documentário realizado por Fernanda Bizarro.

Este conteúdo teve início com a descrição do primeiro fluxo migratório (1960/75), as causas e as consequências em Portugal, e nos países de destino. Curiosamente, durante a referência às

⁷⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=p7xwW19BlTQ>

causas, houve um aluno que demonstrou alguma discordância quando a situação política vivida em Portugal nesse período foi referida como uma das causas apresentadas.

Perante a análise de um gráfico, os alunos foram questionados acerca do principal país de destino, a França. A maioria atribuiu-a à “proximidade linguística”, havendo um que referiu a instabilidade entre os países do Magrebe e a França, tendo havido vários a relacionar os destinos deste período com a reconstrução europeia.

À imagem da abordagem do primeiro fluxo, também no caso do segundo foram abordadas as causas e as consequências, debatidas as justificações, comentada a inversão da situação do saldo migratório e as diferenças quanto ao espaço e ao tempo.

No decorrer da aula, foram abordadas as várias causas do regresso a Portugal de muitos emigrantes, não apenas a crise de 1973 ou o regresso dos portugueses das ex-colónias africanas.

Na década 80 muitos imigrantes de países pertencente à CPLP⁷¹, entraram em Portugal (que atravessava um período de maior estabilidade), indivíduos que, de um modo geral, tinham poucas qualificações (mão de obra não qualificada), situação que na década seguinte se iria alterar. Foi também nesta década que se deu adesão à CEE.⁷²

Foi debatida a continuação da imigração durante a década de 90, mas que tinha algumas diferenças relativamente ao fluxo registado nos anos 80. Desta feita estávamos perante imigrantes provenientes de locais de partida diferentes, apesar da imigração dos países pertencente à CPLP não terminado totalmente, os imigrantes passaram a ser maioritariamente oriundos dos países pertencentes ao extinto Tratado de Varsóvia. Não foi apenas o local de partida que se alterou, grande parte destes imigrantes eram mão de obra qualificada.

Através da análise de um gráfico que retratava os movimentos migratórios entre 1980 até ao final do século, concluímos que a partir de, sensivelmente, 1995 teve início, novamente, um movimento migratório diferente, a emigração. Com o recurso a exemplos concretos de familiares, amigos ou conhecidos que tivessem saído durante este período, estabeleceu-se

⁷¹ Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

⁷² Comunidade Económica Europeia

uma comparação com os emigrantes das décadas de 60 e 70 em relação à sua qualificação. Também os destinos e a duração das migrações foram confrontadas com as anteriores e identificadas as razões das diferenças detetadas.

Anexo 9 – Programa da visita de estudo a Leiria

Castelo de Leiria

Castelo medieval, artística e arquitetonicamente representativo das diversas fases de construção e reconstrução desde a sua fundação até ao século XX.

Estruturas que compõem o conjunto arquitetónico: Palácio Real quatrocentista, Torre de Menagem, Igreja de Stª Maria da Pena, espaço da antiga Colegiada, celeiros medievais e muralhas exteriores.

Conquistado aos mouros por D. Afonso Henriques, em 1135, o Castelo viria a ser reconquistado pelos muçulmanos, cinco anos depois, voltando para a mão dos cristãos, novamente, em 1142. Mas as lutas pela sua posse estavam longe de terminar tendo sofrido novo ataque islâmico. Devido a tantas lutas, D. Sancho I resolve reedificá-lo, corria o ano de 1190.

Em 1325 D. Dinis manda edificar a Torre de Menagem, que após algumas reformulações é agora um núcleo museológico.

Pensa-se que a Igreja de Nossa Senhora da Pena e os Paços Episcopais tenham também sido construídos por ordem de D. Dinis. Este terá sido o rei que mais tempo passou em Leiria, juntamente com a sua esposa, a Rainha Santa Isabel. Graças a estes reis nasceram muitas das histórias e das lendas que envolvem Leiria.

A partir da Alcáçova, uma das salas mais bonitas do Castelo de Leiria podemos observar a magnífica vista sobre a cidade de Leiria.



Esta visita de estudo programada para as turmas do 8ºAno do AECO, tem como objetivos:

- Aumentar a diversidade de atividades no âmbito da cidadania;
- Desenvolver a sensibilidade estética, a criatividade e o espírito crítico;
- Proporcionar o acesso a espaços e experiências culturais diversificadas;
- Promover a articulação entre o PNC, os planos curriculares (Educação Visual, História, Físico-Química e Geografia) e as atividades externas à escola de acordo com as especificidades do meio.

Para ser um dia muito proveitoso, contamos com a colaboração e civismo de todos.

Não devem esquecer-se de seguir sempre as orientações dos professores e monitores.

Contacto em caso de necessidade - 917148339

Horário	8ºA/B/C	8ºD/E/F	
10 H	CASTELO (60)	Moinho (30)	Museu Leiria (30)
11 H	MIMO (30+30)	Museu Leiria (30)	Moinho (30)
Almoço			
14 H	Moinho (30)	Museu Leiria (30)	CASTELO (60)
15 H	Museu Leiria (30)	Moinho (30)	MIMO (30+30)



VISITA DE ESTUDO

“Mais de 100”



27 março 2017



Museu da Imagem em Movimento

A ideia do museu surgiu em 1995 durante a preparação de uma exposição comemorativa dos 100 Anos do Cinema em Portugal, no entanto, a exposição permanente "O Fascínio do Olhar" só abriu definitivamente ao público no dia 18 de Maio de 2003, no edifício do Teatro José Lúcio da Silva, tendo-se transferido, em 2005, para o Mercado de Sant'Ana.

Em 2009 o m|i|mo instalou-se definitivamente no atual requalificado conjunto edificado dos Antigos Celeiros da Mitra, na cerca medieval do Castelo de Leiria.

A missão do m|i|mo, reside em primeiro lugar na recolha, salvaguarda, conservação e inventariação de objetos e técnicas relacionadas com as imagens em movimento.

A coleção do m|i|mo encontra-se dividida em três áreas: pré-cinema, fotografia e cinema.



Museu de Leiria

O Museu de Leiria é uma janela aberta sobre a memória de um território longamente habitado.

Em 2006 iniciou-se o processo que devolve à vivência da Cidade o Convento de St.º Agostinho, monumento construído a partir de 1577 (a igreja) e 1579 (o complexo conventual), e agora habitado pelo novo Museu de Leiria.

O Museu de Leiria enquadra para além do acervo do antigo Museu Regional de Obras de Arte, Arqueologia e Numismática de Leiria, as coleções artísticas municipais e a reserva arqueológica.

Moinho do Papel

Na margem esquerda do rio Lis situa-se o primeiro moinho de papel de Portugal, datado de 1411. Este testemunha e preserva a memória das artes e ofícios tradicionais ligados ao papel e ao cereal. A existência de um moinho de papel na cidade terá influenciado o fato de Leiria ter sido uma das primeiras cidades portuguesas a ter uma tipografia, da qual saíria em 1496 um dos primeiros livros impressos do país.



Seis séculos depois, o espaço sofreu obras de requalificação (projeto do arquiteto Siza Vieira), e em 2009 foi inaugurado um espaço museológico dedicado às atividades de produção de papel, farinha e azeite.

Anexo 10 – Descrição da visita de estudo a Leiria

A cidade de Leiria – Localização

Esta cidade, situada na Região Centro, e sub-região do Pinhal Litoral, é capital de distrito e sede de concelho com o mesmo nome. O concelho é limitado a Nor-nordeste pelo concelho de Pombal, a Leste pelo de Ourém, a Sul pelos municípios da Batalha e Porto de Mós, a Sudoeste pelo de Alcobaça e a Oeste pelo da Marinha Grande. O Oceano Atlântico é o seu limite a Noroeste.

Evolução demográfica

Leiria é um concelho cuja população tem vindo a aumentar de um modo muito significativo, no entanto esse aumento não se faz sentir nos grupos etários dos 0 aos 14 anos e dos 15 aos 24. Nestes grupos o número da população tem vindo a diminuir, sendo o aumento da população registado nas classes de 25 a 64 anos e iguais ou superiores a 65, o que nos leva a concluir que o concelho de Leiria está a ficar com uma população envelhecida (INE)⁷³.

As cheias do rio Lis, que por norma não afetam a cidade, mas inundam terrenos agrícolas, tornam essas terras ricas e férteis pelos nutrientes aí depositado pelas águas transbordantes. (Carvalho, 2009, p. 19, p. 102). Essa fertilidade aliada à sua navegabilidade até ao Atlântico, Praia da Vieira, deram um grande impulso ao desenvolvimento da então vila. Também a sua situação geográfica deu um grande contributo à sua importância estratégica. Na altura em que lhe é concedido o primeiro foral, D. Afonso Henriques tinha necessidade de defender os ataques vindos do Sul, ou seja, dos muçulmanos. Para o efeito construiu o castelo de Leiria – não como o conhecemos hoje – no alto de uma elevação rochosa, um pouco a jusante da confluência do rio Lis com o rio Lena.

⁷³ Disponível em :http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros (acedido em 29/03/2017)

O aproveitamento do rio Lis

Moinho do Papel



Figura 44 Moinho do Papel (pormenor do exterior e interior).

Fonte: Própria (2017)

Na margem esquerda do rio situa-se o primeiro moinho de papel em Portugal, datado de 1411, que até essa data funcionava como os demais moinhos de cereais. Atualmente, moinho, após obras de requalificação, é um espaço museológico.

No Museu de Leiria, obra de requalificação do Convento de Santo Agostinho, podemos desfrutar de uma viagem no tempo. A exposição e a descrição dos achados arqueológicos transportam-nos a cerca de 152 000 000 B.P.⁷⁴. Segundo o registo existente no museu, grande parte dos achados arqueológicos foram encontrados numa mina de carvão, a mina da Guimarota.

⁷⁴ *Before Present*

Museu da imagem em movimento – m|j|mo

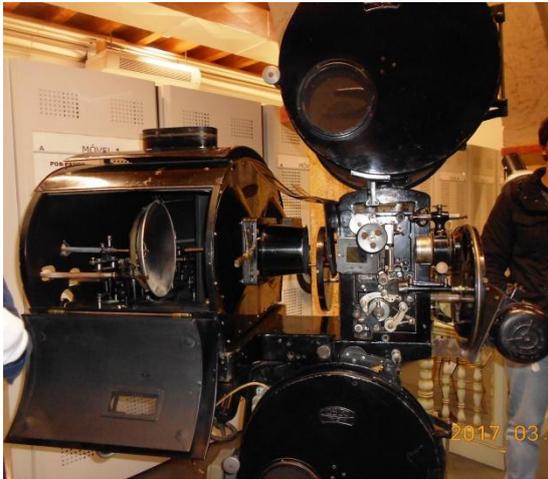


Figura 45 Pormenor do interior e do Museu da Imagem em movimento.

Fonte: Própria (2017)

primeiras décadas do século XIII. Até à atualidade, a igreja de S. Pedro conheceu várias funcionalidades: Catedral da cidade de Leiria até ao século XVI, tendo, no século XIX, sido utilizado como teatro, celeiro e até prisão. No início do século XX passou a ser considerado Monumento Nacional.



Figura 46 Convento de Stº Agostinho (atual Museu de Leiria). Pormenor do interior.

Fonte: Própria (2017)

Anexo 11 - Descrição da visita de estudo a Santarém

Santarém – 11^o ano

A visita de estudo, no âmbito das disciplinas de História e de Geografia, do 11^o ano da Escola Secundária D. Duarte, na qual participámos, à cidade de Santarém poderia ter sido mais proveitosa caso a precipitação que se fez sentir não fosse tão intensa.

No entanto, ainda pudemos aproveitar a paragem na Batalha onde visitámos o Mosteiro de Santa Maria da Vitória (mais conhecido por Mosteiro da Batalha), assim como a passagem noutros locais para, entre nós, núcleo de estágio, fazermos algumas considerações de âmbito geográfico.

A visita coincidiu com a data em que, no 10^o ano, a matéria em estudo era acerca dos minerais e rochas ornamentais. Curiosamente, ao falar das construções em calcário tinha dado vários exemplos de construções com essa rocha, entre os quais o mosteiro onde nos encontrávamos, aludindo também à utilização dos recursos endógenos. O Maciço Calcário Estremenho foi por isso tema para alguma troca de comentários acerca de algumas formações que lhe estão diretamente ligadas.

Houve também algumas considerações relativas à serra dos Candeeiros e serra de Aire, ao polje de Minde (parcialmente visível da A1), às formações cársicas e aquíferos subterrâneos, entre outras formações inerentes ao Maciço Calcário e suas características.

O percurso que fizemos da Batalha até Santarém, proporcionou-nos a passagem por várias pedreiras de calcário. Mais uma vez lamentámos o facto da turma do 10^o ano não estar inserida na viagem de estudo.

Chegados à cidade de Santarém não tivemos oportunidade de fazer as visitas aos monumentos históricos que estavam programadas devido à intensa pluviosidade, tal como já foi referido, tendo algumas visitas sido feitas pelas ruas da cidade, mas de autocarro.

A presença dos Romanos e Muçulmanos na cidade pode ver-se refletida através da sua estrutura urbana.

Da civilização romana podem ver-se algumas ruas de traçado perpendicular, característica deste império. Dos vestígios muçulmanos ressalta uma morfologia de características muito diferentes, a estrutura orgânica⁷⁵.

A professora que tínhamos à nossa espera em Santarém, de entre vários fatores que contribuíram para o desenvolvimento da cidade, não podia deixar de referir a lezíria e as suas terras férteis. O rio Tejo, como principal responsável pela existência da lezíria, foi também referido como fator de desenvolvimento da cidade.

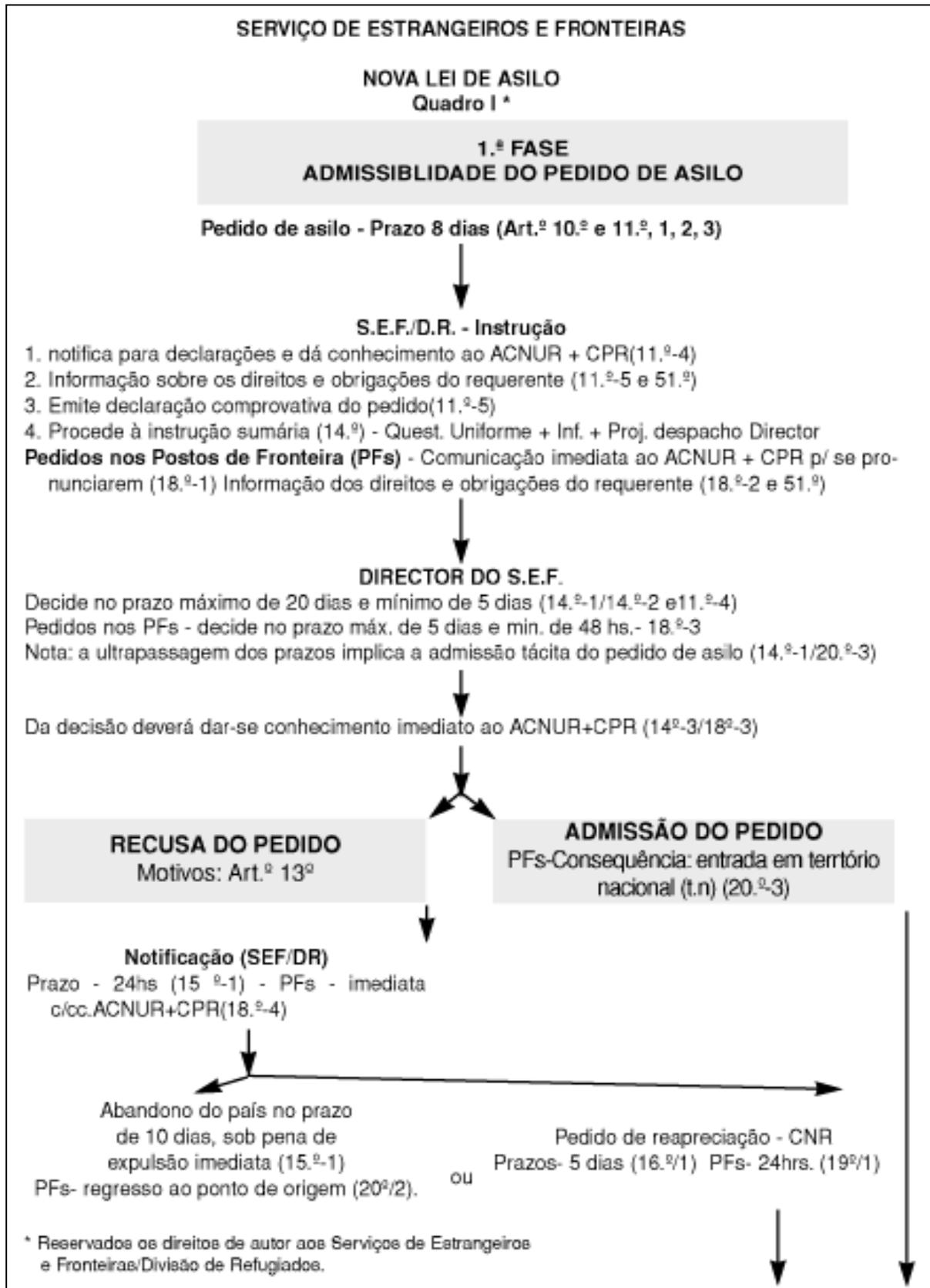
Como sabemos, desde os tempos remotos que o homem procurou fixar-se nas margens dos rios, não só pelas terras férteis que geralmente os ladeiam, como também pela sua navegabilidade, assumindo-se, os rios, como um excelente meio de comunicação.

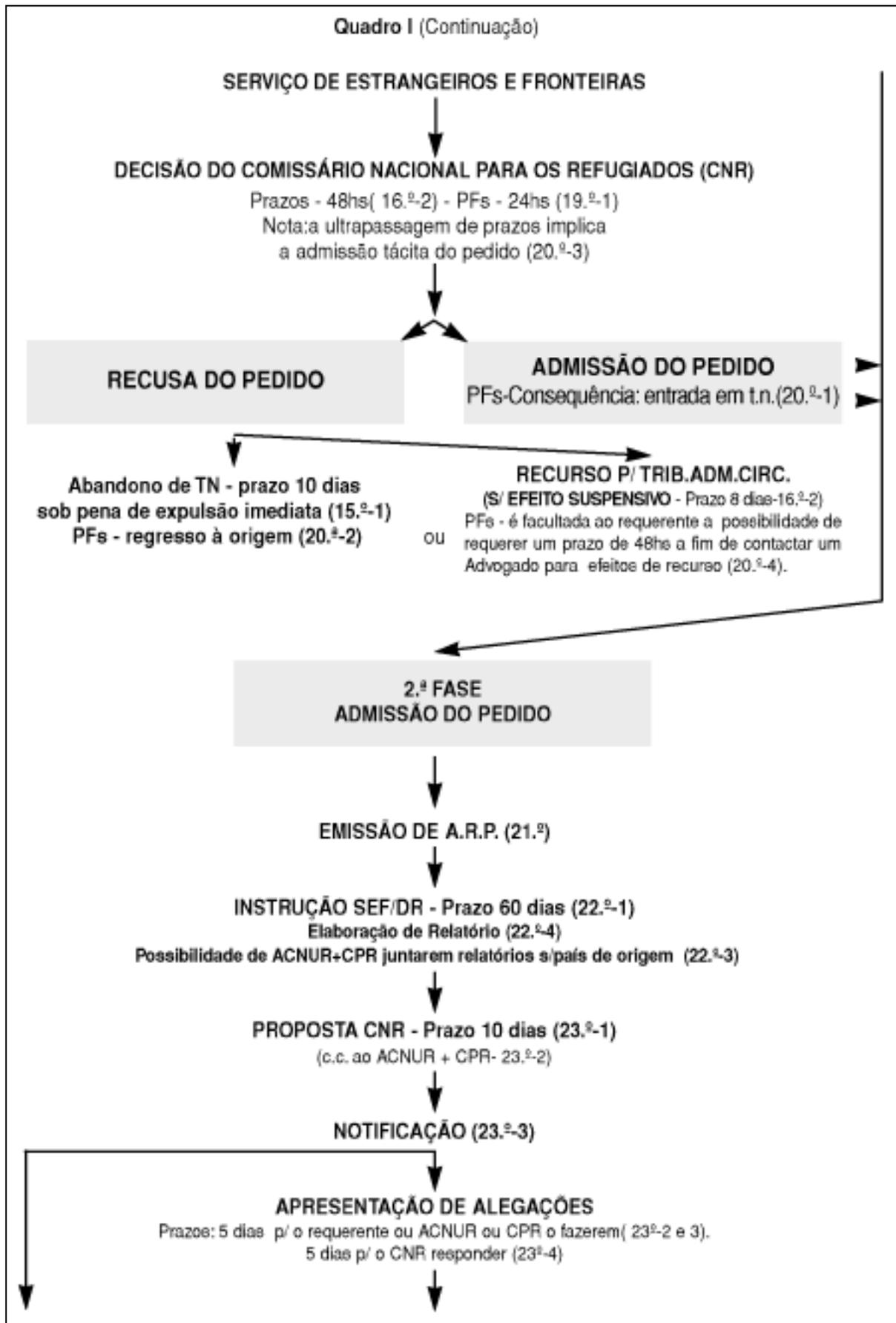
O rio Tejo, dado as suas características, foi de vital importância para a evolução da cidade de Santarém. O seu tamanho e a fácil navegabilidade, deram um grande contributo para o desenvolvimento da cidade que sempre foi vista como um local estratégico importante, desde os tempos em que a Península Ibérica era parte integrante do Império Romano, durante a presença muçulmana até se tornar numa importante cidade portuguesa, principalmente a partir do século XVI, altura em que Lisboa se tornou capital de Portugal, tendo Santarém uma posição privilegiada com a capital, devido ao rio que as liga.

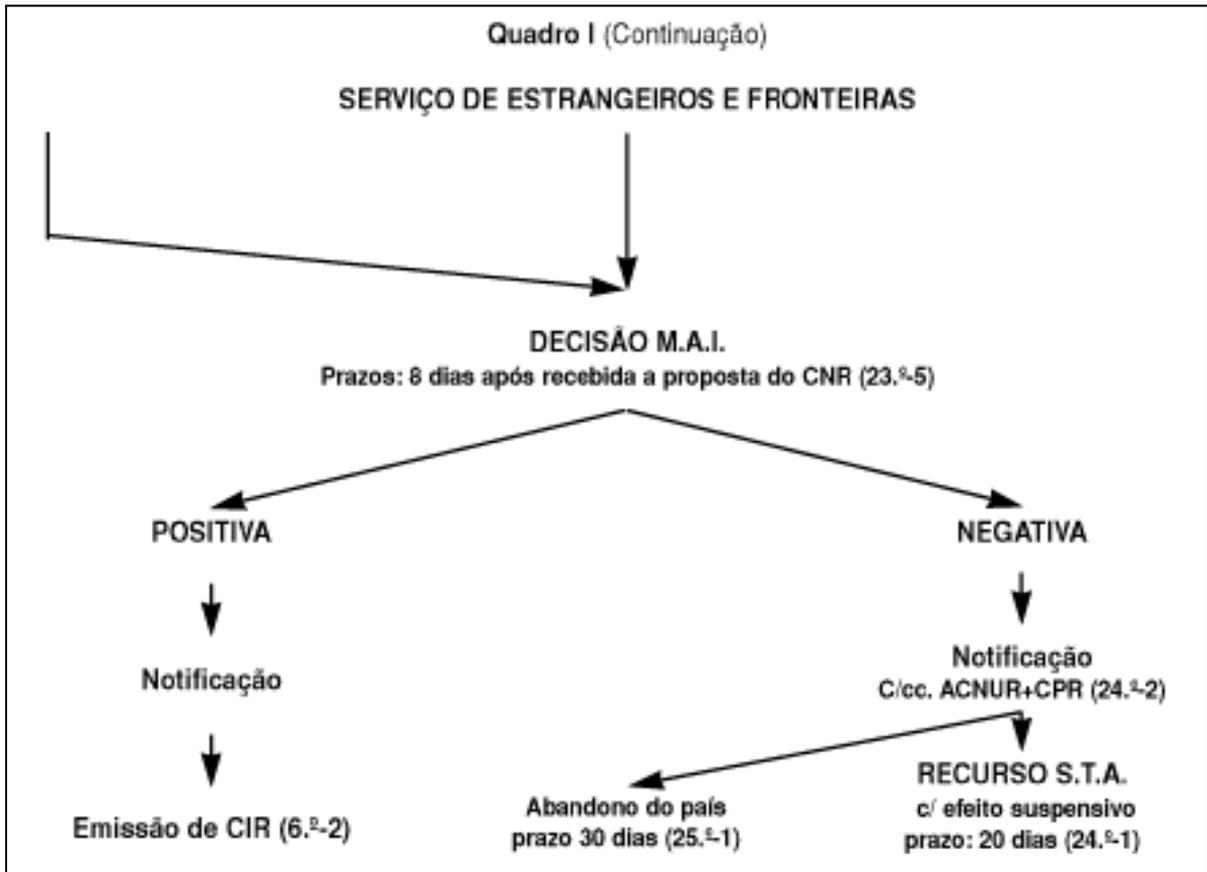
Fez-se então sentir um grande desenvolvimento, não só a nível social como, principalmente, económico. O escoamento de produtos agrícolas e também piscatórios (peixes do rio, sável, lampreia, entre outros) passava pelos portos fluviais existentes até Lisboa, de onde regressavam com os produtos adquiridos na capital. (Morais, 2010, pp. 27-29).

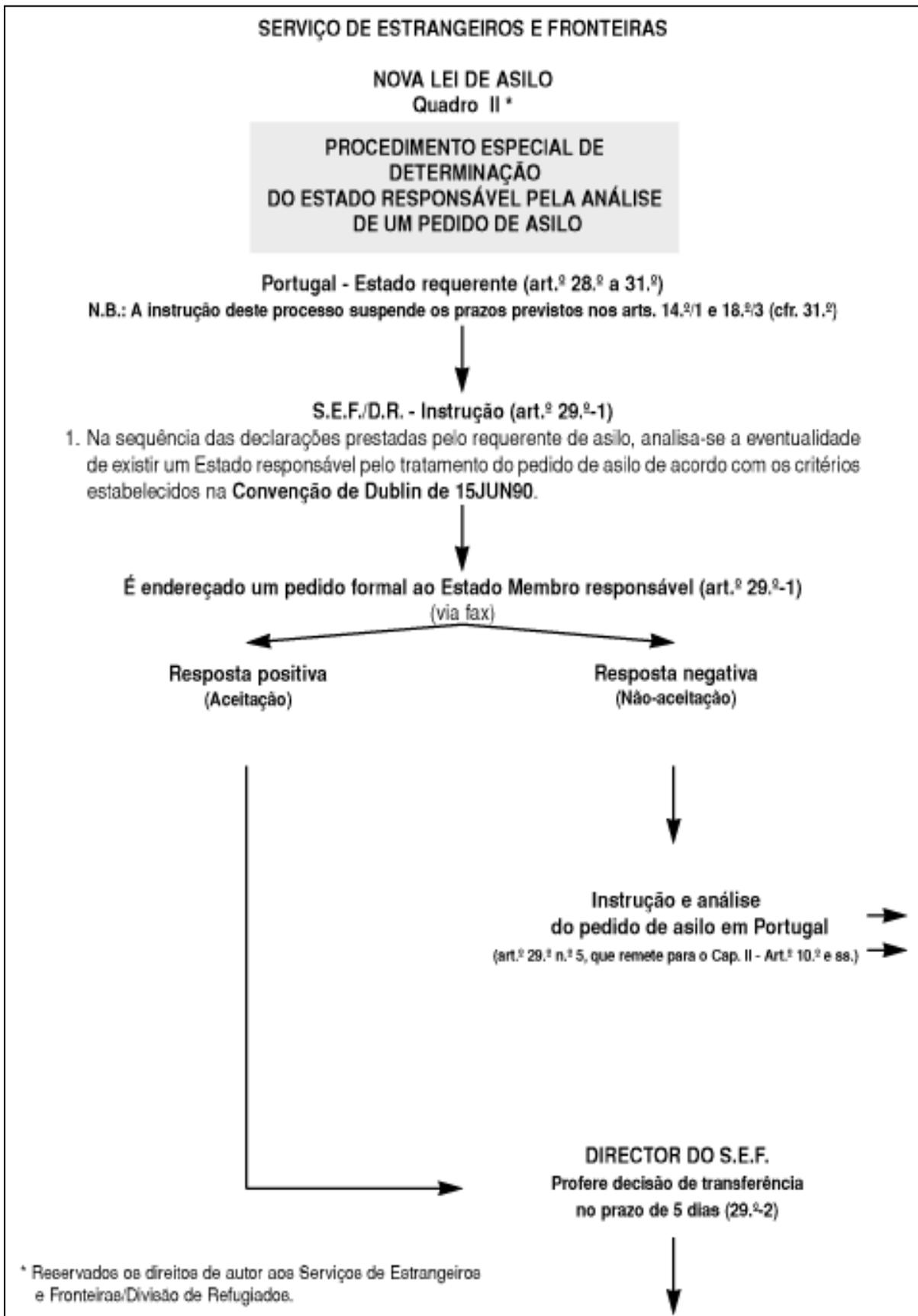
⁷⁵ Disponível em: <http://www.ribatejo.com/ecos/santarem/sthistor.html#Santarém - Morfologia Urbana> (acedido em 23/02/2017)

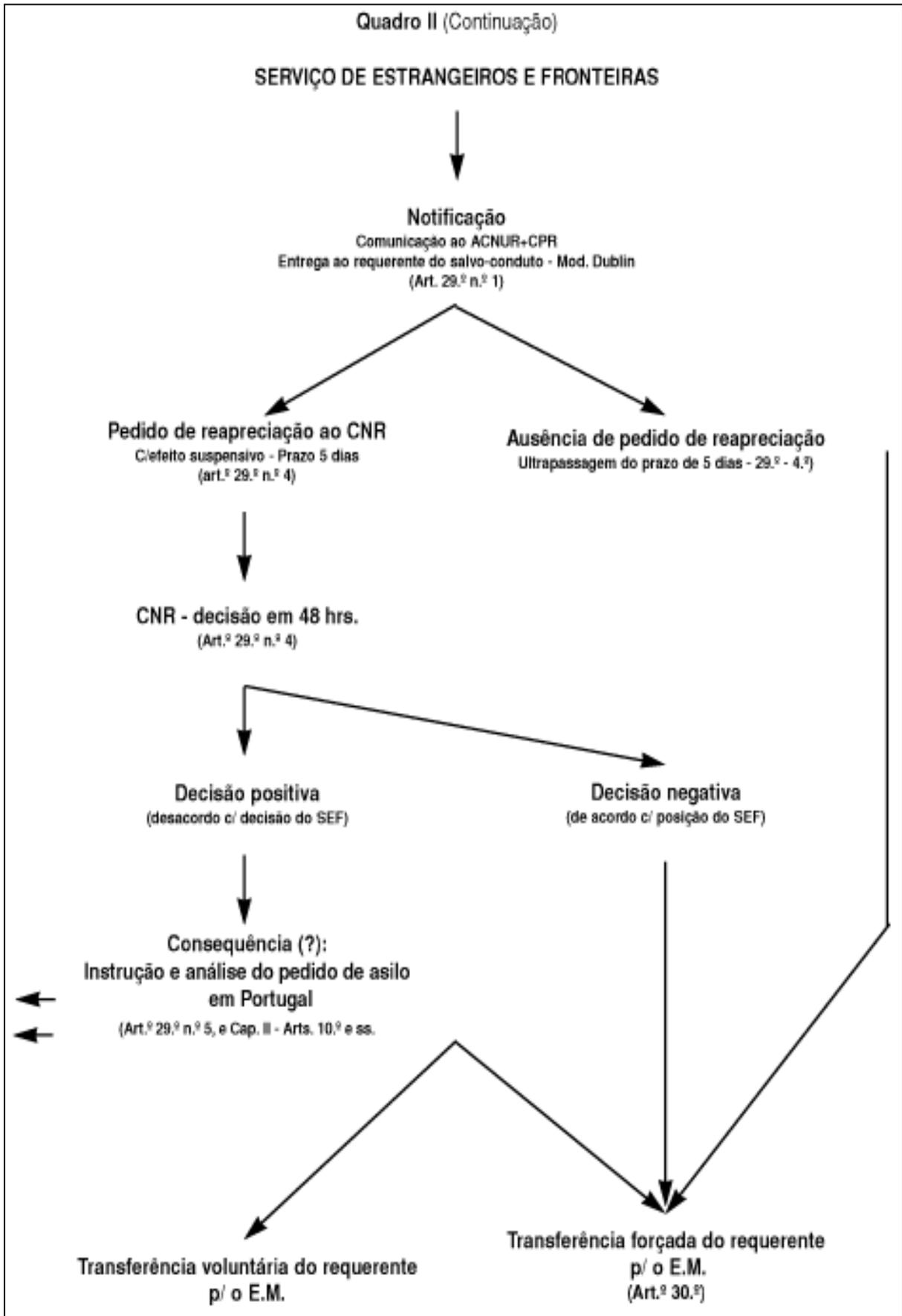
Anexo 12 – Medidas a tomar para a solicitação de Asilo (SEF)











Anexo 13 – Prospeto da Rede CLAIM

The prospectus features a central graphic with overlapping blue circles and scattered colored dots. At the top, the ACM logo (a circle of colorful figures) is positioned above the text 'ACM' and 'ALTO COMISSARIADO PARA AS MIGRAÇÕES, I.P.'. Below this, the CLAIM logo (a circle of colorful dots) is positioned above the text 'CLAIM' and 'CENTROS LOCAIS DE APOIO À INTEGRAÇÃO DE MIGRANTES'. The main title 'REDE CLAIM' is displayed in large white letters on a blue background, with the subtitle 'Uma Rede Local para um Atendimento de Proximidade!' below it. At the bottom, the logos of the Portuguese Republic and ACM are shown.

ACM
ALTO COMISSARIADO PARA AS MIGRAÇÕES, I.P.

CLAIM CENTROS LOCAIS DE APOIO
À INTEGRAÇÃO DE MIGRANTES

REDE CLAIM

Uma Rede Local
para um
Atendimento de Proximidade!

REPÚBLICA PORTUGUESA

ACM
ALTO COMISSARIADO PARA AS MIGRAÇÕES, I.P.

Anexo 14 – Tutorial da construção de um gráfico termopluiométrico

1º passo – seleccionar os dados da tabela

(ATENÇÃO que não é para seleccionar os dados da primeira linha. Seleccionar os dados que estão dentro da caixa a vermelho)

Construção de um gráfico termopluiométrico

Tabela I - Dados da série climática 61-90 para a estação de Montalegre

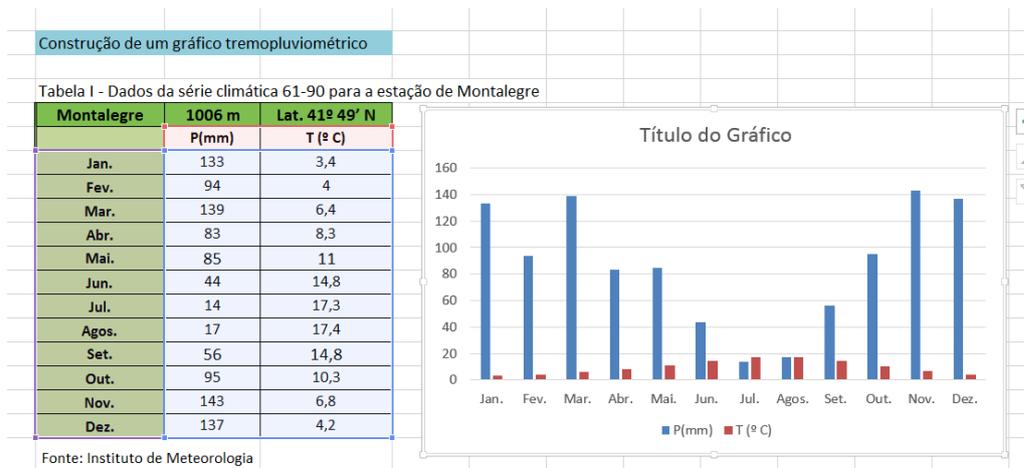
Montalegre	1006 m	Lat. 41º 49' N
	P(mm)	T (º C)
Jan.	133	3,4
Fev.	94	4
Mar.	139	6,4
Abr.	83	8,3
Mai.	85	11
Jun.	44	14,8
Jul.	14	17,3
Agos.	17	17,4
Set.	56	14,8
Out.	95	10,3
Nov.	143	6,8
Dez.	137	4,2

Fonte: Instituto de Meteorologia

2º passo – inserir gráfico

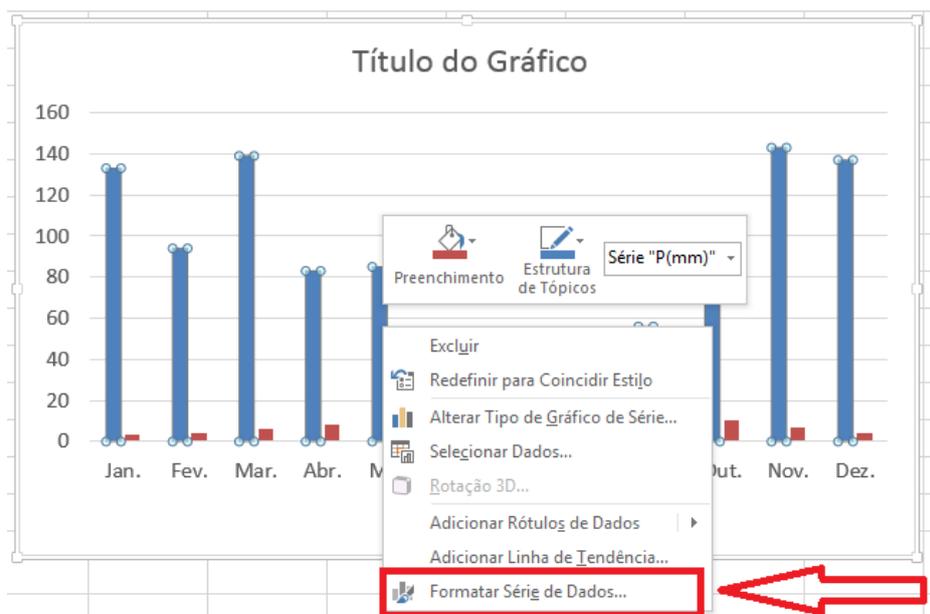


Após inserirem o gráfico aparecerá um gráfico idêntico a este

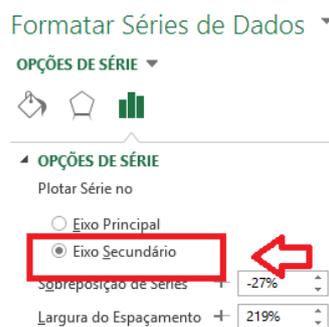


3º passo – enviar a variável da precipitação para o eixo secundário

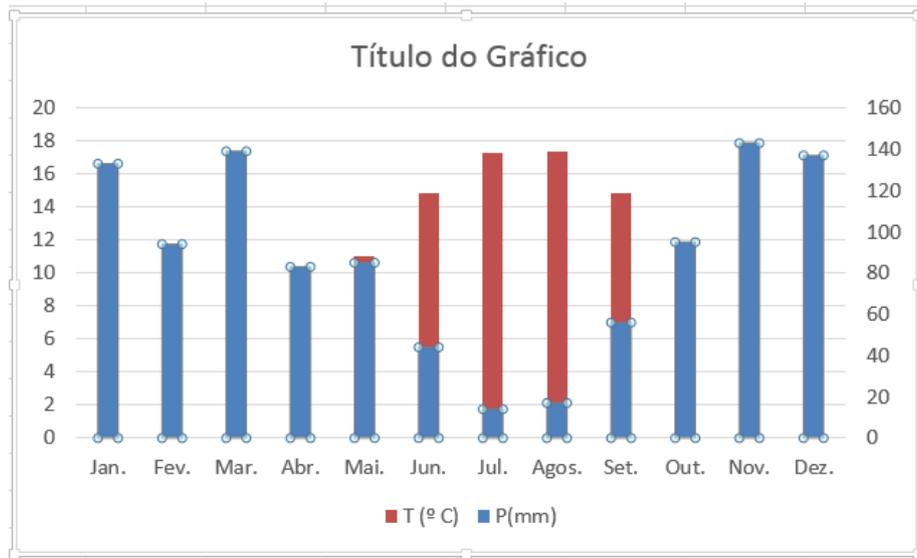
- Clicar com o botão direito do rato sobre uma qualquer barra de precipitação e escolher a opção “formatar série de dados”



- Escolher a opção “eixo secundário”

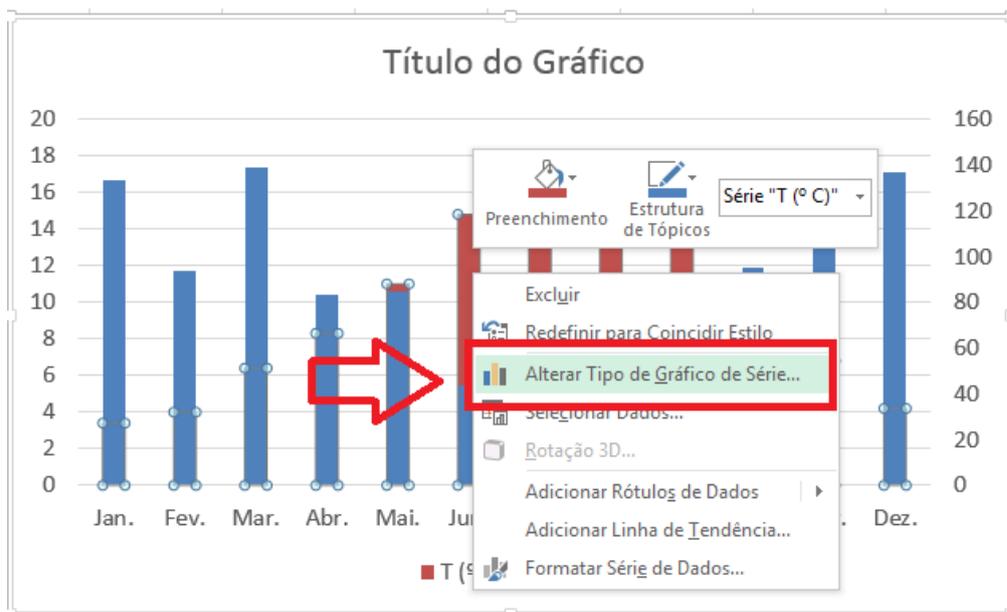


Após efetuarem os passos anteriores aparecerá um gráfico idêntico a este



4º passo – passar a variável temperatura de barras para uma linha

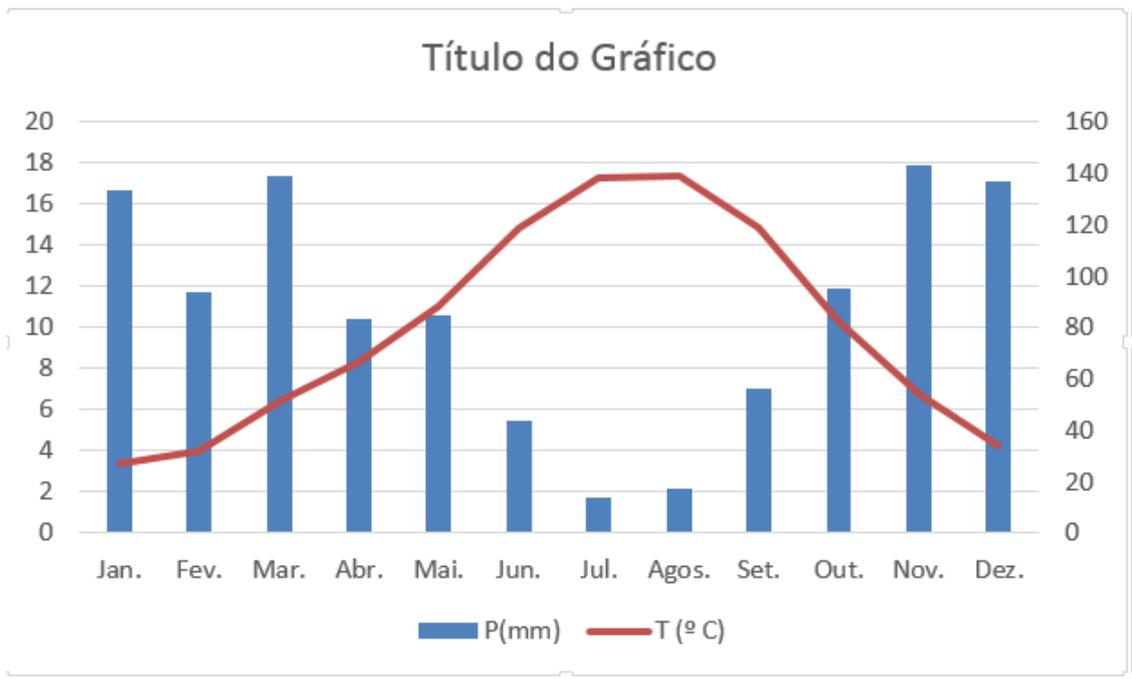
- Clicar com o botão direito do rato sobre a barra da temperatura e escolher a opção “alterar tipo gráfico de série”



- Escolher um tipo de gráfico de linhas



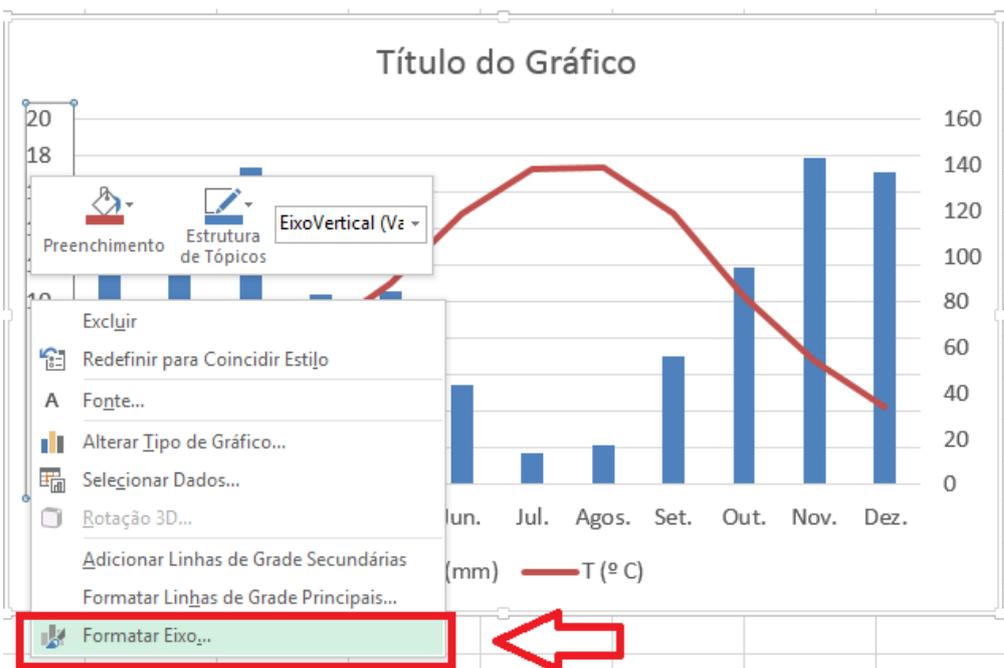
Após efetuarem os passos anteriores aparecerá um gráfico idêntico a este



Nós já definimos o que é um **mês seco**. Assim, deste modo, temos de obedecer a regra de $P < 2 * T$ na representação gráfica

5º passo – ajustar as escalas verticais (quer de temperatura quer de precipitação)

- Clicar com o botão direito do rato no eixo da temperatura e escolher a opção “formatar eixo”



- Aqui neste passo é importantíssimo perceber o que é um **mês seco**. Neste caso damos ao valor máximo de 80 uma vez que é metade de 160 (respeitando assim a regra de $P < 2 * T$).

Formatar Eixo

OPÇÕES DE EIXO ▾

OPÇÕES DE TEXTO



OPÇÕES DE EIXO

Limites

Mínimo Automático

Máximo Automático

Unidades

Principal Automático

Secundária Automático

Eixo horizontal cruza em

Automático

Valor do eixo

Valor máximo do eixo

Unidades de exibição

Mostrar rótulos das unidades de exibição no gráfico

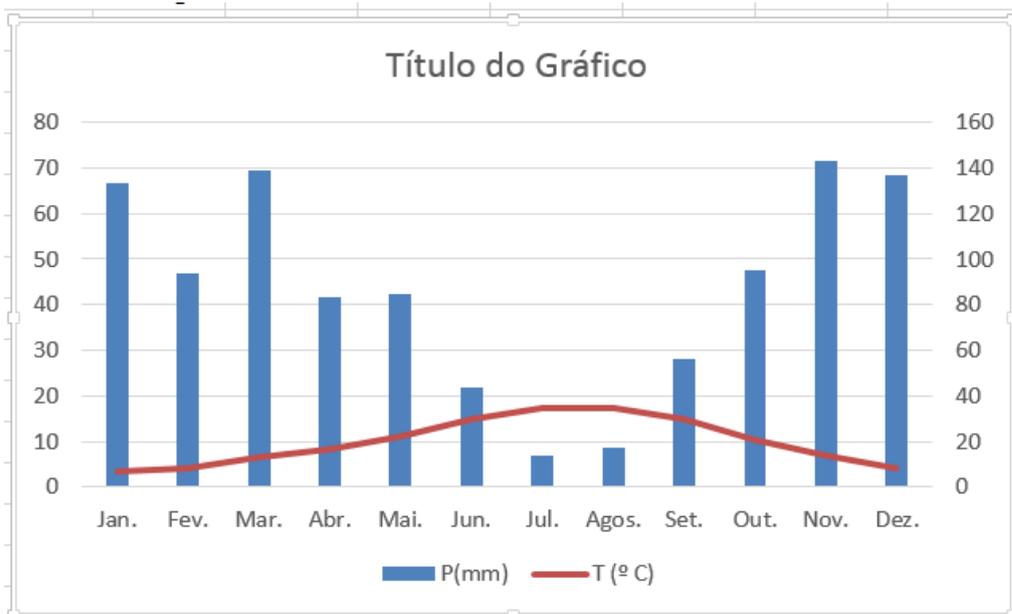
Escala logarítmica Base

Valores em ordem inversa

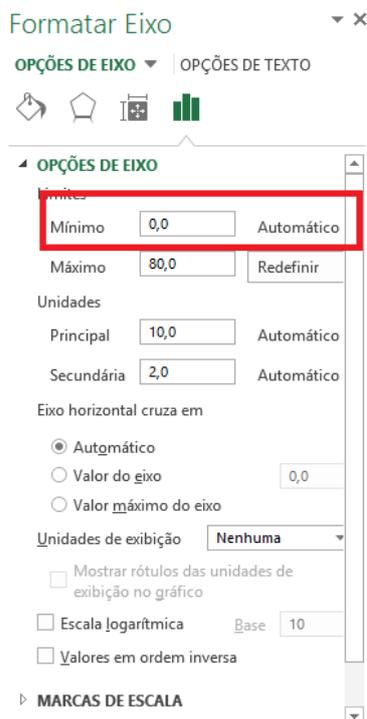
MARCAS DE ESCALA

(por exemplo, imaginemos que o valor máximo de precipitação era de 500 mm. Neste caso o valor máximo que deveríamos colocar era de 250)

Após efetuarem os passos anteriores aparecerá um gráfico idêntico a este



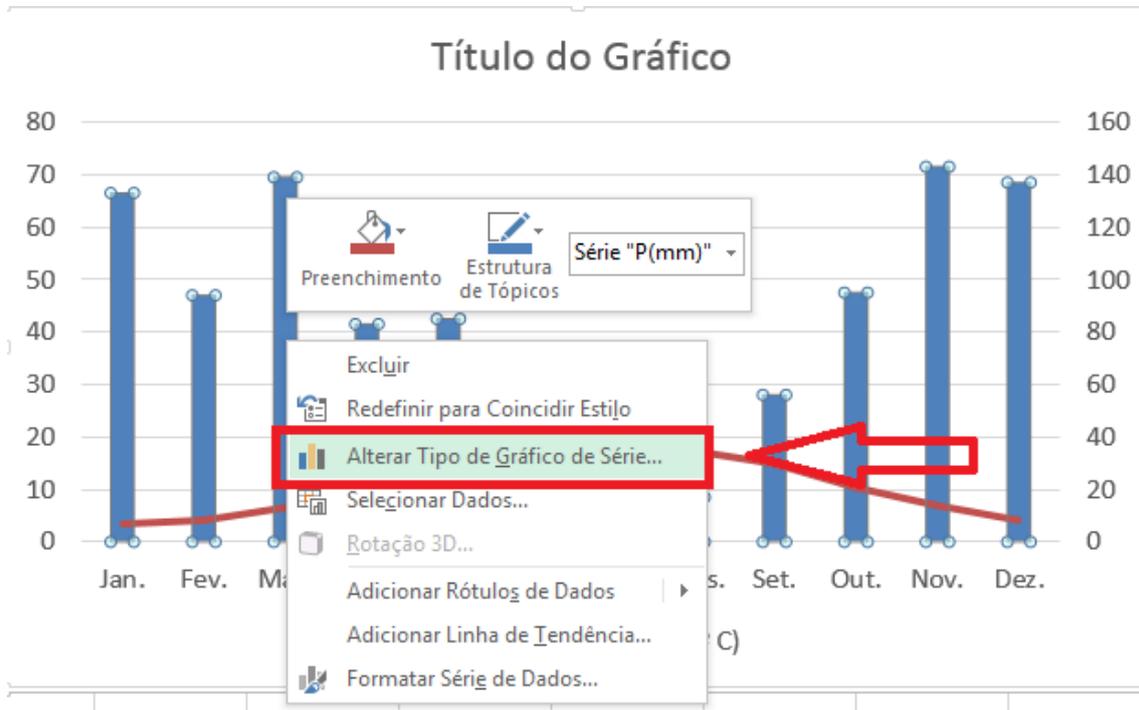
Aqui neste quinto passo convém chamar a atenção para o caso de estarmos a fazer um gráfico termopluiométrico com temperaturas negativas. Nestes casos temos de aplicar o mesmo raciocínio mas nos valores “mínimo”



(por exemplo, imaginemos que um valor temperatura de - 10 °c. Neste caso o valor mínimo teríamos de colocar no eixo da precipitação seria de -20 °c)

6º passo – “Alargar” as barras da precipitação

- Clicar com o botão direito do rato numa das barras da precipitação e escolher a opção “formatar serie de dados”



- Colocar 0% na largura de espaçamento

Formatar Séries de Dados

OPÇÕES DE SÉRIE



OPÇÕES DE SÉRIE

Plotar Série no

- Eixo Principal
 Eixo Secundário

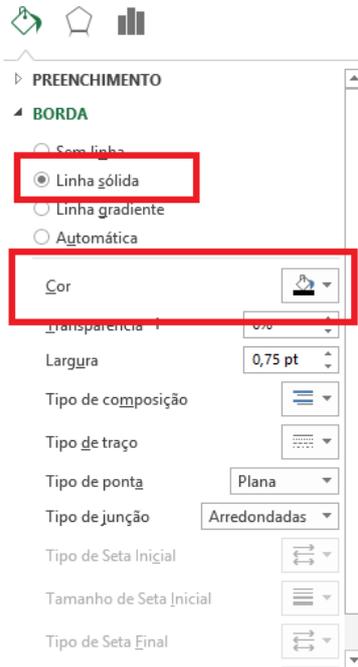
Sobreposição de Séries + -27%

Largura do Espaçamento | 0%

- Colocar uma linha preta sobre as barras de precipitação

Formatar Séries de Dados

OPÇÕES DE SÉRIE

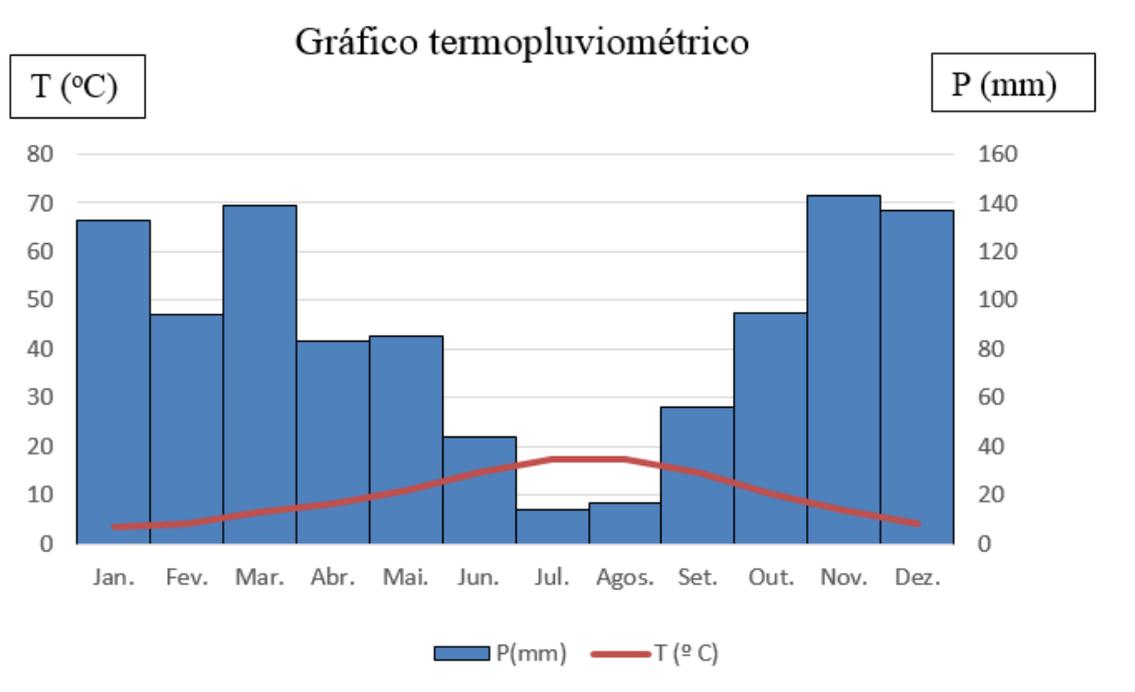


7º passo – colocar legendas nas escalas verticais

- Inserir duas caixas de texto e as colocar nos respetivos eixos verticais

T (°C)

P (mm)



Anexo 15 – Conteúdos programáticos lecionados (7º ano)

Meta 1 – “Compreender o clima como o resultado da influência dos diferentes elementos atmosféricos”.

Descritores:

1. Caraterizar o estado de tempo para um determinado lugar e num dado momento”.
2. “Distinguir estado de tempo de clima”.
3. “Definir diferentes elementos de clima: temperatura, precipitação, humidade, nebulosidade, insolação, pressão atmosférica e vento”.
4. “Identificar os instrumentos utilizados para medir e registar os elementos de clima e as respetivas unidades de quantificação”.
5. “Justificar a utilidade da previsão dos estados do tempo”.

Meta 2 – “Compreender a variação diurna da temperatura”.

Descritores:

1. “Descrever a variação diurna da temperatura em diferentes lugares da Terra, com base em gráficos”.
2. “Calcular a temperatura média diurna e a amplitude térmica diurna”.
3. “Relacionar a variação diurna da temperatura com o movimento de rotação da Terra”.
4. “Relacionar o ângulo de incidência dos raios solares com a espessura da atmosfera a atravessar e com a superfície de incidência”.

Meta 3 – “Compreender a variação anual da temperatura”.

Descritores:

1. “Descrever a variação anual da temperatura em lugares do hemisfério norte e do hemisfério sul”.

2. “Inferir as noções de temperatura média mensal e anual, e amplitude térmica mensal e anual”.

3. “Relacionar a variação anual da temperatura com o movimento de translação da Terra, enfatizando os solstícios de junho e dezembro e os equinócios de março e setembro”.

Meta 4 – “Compreender a variação da temperatura com a latitude”.

Descritores:

1. “Relacionar os círculos menores de referência com as zonas climáticas terrestres, identificando-as: zona quente ou intertropical; zonas temperadas dos hemisférios norte e sul e zonas frias dos hemisférios norte e sul”.

2. “Interpretar a distribuição das temperaturas médias à superfície da Terra a partir da leitura de mapas de isotérmicas”.

3. “Explicar os principais fatores que influenciam a variação espacial da temperatura”.

Meta 5 – “Compreender a variação da temperatura em função da proximidade ou afastamento do oceano”.

Descritores:

1. “Explicar a função reguladora do oceano sobre as temperatura”.

2. “Definir correntes marítimas”.

3. “Localizar correntes marítimas quentes e frias à escala planetária, salientando as do Atlântico Norte”.

4. “Relacionar a variação da temperatura junto à costa com as correntes marítimas”.

Meta 6 – “Compreender a variação da temperatura em função do relevo”.

Descritores:

1. “Explicar a influência da altitude na variação da temperatura”.

2. “Definir gradiente térmico vertical”.

3. “Explicar a influência da exposição geográfica das vertentes na variação da temperatura (vertentes umbrias/sombrias de soalheira)”.

Meta 7 – “Compreender diferentes fenómenos de condensação e sublimação”.

Descritores:

1. “Caraterizar diferentes fenómenos de condensação e de sublimação junto à superfície: orvalho, nevoeiro e geada”.

2. “Associar as nuvens a fenómenos de condensação em altitude”.

Meta 8 – “Compreender a distribuição da precipitação à superfície da Terra”.

Descritores:

1. “Distinguir humidade absoluta de humidade relativa”.

2. “Definir ponto de saturação”.

3. “Identificar diferentes formas de precipitação: chuva, neve e granizo”.

4. “Descrever a distribuição da precipitação à superfície terrestre a partir da leitura de mapas de isoietas”.

5. “Referir fatores que influenciam a variação da precipitação à escala planetária”.

Meta 9 – “Compreender a influência dos centros barométricos na variação da precipitação”.

Descritores:

1. “Definir isóbara”.

2. Distinguir centros de altas pressões (Anticiclones) de centros de baixas pressões (Depressões)”.

3. “Reconhecer o efeito da força de Coriolis nos movimentos do ar, no Hemisfério Norte e no Hemisfério Sul”.

4. “Explicar a circulação do ar nos centros de altas e de baixas pressões”.
5. “Localizar os principais centros de altas e baixas pressões em latitude e relacioná-los com a variação da precipitação à escala planetária”.
6. “Identificar os principais centros barométricos que influenciam o clima de Portugal”.

Meta 10 – “Compreender a influência das massas de ar na variação da precipitação”.

Descritores:

1. “Definir massa de ar”.
2. “Distinguir superfície frontal de frente”.
3. “Explicar o processo de formação das chuvas frontais”.

Meta 11 – “Compreender a ação de fatores regionais na ocorrência de precipitação”.

Descritores:

1. – Explicar o processo de formação das chuvas de relevo ou orográficas”.
2. Explicar o processo de formação das chuvas convectivas”.
3. Relacionar a variação da precipitação com as correntes marítimas”.

Meta 12 – “Compreender a importância da representação gráfica da temperatura e precipitação na caracterização dos tipos de clima”.

Descritores:

- 1.” Definir gráfico termopluiométrico”.
2. “Construir gráficos termopluiométricos”.
3. “Interpretar os regimes térmico e pluviométrico a partir de um gráfico termopluiométrico”.

Meta 13 – “Compreender as relações entre os tipos de clima e as diferentes formações vegetais nas regiões quentes, temperadas e frias”.

Descritores:

1. “Construir gráficos termopluviométricos referentes a diferentes climas do mundo (equatorial, tropical húmido e tropical seco, desértico quente; temperados marítimo, continental e mediterrâneo; frio continental e subpolar)”.
2. “Comparar as características termopluviométricas dos diferentes tipos de climas do mundo”.
3. “Localizar os diferentes tipos de clima do mundo”.
4. “Caraterizar as formações vegetais associadas a cada um dos climas do mundo (floresta equatorial, savana, estepe, xerófila dos desertos quentes; floresta mediterrânea, floresta caducifólia e estepe/pradaria; floresta boreal de coníferas e tundra)”.

Meta 14 “Compreender o clima de Portugal e as principais formações vegetais”.

Descritores:

1. “Caraterizar o clima de Portugal Continental e dos arquipélagos dos Açores e da Madeira, tendo por base diversos gráficos termopluviométricos”.
2. “Explicar a influência dos fatores climáticos na variação da temperatura e da precipitação, em Portugal Continental e nos arquipélagos dos Açores e da Madeira”.
3. “Caraterizar as principais formações vegetais em Portugal continental e nos arquipélagos dos Açores e da Madeira”.

Anexo 16 – Conteúdos programáticos lecionados (8º ano)

Domínio – “População e povoamento”.

Subdomínio – “evolução da população mundial”.

Conteúdo – “Demografia”.

Meta 1 – “Conhecer e compreender diferentes indicadores demográficos”.

Descritores:

1. “Explicar a importância dos recenseamentos gerais da população para a Geografia e o ordenamento do território”.

2. “Definir: demografia, natalidade, mortalidade, crescimento natural, taxa de natalidade, taxa de mortalidade, taxa de mortalidade infantil, taxa de crescimento natural, índice sintético de fecundidade, índice de renovação das gerações, índice de envelhecimento, esperança média de vida à nascença, migração, saldo migratório, crescimento real ou efetivo”.

Meta 2 – “Aplicar o conhecimento de conceitos para determinar indicadores demográficos”.

Descritores:

1. “Calcular: crescimento natural, crescimento real ou efetivo, taxa de natalidade, taxa de mortalidade, taxa de crescimento natural, taxa de mortalidade infantil, saldo migratório, índice de envelhecimento”.

2. “Explicar o significado dos resultados obtidos através do cálculo de indicadores demográficos, refletindo sobre as respetivas implicações do ponto de vista demográfico”.

Conteúdo – “Evolução demográfica mundial”.

Meta 3 – “Compreender a evolução demográfica mundial”.

Descritores:

1. “Descrever a evolução da população a nível mundial, a partir da leitura de gráficos”.

2. “Distinguir regime demográfico primitivo de transição demográfica, explosão demográfica e regime demográfico moderno”.
3. “Comparar a evolução da população em países com diferentes graus de desenvolvimento”.
4. “Explicar a evolução das taxas de natalidade e mortalidade, e de outros indicadores demográficos, em países com diferentes graus de desenvolvimento”.
5. “Problematizar as consequências da desigual evolução demográfica em países com diferentes graus de desenvolvimento”.
6. “Explicar o impacto dos diferentes regimes demográficos no desenvolvimento sustentável mundial”.

Conteúdo – “Estrutura etária da população”.

META 4 – “Representar a estrutura etária da população e compreender a adoção de diferentes políticas demográficas”.

Descritores:

1. “Caraterizar a estrutura etária da população, a partir da construção de pirâmides etárias de diferentes países. Identificar fatores que interferem na evolução da composição da população por grupos etários e sexo”.
2. “Identificar fatores que interferem na evolução da composição da população por grupos etários e sexo”.
3. “Discutir as consequências da evolução da composição da população por grupos etários e sexo, assim como a necessidade de um ajustamento permanente entre os comportamentos demográficos e os recursos disponíveis”.

Conteúdo – “Políticas demográficas”.

Meta 6: “Compreender a implementação de políticas demográficas tendo em consideração a realidade demográfica de um país”.

Descritores:

1. “Distinguir políticas antinatalistas de políticas natalistas, enumerando medidas que promovam o aumento e a diminuição da natalidade”.
2. “Referir exemplos de países onde são implementadas políticas natalistas e políticas antinatalistas”.
3. “Discutir as políticas demográficas implementadas e a implementar em Portugal em função da sua realidade demográfica”.

Conteúdo – “Evolução da população em Portugal”.

Meta 5 – “Compreender a diversidade demográfica em Portugal, através da análise de pirâmides etárias”.

Descritores:

1. “Comparar, com recurso a pirâmides etárias, a evolução da estrutura etária da população em Portugal, nas últimas décadas”.
2. “Comparar as realidades demográficas regionais em Portugal”.

Subdomínio – “A distribuição da população mundial”.

Conteúdo – “Distribuição da população mundial”.

Meta 1 “Compreender a distribuição da população mundial”.

1. “Distinguir população total de população relativa/densidade populacional”.
2. “Descrever a distribuição da população mundial, a partir de mapas, através da localização dos principais vazios humanos e das grandes concentrações populacionais”.
3. “Explicar os fatores naturais e humanos que influenciam a repartição mundial da população”.

Conteúdo – “Distribuição da população em Portugal”.

Meta 2 “Compreender a distribuição da população em Portugal”

Descritores:

1. “Interpretar a distribuição da população em Portugal a partir da leitura de mapas, destacando a litoralização e a bipolarização da sua distribuição”.
2. “Explicar os principais fatores que influenciam a distribuição da população em Portugal”.

Subdomínio – “Mobilidade da População”.

Conteúdo – “As causas e as consequências das migrações”.

META 1 – “Compreender as causas e as consequências das migrações”.

Descritores:

1. “Distinguir migração de emigração e de imigração”.
2. “Caraterizar diferentes tipos de migração: permanente, temporária e sazonal; externa e interna; intracontinental e intercontinental; clandestina e legal; êxodo rural”.
3. “Explicar as principais causas das migrações”.
4. “Explicar as principais consequências das migrações nas áreas de partida e nas áreas de chegada”.

Conteúdo – “Os grandes ciclos migratório internacionais”.

Meta 2 – “Compreender os grandes ciclos migratórios internacionais”.

Descritores:

1. “Caracterizar os grandes ciclos migratórios internacionais, através da interpretação de mapas com os fluxos migratórios”.
2. “Localizar as principais regiões/países de origem da população migrante e principais regiões/países de destino da população migrante”.
3. “Caracterizar a população migrante”.

4. “Referir os fatores atrativos/repulsivos que influenciam as migrações”.
5. “Discutir a importância dos movimentos migratórios na redistribuição da população europeia e mundial”.

Conteúdos – “As migrações em Portugal”.

Meta 3 – “Compreender, no tempo e no espaço, as migrações em Portugal”.

Descritores:

1. “Caraterizar a evolução temporal da emigração em Portugal”.
2. “Localizar os principais destinos da emigração portuguesa”.
3. “Caraterizar a evolução da imigração em Portugal, referindo as principais origens dos imigrantes”.
4. “Caraterizar a situação atual de Portugal no contexto das migrações internacionais”.